

Márcia Regina de Lima Silva

Segmentação Racial no Mercado de Trabalho Brasileiro

Trabalho apresentado ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Banca Examinadora:

Carlos A. Hasenbalg
Orientador

César Guimarães

Neuma Aguiar

Rio de Janeiro

1994

INDICE

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| – O Debate Atual Sobre Relações Raciais no Brasil | |
| – Base de Dados | |
| CAPÍTULO 1: Desigualdade Raciais no Mercado de Trabalho | 13 |
| CAPÍTULO 2: Aspectos Regionais | 46 |
| Considerações Finais..... | 71 |
| Bibliografia..... | 73 |
| Anexos | |
| I. Composição das Categorias Ocupacionais | |
| II. Tabelas do Capítulo 1 | |
| III. Tabelas do Capítulo 2 | |

1. INTRODUÇÃO

1.1 O Debate Atual sobre Relações Raciais no Brasil

As pesquisas mais recentes sobre relações raciais que surgiram no final da década de 70 marcaram um novo momento da discussão sobre a questão racial no Brasil. Preocupados em destruir mitos como o da democracia racial anunciado por Freyre nos anos 30 e rever as teses que subordinavam a questão racial à um problema de classe, esses estudos têm como principal objetivo enfatizar a funcionalidade da discriminação racial como um maneira de alijar os negros do processo de distribuição dos benefícios materiais e simbólicos promovendo, desta forma, resultados mais vantajosos para a população branca. Buscam tornar cada vez mais incontestável a presença de um critério racial que aloca indivíduos de forma diferenciada em todas as principais etapas de seu ciclo de vida. Ou seja, os negros estão expostos a desvantagens que agem de forma cumulativa e que são transmitidas de uma geração para outra.

O trabalho de Hasenbalg (1979) delimita bem a mudança de enfoque em relação ao tratamento do problema racial brasileiro. Seu objetivo principal é a estratificação racial e os mecanismos societários contemporâneos que produzem desigualdades raciais. Sua tese visa desenfatar o legado do escravismo como explicação das relações raciais hoje e aponta o racismo e as discriminação pós-abolição como causadores principais da subordinação social dos negros.

Ele reconhece a existência de um legado escravista real, como por exemplo, a concentração demográfica dos ex-escravos em áreas à margem do desenvolvimento urbano-industrial e o analfabetismo maciço de não-brancos, como fatores que têm participação nas relações raciais pós-abolição. Contudo, nega a existência de um determinismo desse legado para a subordinação social dos não brancos e afirma serem o racismo e a discriminação os fatores principais na explicação dessa subordinação.

Na sua visão, a discriminação e o preconceito adquirem novos significados e funções dentro das estruturas pós-escravistas e não são meros arcaísmos do passado, mas

têm uma relação funcional com a preservação dos privilégios, ganhos materiais e simbólicos que os brancos obtêm da desqualificação competitiva dos não-brancos. Logo, a mudança do critério racial para o preenchimento de posições na estrutura de classes depende mais de fatores políticos de mobilização dos dominados e das divisões no grupo dominante do que de uma lógica inerente ao desenvolvimento da sociedade de classes.

Outros estudos mais recentes na área de relações raciais e desigualdades vêm reafirmando o efeito que a variável cor exerce no processo de realização econômica e social de indivíduos e famílias, através de estudos de temas como processos demográficos, educação, mercado de trabalho, rendimentos, enfim, todos os aspectos onde a presença do critério racial dificulta e estigmatiza uma parcela da população brasileira em diferentes momentos de seu ciclo de vida.

Os estudos na sobre demografia no Brasil apontam que as disparidades raciais afetam as possibilidades de superar o primeiro ano de vida: as taxas de mortalidade infantil, em 1980, era de 77 para brancos e 105 para negros (por mil nascidos vivos). Além disso a expectativa de vida da população negra é menor: a expectativa de vida da população branca, em 1980, era de 66 anos enquanto que para os negros era de 59 anos. (Tamburo, 1987)

Quanto à educação, as pesquisas nessa área apontam para um forte efeito da variável cor no sistema de ensino. Pretos e pardos obtêm níveis de escolaridade muito inferiores aos brancos de mesma origem social, têm menor retorno à escolaridade adquirida em termos de inserção ocupacional e renda. Além disso, os negros que frequentam à escola são prejudicados também pela qualidade de ensino que lhes é oferecida, pois eles frequentam escolas que oferecem o menor número de aulas e se concentram mais na rede pública do que os brancos (Hasenbalg e Silva 1990, Rosemberg 1990, Barcelos 1992, Barcelos 1992a).

Os estudos sobre a participação dos grupos raciais no mercado de trabalho brasileiro buscam avaliar tanto o acesso quanto o desempenho de negros e brancos na força de trabalho. Os negros que ingressam no mercado de trabalho já entram em

desvantagem em relação ao grupo branco, devido às maiores oportunidades que estes últimos tiveram tais como, o acesso à educação formal, constituição de uma família menos numerosa que pudesse investir mais e melhor na educação de seus filhos possibilitando um maior tempo de educação formal. Além disso, os negros estão expostos à discriminação ocupacional onde operam atributos não produtivos - como a sua cor - impedindo o acesso às ocupações mais valorizadas mesmo quando habilitados para isso. Suas possibilidades de ascensão social se limitam, resultando num confinamento desproporcional de negros em ocupações manuais, menos qualificadas e pior remuneradas.

Oliveira et alli (1985) analisando, a partir dos dados da PNAD-1976, a articulação entre raça e estratificação social através do estudo da inserção de negros e brancos na estrutura ocupacional observam que o processo de mobilidade social dos brancos ultrapassa a barreira manual/não-manual, enquanto que os negros se movimentam majoritariamente dentro do estrato manual.

As autoras detectam, em sua análise do processo de alocação de indivíduos na escala ocupacional, uma nítida diferenciação por cor que afetam diretamente o rendimento, o retorno do investimento em educação e a caracterização sócio-econômica das famílias negras. Elas apontam também que os negros não só ganham menos do que os brancos em todas as categorias ocupacionais, como esse diferencial é maior nas ocupações que exigem nível superior.

Hasenbalg (1993) ao analisar o processo de formação da indústria no Brasil e a participação da população negra, levanta algumas causas para o ingresso tardio deste grupo de cor no processo de urbanização e industrialização por qual passou o país, no início deste século e analisa também a situação deste grupo no ano anterior ao centenário da Abolição.

Traçando uma relação entre o acesso dos negros à indústria e a questão da imigração, ele diferencia regionalmente a importância deste fato. A partir dos dados do censo de 1900 e 1920, ele conclui que a imigração foi muito mais intensa no Sudeste, principalmente no estado São Paulo, do que em qualquer outra região do país e as análises

do período que explicam a presença maciça de imigrantes na indústria generalizam esse fato para o Brasil, comprometendo seus resultados. A incorporação tardia e subordinada dos negros no mundo urbano industrial está relacionada às desvantagens associadas com a competição com os imigrantes que desta forma empurraram os negros para as áreas menos dinâmicas e vinculadas à agricultura, com uma participação inferior ao grupo branco em atividades econômicas urbanas e nos setores mais dinâmicos.

Outro fator importante para o processo de realização sócio-econômica dos indivíduos se refere às possibilidades de ascensão social. Mais uma vez, tornam-se nítidas as desvantagens do grupo negro em melhorar suas posições no mercado de trabalho. As dificuldades desse grupo não só são transmitidas de uma geração para a outra como as possibilidades de mudar de ocupação são mais restritas para esse grupo.

Caillaux (1994) analisando a mobilidade social e geracional de negros e brancos no Brasil, através dos dados das PNADs 76 e 88, afirma que nos dois períodos estudados é possível detectar que os grupos sociais se beneficiam diferentemente das oportunidades de ascensão social favorecendo mais aos brancos. Em relação aos dados de 1988 quanto à mobilidade total a autora afirma que:

" ... verifica-se que a mobilidade ascendente, embora predomine em todos os grupos, é mais significativa para homens e mulheres brancos (54% e 51%, respectivamente) seguidos das mulheres e homens pretos e pardos (48% e 47%, respectivamente). Em contrapartida, a mobilidade descendente apresenta uma hierarquia distinta entre homens e mulheres na qual as pretas e as pardas constituem as maiores proporções (35,4%), seguida das mulheres brancas (32,7%), dos homens pretos e pardos (20,4%) e dos homens brancos (17,9%). (Caillaux, 1994, p. 56)

A autora destaca também a questão da mobilidade rural/urbana para os grupos sociais e afirma que as modificações ocorridas nos padrões de mobilidade ocupacional foram afetados pelo intenso processo de urbanização. Num quadro mais geral é possível afirmar, segundo a autora, que filhos de trabalhadores rurais estão empregados, em sua maioria, em ocupações urbanas.

Analisando essa transição levando em conta a cor, ela destaca que, tanto em 1976 quanto em 1988, são os brancos os primeiros a abandonarem as atividades rurais em direção às ocupações urbanas. Em 1988, os homens brancos filhos de trabalhadores rurais se concentram nas indústrias tradicionais, atividades de rotina e atividades técnicas administrativas. Os homens pretos e pardos apresentam um comportamento semelhante aos homens brancos diferindo apenas em termos proporcionais apresentando percentuais de participação inferiores ao grupo branco. As mulheres se dirigem maciçamente para o serviço doméstico, principalmente as pretas e pardas, o que significa, em termos de prestígio, uma trajetória muito mais curta do que a dos homens. Ou seja, as diferenças de sexo são mais decisivas na distribuição dos filhos de trabalhadores rurais no trabalho manual urbano do que as diferenças raciais.

Mas o mesmo não acontece quando se trata das ocupações de maior prestígio. Segundo a autora,

"Considerando-se, por outro lado, a probabilidade de filhos(as) de trabalhadores percorrerem caminhos mais longos em direção a grupos ocupacionais de maior prestígio, verifica-se que não só é baixa essa probabilidade, como a cor passa a ser um interveniente mais forte do que o sexo. A proporção de brancos que atingem as ocupações liberais e de alta administração é, significativamente, maior que a de pretos e pardos."(Caillaux, 1994, p.59)

Dentro dessa discussão acerca da questão racial no mercado de trabalho, vale destacar que há uma diferenciação entre a participação negra masculina e feminina. De fato, as mulheres vêm se beneficiando, ao longo das últimas décadas com algumas melhorias de oportunidades. Elas conseguiram melhorar seu desempenho educacional, e principalmente aumentar o seu contingente na força de trabalho. Mas torna-se necessário diferenciar a participação das mulheres negras no mercado de trabalho, pois sua trajetória é diferente em relação aos homens de seu grupo de cor e principalmente, em relação às mulheres brancas.

Com as mudanças ocorridas na estrutura de emprego no Brasil, principalmente na década de 70, as mulheres tendem a se redistribuírem na PEA abandonando cada vez mais o setor primário e ingressando em atividades nas indústrias e nos serviços modernos. No entanto, as mulheres oriundas das classes populares se dirigem para a prestação de serviços e para os empregos ligados à produção na indústria enquanto que as mulheres de classe média, para os serviços de produção e de consumo coletivo devido seus níveis mais elevados de educação. Essa diferenciação do mercado de trabalho para a mulher a partir de sua origem social sugere que, dada a significativa representação da população negra nos patamares inferiores da sociedade, a mulher deste grupo de cor compõe uma parcela significativa da força de trabalho feminina empregada nos Serviços de Consumo Individual (emprego doméstico e prestação de serviços) e na produção industrial.

Poucos são os estudos no Brasil, tanto na área de relações raciais quanto na área de gênero, que analisam a condição da mulher negra com a complexidade e atenção que o tema merece. Revisitando a reduzida literatura sobre este grupo social específico, baseada em dados quantitativos, observa-se um quadro bastante crítico.

Carneiro e Santos (1985) apontam de início dois problemas para a realização de um estudo sobre a situação sócio-econômica da mulher negra: o tratamento dispensado a população negra nas estatísticas oficiais (nem todos os levantamentos realizados de 1872 até hoje introduziram a variável cor) e a não incorporação desta variável nos estudos sobre a condição da mulher no país.

Nesse trabalho, as autoras lançam mão dos dados sobre a População Economicamente Ativa (PEA) do censo de 80 para São Paulo e Brasil desagregados por sexo, grupos ocupacionais, rendimento médio mensal e educação. A análise privilegia a comparação entre os grupos raciais (negros e brancos) e entre as mulheres (negras e brancas) e dentro do grupo negro (homens e mulheres), concluindo que racismo e sexismo atuam no sentido de reservar a mulher negra o lugar de grupo mais subordinado na sociedade brasileira.

O estudo de Bairros (1991) analisa a participação de mulheres brancas e negras nos setores e ramos de atividade econômica e nas categorias sócio-ocupacionais do mercado de trabalho baiano. Para realizar seu trabalho, a autora toma como base as transformações ocorridas na estrutura produtiva da Bahia entre 1950-1980, onde observa um sensível crescimento da presença de mulheres na força de trabalho. Uma conclusão interessante de seu trabalho é a de que as mulheres negras só apresentam vantagem em relação às brancas no caso do emprego doméstico onde apesar de terem 85% da escolaridade destas têm um rendimento médio 30% superior.

A análise sobre raça, gênero e rendimentos no Brasil feita por Lovell (1992), através dos censos de 1960 e 1980, busca detectar a existência ou não de mudanças quanto a diferença salarial entre brancos e negros. A princípio ela percebe que, nesse período, houve ganhos significativos para homens e mulheres de ambos os grupos raciais, em termos de representação ocupacional e regional, sendo que, em alguns casos, como na educação, por exemplo, o grupo negro aumentou sua representação muito mais do que o grupo branco. A mulher negra foi a mais beneficiada nesse caso.

No entanto, nesses vinte anos, a disparidade salarial entre os dois grupos raciais permaneceu praticamente inalterada. Há uma pequena diminuição dessa disparidade para as mulheres: em 1960, o salário médio mensal das mulheres brancas era 2,5 vezes maior que o das negras; em 1980 essa diferença caiu para 1,89. O mesmo não aconteceu para os homens; em 1960, a vantagem do grupo branco correspondia a 1,7 vezes e permaneceu igual em 1980.

Lovell conclui que a raça exerce independentemente um efeito discriminatório no acesso das pessoas à renda e ao bem estar. Mulheres e homens, negros e brancos com a mesma posição recebem salários desiguais.

Gênero e raça são também, variáveis importantes para a discussão da composição da força de trabalho nos mercados formal e informal. Telles (1990), analisa a importância de determinados atributos sociais como educação, gênero, idade, raça e situação de migrante para a integração do trabalhador num ou noutro setor de trabalho nas áreas

metropolitanas brasileiras. Com a análise de dados obtidos pelo censo de 1980 sobre composição do mercado informal ele observa que:

"...o gênero parece explicar a maior parte da variação de participação no emprego do setor formal ou informal" (Telles, 1990, p.67)

Mesmo quando cruzado com a variável educação observa ter o gênero um efeito mais determinante: às mulheres é necessário uma vantagem de 5 anos de escolaridade para alcançar a mesma probabilidade que os homens de obter emprego no setor formal. Quanto a raça o autor observa que esta variável tem um efeito brando, embora "significativamente negativo, sobre a probabilidade de alguém ser um trabalhador do setor formal". É quando cruza as duas variáveis gênero e raça que temos fortes efeitos.

"(...) as mulheres não-brancas são especialmente propensas a ter um emprego no setor informal, ainda mais do que seria de esperar a partir dos efeitos singulares tanto de raça quanto de gênero, indicando a existência de discriminação especialmente severa de que são vítimas as mulheres não-brancas. (Telles, 1990, p.69)."

Em suas conclusões finais, Telles aponta uma questão fundamental para essa discussão. A variável raça atinge mais determinantemente às mulheres não-brancas do que aos homens do seu grupo de cor, no que se refere a menor probabilidade de se obter emprego no setor formal da economia e que o hiato branco-não-branco atua mais fortemente para as mulheres do que para os homens.

As pesquisas aqui apresentadas demonstram de maneira clara e precisa que a cor atua como um fator reprodutor de desigualdades promovendo na sociedade oportunidades diferenciadas para brancos e negros. É com este intuito que este trabalho se constitui. Seu objetivo é dar um panorama da situação de homens e mulheres, negros e brancos em relação à educação e no mercado de trabalho no Brasil a partir de seus padrões de inserção como taxas de participação na PEA, taxas de desemprego e distribuição na estrutura ocupacional, levando em conta as variáveis idade e educação para a composição do quadro atual.

No primeiro capítulo será feita uma retrospectiva da composição setorial do mercado de trabalho brasileiro, analisando as principais transformações ocorridas que propiciaram o quadro atual do Brasil.

Em relação à educação, será analisado o desempenho escolar dos grupos de gênero e cor a partir das taxas de analfabetismo e anos de estudo. Em seguida, serão analisadas as taxas de participação na PEA e as taxas de desemprego procurando avaliar a situação dos grupos sociais destacados neste trabalho e influencia das variáveis educação e idade, nesse processo de inserção no mercado de trabalho. O último fator a ser analisado, neste capítulo se refere ao desempenho das pessoas que estão exercendo alguma atividade na estrutura ocupacional. Ou seja, em que níveis ocupacionais negros e brancos conseguem se alocar e como as variáveis idades e educação são determinantes nesse processo.

No segundo capítulo, serão analisados os mesmos indicadores do capítulo precedente - educação, taxas de participação na PEA, taxas de desemprego e distribuição ocupacional - levando em conta as disparidades regionais brasileira. Busca-se detectar o desempenho dos grupos sociais destacados neste trabalho a partir da região em que se encontram.

1.2 Base de Dados ¹

Os dados aqui apresentados foram retirados das Tabulações Especiais da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 1990.

Antes de iniciar a análise dos dados é necessário apontar os conceitos básicos aqui utilizados. Em relação à educação, a PNAD-90 nomeou como taxas de analfabetismo a porcentagem das pessoas analfabetas (de um grupo etário) em relação ao total de pessoas (do mesmo grupo etário).

Quanto ao trabalho, a PNAD considera pessoa economicamente ativa a pessoa que na semana de referência foi classificada como ocupada ou desocupada nesse período. Sendo que pessoa desocupada se refere à quem, na semana de referência, não tinha trabalho, mas

¹ Esta base de dados foi elaborada pelo professor Nelson do Valle Silva para o projeto Raça, Gênero e Trabalho Urbano no Brasil: Interpretações, desenvolvido no âmbito do Centro de Estudos Afro-Asiáticos. No anexo 1 se encontra a composição detalhada das ocupações.

tomou alguma providência efetiva para conseguí-lo. E foi classificado como pessoa ocupada quem tinha trabalho durante ou parte da semana de referência (ainda que não tenha trabalhado nesse período por motivo de férias, licença médica, etc.).

É necessário apontar, também, os procedimentos adotados para a construção da classificação ocupacional aqui adotada. A partir dela, o que se pretende é examinar a inserção diferencial dos grupos de gênero e cor e suas trajetórias ocupacionais típicas. As bases de dados utilizadas neste projeto são as Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílio (PNAD's), levantamentos anuais realizados pela Fundação IBGE.

Os procedimentos aqui adotados tiveram como orientação por um lado a necessidade de se discriminar situações socialmente distintas e significativas, e por outro lado, que cada estrato identificado se caracterizasse por relativa homogeneidade nas situações de trabalho de mercado ou seja, posições sócio-econômica internamente semelhante.

A classificação ocupacional adotada pelo IBGE consiste num conjunto extenso de títulos ocupacionais detalhados. A partir dessa classificação, foram feitos agrupamentos que levavam em conta o princípio de homogeneidade interna, mas que facilitasse a análise, pois não seria possível trabalhar com todo o universo ocupacional.

A princípio foi feita uma dicotomia setorial, distinguindo-se os indivíduos engajados no setor primário (ou caracteristicamente rural) daqueles empregados nos setores caracteristicamente urbanos, o terciário e o secundário. Dentro de cada categoria assim formada aplicou-se a distinção entre trabalho manual por um lado, e trabalho não-manual/mental por outro, gerando portanto quatro estratos básicos.

A classificação ocupacional do IBGE incorpora, em certa medida, outros critérios não estritamente ocupacionais, sendo possível por vezes distinções por ramo de atividade ou posição na ocupação. Assim é que, para o setor rural é possível a distinção entre trabalhadores autônomos e os demais trabalhadores e os demais trabalhadores empregados. Adicionalmente, para as posições não-manuais é possível distinguir os proprietários-empregadores daqueles em ocupações técnicas e administrativas. Estas distinções permite dessa forma discriminar quatro estratos básicos no setor rural/primário.

Similarmente, para as ocupações manuais urbanas é possível a distinção do ramo de atividade a que ocupação tipicamente corresponde. Assim, pode-se distinguir entre os trabalhadores em ocupações de serviço e trabalhadores em ocupações industriais. No que diz respeito a este último grupo, dadas as características peculiares do processo de industrialização brasileiro, em que as indústrias mais tardias e modernas tendem a ter um perfil oligolístico, enquanto que as indústrias pioneiras e tradicionais tendem a um perfil mais competitivo, e estão associadas a situações de mercado e de proteção social para seus incumbentes bastante diferenciadas considerou-se que uma distinção significativa a ser adotada seria aquela entre ocupações das indústrias ditas modernas (eletrônica, metalúrgica, mecânica, etc.) por um lado, e as indústrias tradicionais (alimentação, vestuário, construção civil, etc.) e o artesanato, por outro lado.²

Das ocupações manuais de serviços, julgou-se relevante que se destacasse em grupos ocupacionais próprios, tendo em vista sua provável relevância na análise da inserção dos grupos de gênero e cor, os trabalhadores no serviço doméstico e os vendedores ambulantes. Conjuntamente, estas distinções permitem especificar cinco situações de trabalho significativa para o grupo manual urbano.

Sem dúvida, os problemas classificatórios mais complexos surgem quando se trata das ocupações não-manuais urbanas. Em primeiro lugar, porque muitas destas ocupações encontra-se na fronteira entre o trabalho manual e não-manual, sendo que as decisões classificatórias seguem mais critérios de status do que da natureza técnica do desempenho educacional. Além disso, não se de informações que permitam distinções mais finas quanto a posição dos incumbentes das ocupações na estrutura de autoridade.

A primeira distinção significativa permitida pela classificação ocupacional do IBGE é aquela relativa à separação entre funções técnicas e administrativas. Dentre as funções técnicas julgo-se relevante destacar aquelas que tipicamente exigem nível superior de educação para o seu desempenho das demais ocupações técnicas. Adicionalmente, devido à relevância de distinções de *status* no topo da estrutura ocupacional, distingui-se dentro do

² O estrato de artesão foi assimilado ao estrato de trabalhadores nas indústrias tradicionais pelo fato da reduzida incidência de ocupações artesanais entre os homens.

primeiro grupo as profissões liberais clássicas (Engenharia, Medicina, Direito e Economia) das outras ocupações de nível superior.

Quanto às funções administrativas separou-se as ocupações relativas às funções de propriedade (proprietários e conta própria) das funções assalariadas. Para estas últimas introduziu-se distinções de nível de supervisão, que tentam se aproximar do que seria a posição na estrutura de autoridade organizacional. Assim, três posições foram discriminadas: dirigentes e administradores de alto nível, funções administrativas de execução e funções de rotina e de escritório. Estas últimas, de caráter puramente subordinado e sem envolver autonomia decisória, devem caracterizar o que se constitui provavelmente um nicho ocupacional feminino ou negro.

Finalmente, entre as ocupações de proprietários, certamente composta por uma esmagadora maioria de pequenos proprietários, distinguiu-se os empregadores dos empresários conta-própria. Estes são, sem dúvida, os estratos ocupacionais mais problemáticos, não só porque não é possível distinguir-se os pequenos dos grandes empregadores (permitindo a distinção entre a pequena e a alta burguesia), como também o grupo de empresários por conta-própria se restringe aos proprietários no setor de serviços e no comércio.

1. DESIGUALDADES RACIAIS NO MERCADO DE TRABALHO

A partir dos anos 50, o Brasil iniciou uma série de modificações que afetaram profundamente a estrutura do seu mercado de trabalho. O principal gerador dessas transformações foi, sem dúvida, o intenso processo de industrialização e urbanização que marcou profundamente a participação da população brasileira na força de trabalho.

Esses dois fenômenos tiveram como principais consequências a queda da participação do setor primário, o crescimento do setor terciário e o aumento da participação feminina trazendo um novo perfil para a composição setorial do Brasil e da sua força de trabalho.

Hasenbalg e Silva (1988) ao descreverem as mudanças na estrutura de emprego no Brasil entre 1960 e 1980, destacam que os fatores responsáveis pela redistribuição da sua população economicamente ativa são fundamentalmente os apontados acima, graças às altas taxas de crescimento econômico do período.

A nova estrutura de emprego do Brasil, com um perfil urbano, absorve cada vez mais a mão-de-obra oriunda do campo. Em 1960, 54,0% da PEA estava no setor primário, em 1980 esse percentual se reduziu para 29,9%. O setor secundário demonstra um crescimento muito importante aumentando de 12,9%, em 1960, para 24,4%, em 1980 o seu percentual na distribuição proporcional da PEA. O setor terciário, em 1980, já tinha se transformado no maior absorvedor da PEA brasileira crescendo de 33,1% em 1960 para 45,7% em 1980.¹

O aumento da participação feminina é outro fator marcante dessas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 70. A participação das mulheres no mercado do trabalho é uma característica muito importante no novo perfil da força de trabalho brasileira, sobretudo a urbana. Segundo Hasenbalg e Silva (1988),

"Este ingresso das mulheres na força de trabalho faz com que a PEA feminina como proporção da PEA total aumente de 17,9% em 1960 para 20,9% em 1970 e 27,5% em

¹ Os dados até aqui apresentados são da FIBGE, Tabulações Avançadas do Censo demográfico, 1980 e foram extraídos de HASENBALG E SILVA (1988).

1980. Para esses mesmos anos, a participação feminina na PEA não-agrícola aumenta de 26,6% para 29,8% e 33,6%." (Hasenbalg e Silva, 1988, p.25)

Bruschini (1994) confirma esta tendência de intensificação da presença feminina no mercado de trabalho nos anos 70 e aponta alguns fatores para tal fato, tais como a necessidade de complementação da renda familiar que surgiu devido à deterioração salarial dos trabalhadores. Além disso, o mercado recebe, também, as mulheres de classe média e com nível de instrução elevado que face ao aumento do consumo provocou uma redefinição das necessidades econômicas desse grupo. A expansão do emprego nos anos 70 foi generalizada, para ambos os sexos, mas favoreceu principalmente o contingente feminino.

O quadro apresentado até aqui refere-se às décadas de 60 e 70. Para os anos 80 é necessário que se faça uma análise mais cuidadosa pelo fato dessa década ser marcada por uma séria crise econômica que a tornou um tanto peculiar para a composição do quadro econômico e social do país.

Muitos autores têm demonstrado uma preocupação com esse período e buscam, de certa forma, analisar as suas consequências para os diversos setores econômicos e grupos sociais que compõe a força de trabalho brasileira.

Hasenbalg e Silva (1992) analisando pobreza e desigualdade nessa década apontam as causas dessa crise. Segundo eles,

"No caso específico do Brasil, a sociedade que havia mostrado um nível elevado de dinamismo e mobilidade durante a década de 70, entra em zona de turbulência na virada da década seguinte. Com o início da recessão mundial que se seguiu ao segundo choque do petróleo e a chamada crise da dívida de 1982, o Brasil oscila de uma profunda recessão (1980-1983), a um período de recuperação (1984-1985), a um boom econômico com o plano de estabilização de 1986, à retração em 1987-1988, a um novo pico em 1989, e a nova recessão daí em diante." (Hasenbalg e Silva, 1990, p. 5)

Esses acontecimentos levaram a uma queda dos rendimentos, ao aumento das desigualdades de distribuição de renda (com o coeficiente de gini atingindo, em 1989, seu maior índice - 0,635), ao aumento dos índices de pobreza com fortes diferenças regionais, além de um crescimento da pobreza urbana.

Quanto à estrutura setorial, o setor primário manteve o sua tendência anterior, diminuindo sua participação relativa de 32,5% em 1979 para 23,1% em 1989. O setor secundário que tinha apresentado um dinamismo na geração de empregos na década anterior, nesta década é responsável por apenas 23% do aumento das ocupações; já o setor terciário é o que aparece com um maior dinamismo acentuando a sua tendência dos anos anteriores. Este crescimento do terciário tanto pode estar relacionado com uma tendência global de terciarização como pode ser resultado da crise econômica que afetou muito a dinâmica do setor secundário.

No entanto, os autores destacam que apesar do crescimento da população ocupada em atividades econômicas urbana ter sido menor que na década de 70 - 4,2% e 6,0%, respectivamente - foi considerado um crescimento elevado para um período de crise.

Quanto aos ganhos sociais, a década de 80 registrou uma redução da mortalidade infantil, continuou a reduzir as taxas de analfabetismo, principalmente nas áreas rurais, aumentou a expectativa de vida de 60 para 65 anos.

O aumento da participação feminina no mercado de trabalho foi outra tendência que permaneceu nessa década. Entre 1979-1989 as mulheres dão conta de 44,5% do aumento do total de pessoas ocupadas com sua taxa de atividade elevando-se de 33,6% para 38,7%.

Na verdade, até o início dos anos 80, pode-se observar um significativo aumento da participação feminina na estrutura de emprego. Mesmo ainda hoje concentradas em determinados ramos de atividade e ocupações, houve uma mudança qualitativa do emprego feminino.

Analisando a evolução do trabalho feminino no Brasil na década de 80, Spindel (1991) discute uma tese clássica sobre esta parcela da classe trabalhadora. Neste trabalho a

referida autora procura, através da análise de dados sobre a recessão que atingiu a economia brasileira na década de oitenta, rever a hipótese de que nos períodos de crise, as políticas de demissões tendem a atingir primeiramente às mulheres e que com a retomada do ritmo de crescimento econômico a força de trabalho feminina também é a mais prejudicada pelo fato de que são as mulheres as últimas a serem incorporadas à produção.

A autora observa que há de fato nesse período (1980-1984) uma maior tendência de incorporação de mulheres no mercado de trabalho, principalmente no setor terciário. Para ela este setor "parece ser a grande porta de entrada da mulher no mercado de trabalho", pois em 1984 este setor obrigava 69,2% das mulheres empregadas.

A autora aborda ainda uma outra discussão presente nas análises da força de trabalho feminina: "sua disponibilidade em aceitar baixos salários" que se baseia na idéia de que a renda do trabalho assalariado da mulher tem um caráter complementar à renda familiar. Os dados da PNAD-1984, revelam de fato uma defasagem entre os salários de homens e mulheres, com prejuízo para as últimas. O que leva a autora a pressupor "que uma grande parte das vagas abertas (para mulheres) tenha sido em empregos de baixos níveis de remuneração.

Cacciamali (1993) considera os anos 80 como um período que representou para a economia brasileira estagnação e retrocesso. Seu Produto Interno Bruto (PIB), entre 1980 e 1990 teve um aumento de apenas 1,6%; o crescimento da ocupação urbana nos anos 70 foi de 5,1% ao ano enquanto que, nos anos 80, esse crescimento foi de 3,6% ao ano. Sua pesquisa abrange seis áreas metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre) e os dados são da Pesquisa Mensal de Emprego do período de 1985-1990.

Ela destaca dois mecanismos que contribuíram fundamentalmente para o ajuste do mercado de trabalho. O primeiro, foi o aumento das ocupações de baixa qualidade e produtividade muitas das quais assalariadas ou à margem da regulação do mercado de trabalho. O segundo mecanismo expressou-se pela queda da renda real nos segmentos

ocupacionais inferiores e médios e pelo aumento no grau de desigualdade na distribuição de renda.

Outro fator importante observado pela autora, foi em relação à abrangência da regulação do mercado de trabalho brasileiro. Segundo ela, em 1989, no Brasil, os 57 milhões de ocupados se distribuíam da seguinte forma: 66% era assalariado onde 42,8% tinham carteiras assinada; 23,2% não tinham carteira assinada, 23% eram conta própria, 8% eram sem remuneração e 3% eram empregadores. Para Cacciamali:

"Assim, no Brasil incluindo todas as posições na ocupação, praticamente metade dos ocupados - 29 milhões - estaria a exercer o trabalho total ou parcialmente à margem da regulação desse mercado. E, desse total 13,6 milhões eram trabalhadores assalariados e não recebiam, salvo acordo particular com o empregador, os benefícios que decorrem da normatização institucional do trabalho." (Cacciamali, 1993, p.181).

A tabela 2.1 mostra as pessoas ocupadas por sexo, segundo os ramos de atividade nos anos 1976 e 1990 e a partir dela pode-se detectar claramente as considerações que até aqui foram feitas.

Nota-se, então, que a tendência de saída do setor primário é nítida tanto para os homens quanto para as mulheres. Em 1976, o total de pessoas ocupadas em atividades agrícolas era de 36,7%, em 1990 este percentual cai para 22,8%. Vale ressaltar que as mulheres além de apresentarem um percentual bem menor em atividades agrícolas nos dois períodos, reduzem a sua participação, durante esses anos, bem mais do que os homens afirmando a tendência urbana de sua força de trabalho.

Em termos relativos, a indústria não apresentou mudanças significativas para os homens e apresentou uma pequena queda para as mulheres. Mas em termos absolutos, o setor industrial cresceu, para os dois grupos, uma média de 50,0%. Ou seja, em 1976 a indústria alojava 8.994.029 pessoas ocupadas e em 1990 esse número cresce para 14.094.020.

O terciário é realmente o maior absorvedor do período crescendo significativamente em quase todos os seus ramos de atividade. Dentre eles os que mais cresceram foram prestação de serviços, comércio de mercadorias, serviços auxiliares da atividade econômica, social e administração pública.

TABELA 2.1: Pessoas ocupadas segundo sexo e ramos de atividade. Brasil 1976 e 1990.

| RAMOS DE ATIVIDADE | 1976 | | | 1990 | | |
|---------------------------|---------|----------|-------|---------|----------|-------|
| | Homen s | Mulheres | Total | Homen s | Mulheres | Total |
| Agrícola | 40.5 | 27.2 | 36.7 | 28.0 | 13.3 | 22.8 |
| Ind. Transformação | 16.1 | 12.2 | 14.9 | 16.9 | 11.9 | 15.1 |
| Ind. Construção | 9.1 | 0.4 | 6.6 | 9.3 | 0.4 | 6.1 |
| Outras Ativ. Industriais | 1.8 | 0.3 | 1.4 | 1.9 | 0.4 | 1.4 |
| Comércio de Mercadorias | 9.6 | 8.3 | 9.2 | 12.6 | 13.2 | 12.8 |
| Prestação de Serviços | 6.6 | 28.9 | 13.0 | 10.4 | 31.5 | 17.9 |
| Serviços Aux. Ativ. Econ. | 2.1 | 1.6 | 2.0 | 3.3 | 3.0 | 3.2 |
| Transportes e Comunicação | 5.1 | 0.9 | 3.9 | 5.6 | 0.9 | 3.9 |
| Social | 2.5 | 14.3 | 6.1 | 3.4 | 18.2 | 8.7 |
| Administração Pública | 4.0 | 2.3 | 3.5 | 5.4 | 4.3 | 5.0 |
| Outras Atividades | 2.1 | 2.5 | 2.2 | 2.9 | 2.5 | 2.7 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNADs 1976 e 1990.

Feitas tais considerações a respeito do processo de reestruturação setorial de emprego no Brasil, ao longo desses últimos anos, o que se pretende neste capítulo é fazer uma análise das taxas de participação, das taxas de desemprego e da composição da estrutura ocupacional dos grupos de gênero e cor no mercado de trabalho, a partir dos dados da PNAD-1990, levando em conta os atributos individuais de educação e idade.²

Antes de se analisar esses três indicadores será apresentado um quadro da situação atual da educação no Brasil identificando o perfil educacional da população brasileira e de sua força de trabalho. Isto é altamente relevante pelo fato de a educação se comportar

²O objetivo inicial deste trabalho como do projeto em que ele se insere era fazer uma análise comparativa da situação dos grupos de gênero e cor no mercado de trabalho brasileiro tendo como base os dados das PNADs 1976 e 1990 a fim de identificar as mudanças ocorridas ao longo desses anos para tais grupos. Devido à problemas técnicos da própria FIBGE, os dados de 1976 não ficaram disponíveis em tempo hábil para a realização do mesmo.

como um mediador entre a origem social dos indivíduos e sua posição sócio-econômica atual.

2.1 EDUCAÇÃO

O quadro educacional brasileiro sempre foi problemático. Apesar da grande expansão educacional ocorrida a partir da década de 50, ela absorveu parcialmente as demandas da população brasileira, possibilitando que, nos dias de hoje, ainda exista no Brasil um número muito grande de analfabetos e uma população com uma média de escolaridade muito baixa.

Rosemberg (1987) analisando a questão da democratização e desigualdade no sistema educacional brasileiro, afirma que este processo de expansão nas oportunidades educacionais foi orientado por reformas de ensino e por Plano Nacionais que priorizaram aumentar as taxas de escolarização da população brasileira. Mas, apesar deste empenho, os níveis educacionais continuaram extremamente baixos - 3,3 anos de escolaridade, em média (1980).

A despeito dessas reformas e do aumento de oportunidades educacionais o sistema de ensino brasileiro ainda apresenta sérios problemas ligados à qualidade de ensino, que geram grandes índices de evasão e repetência. Ou seja, o problema da educação no Brasil não se relaciona mais com a questão do acesso e sim, com a permanência e desempenho das pessoas no sistema escolar.

Barcelos (1992) discutindo educação e raça no Brasil, a partir dos dados da PNADs-1982 e 1988, ressalta a questão da qualidade de ensino e da permanência dos indivíduos na escola. Segundo ele,

"Hoje conhecemos pontos fundamentais do sistema escolar: quanto ao acesso, 93% dos indivíduos ingressam na escola no Brasil, sendo o problema da absoluta falta de acesso em grande parte localizado na região Nordeste onde se concentram 70,0% dos que não chegam à escola no Brasil; quanto à evasão, é realmente expressiva a partir da 4a. série, sendo desprezível entre 1a. e 2a. séries; quanto à repetência, é o

mais importante obstáculo, chegando a representar a retenção de metade dos alunos matriculados na 1a. série"(Barcelos, 1992a, p. 54).

Além desses problemas, o sistema educacional brasileiro apresenta um perfil diferenciado quando se levam em conta as variáveis gênero e cor.

Em relação às mulheres, que partem de uma situação desigual em décadas anteriores, elas se constituem como o grupo mais beneficiado pela expansão de ensino no país. Em 1980 elas já dividem equitativamente com os homens as possibilidades de acesso à escolarização; sendo que elas já os ultrapassam no ensino básico e no segundo grau e se igualam no ensino superior. Mas, se for avaliado a inserção feminina no sistema de ensino universitário, o quadro se altera bastante.

Rosemberg (1994) avaliando o perfil educacional feminino, demonstra que, apesar de as mulheres se dirigirem aos cursos universitários, elas se concentram em cursos tidos como tipicamente femininos, de status inferior, pouco valorizado no mercado de trabalho e com baixos salários. Ela aponta, através dos dados do Censo de 1980, que 44,6% das pessoas com nível superior eram mulheres, o que confirma a presença praticamente igualitária de homens e mulheres neste nível de ensino. Mas, analisando os ramos de ensino ela indica que, por exemplo, nas áreas de Ciências Humanas 53,8% das pessoas matriculadas eram mulheres, enquanto que para as Ciências Biológicas e para as Ciências Exatas os percentuais de participação eram 40,6% e 18,2%, homens e mulheres respectivamente. No entanto, acredita-se que as mulheres no decorrer dos anos 80 vêm aumentando a sua participação em carreiras consideradas tipicamente masculinas.

A autora destaca que gênero não se constitui mais como uma variável fundamental para explicar as variações nos níveis de escolaridade. Independentemente do gênero, o segmento que apresenta os menores índices de escolaridade estão nas áreas menos desenvolvidas e pertencem ao grupo negro.

Vários estudos têm procurado corroborar a afirmação acima demonstrando como a população negra é prejudicada desde o ingresso na escola até no retorno do investimento

em educação quando se depara com o mercado de trabalho altamente discriminador (Hasenbalg e Silva, 1990, Rosemberg, 1991, Andrews, 1992, Barcelos, 1992). Os negros se concentram em áreas onde existem os maiores índices de analfabetismo, ingressam mais tardiamente na escola, têm os maiores índices de evasão e repetência e atingem o nível universitário em proporções muito inferiores às do grupo branco.

Analisando os dados de 1990 sobre taxas de analfabetismo no Brasil para pessoas de 10 anos ou mais na tabela 2.2, é possível verificar que homens e mulheres têm os mesmos índices - 17,8% e 17,7%, respectivamente. Por outro lado, as diferenças interraciais são gritantes, tanto entre o grupo masculino - homens brancos com 10,3%, homens pretos com 28,1% e homens pardos com 27,5% quanto entre o grupo feminino - mulheres brancas com 11,6%, mulheres pretas com 28,8% e mulheres pardas com 25,5%. Os negros apresentam índices muito mais elevados do que os brancos, sendo as mulheres pretas as mais prejudicadas.

Desagregando esses índices por idade nota-se que de fato a expansão educacional teve um forte efeito na diminuição do analfabetismo, pois os seus maiores índices se concentram nas faixas etárias mais altas. É a partir da faixa dos 45 anos que se encontram taxas de analfabetismo superiores a 20% sendo que na última faixa etária - 75 anos e mais com 58,4% que se encontram sua maiores altas. Entretanto, nota-se que na faixa etária de 10-14 anos os índices de analfabetismo são mais altos. Isto deve estar relacionado com o ingresso tardio dos negros no sistema educacional. É muito relevante, também, o desempenho diferenciado de homens e mulheres negros. As mulheres negras apresentam índices de analfabetismo extremamente inferiores aos dos homens de seu grupo de cor.

Comparando homens e mulheres se confirma a tese de melhor aproveitamento feminino do processo de melhoria dos níveis de escolarização. Até aos 30-34 anos as mulheres mantêm índices de analfabetismo inferiores aos dos homens enquanto que nas faixas posteriores elas apresentam índices maiores. Ou seja, as mulheres que hoje estão com mais de 35 anos não foram beneficiadas pela expansão educacional.

Tabela 2.2 : Analfabetismo das pessoas de 10 anos e mais, por grupos etários, gênero e cor. Brasil 1990.

| Idade | Homens | Mulheres | Homens Branco | Homens Pretos | Homens Pardos | Mulheres Branco | Mulheres Pretas | Mulheres Pardas |
|--------------|-------------|-------------|------------------|------------------|------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| 10-14 | 17.5 | 11.3 | 7.6 | 24.8 | 27.6 | 5.7 | 14.4 | 17.3 |
| 15-19 | 12.4 | 6.4 | 6.1 | 18.2 | 18.9 | 3.6 | 9.9 | 9.6 |
| 20-24 | 11.4 | 8.2 | 5.6 | 18.6 | 17.9 | 4.5 | 13.1 | 13.2 |
| 25-29 | 11.7 | 8.7 | 5.5 | 18.0 | 20.2 | 4.9 | 16.3 | 14.1 |
| 30-34 | 11.8 | 11.1 | 6.3 | 24.5 | 19.4 | 6.0 | 18.7 | 18.7 |
| 35-39 | 14.5 | 16.2 | 7.8 | 23.0 | 24.0 | 9.2 | 28.6 | 25.9 |
| 40-44 | 18.3 | 21.2 | 10.4 | 27.8 | 30.5 | 12.9 | 31.1 | 33.9 |
| 45-49 | 23.2 | 26.2 | 14.0 | 35.1 | 37.2 | 16.0 | 46.2 | 41.6 |
| 50-54 | 23.1 | 30.4 | 13.7 | 35.9 | 38.5 | 20.1 | 43.7 | 46.3 |
| 55-59 | 28.3 | 34.3 | 18.1 | 43.8 | 44.3 | 23.8 | 54.5 | 51.4 |
| 60-64 | 31.9 | 38.8 | 21.0 | 45.4 | 50.3 | 27.5 | 54.8 | 58.1 |
| 65-69 | 38.2 | 45.4 | 26.0 | 61.2 | 56.7 | 32.6 | 70.6 | 65.7 |
| 70-74 | 43.2 | 51.6 | 29.4 | 63.7 | 65.2 | 41.6 | 65.1 | 70.5 |
| 75 e mais | 50.9 | 58.4 | 38.5 | 75.4 | 69.9 | 45.6 | 83.4 | 79.5 |
| MÉDIA | 17.8 | 17.7 | 10.3 | 28.1 | 27.5 | 11.6 | 28.8 | 25.5 |

Fonte: Tabulações Especiais, PNAD do ano.

Mas essa expansão educacional teve um efeito mais direcionado. Voltando a atenção para as diferenças entre os grupos de cor, nota-se que os negros não foram tão beneficiados. Apesar de também apresentarem nas faixas mais novas, menores índices de analfabetismo, quando comparados ao grupo branco é nítida a desvantagem da população negra; principalmente para o grupo masculino que mantêm uma margem de desvantagem em relação aos homens brancos muito maior do que às mulheres negras em relação às brancas.

Quanto aos níveis educacionais, a tabela a seguir (2.3) traz os anos de estudo das pessoas de 10 anos e mais segundo sexo e cor no Brasil em 1990. Nota-se que 40,0% da população brasileira tem menos de 3 anos de escolaridade - 41,9% dos homens e 40,1% das mulheres. Este dados demostram que o problema educacional no Brasil ainda é uma grande questão a ser resolvida. Eliminar o analfabetismo é um grande passo, mas é necessário que se continue a investir na educação pois com níveis de escolaridade tão baixos as possibilidades de realização sócio-econômica da população brasileira estarão seriamente comprometidas.

Analisando as diferenças entre homens e mulheres, nota-se que, de fato, as mulheres estão começando a superar os homens em relação ao nível de ensino, mantendo taxas ligeiramente superiores nas faixas de oito anos e mais e doze anos e mais.

Quanto às diferenças entre os grupos de cor, mais da metade da população negra têm até 3 anos de estudo, apresentando fortes diferenças em relação aos brancos. Na faixa de oito anos de escolaridade e mais o grupo negro chega a apresentar metade dos percentuais observados para os brancos. E no nível de ensino mais alto os negros estão numa situação muito mais inferior ainda, com apenas 2,0% de seu contingente com nível universitário, enquanto que os brancos atingem a proporção de 11,0 %.

Tabela 2.3: Anos de estudo das pessoas de 10 anos e mais, segundo sexo e cor. Brasil

1990.

| Escolaridade | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|------------------|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branças | Pretas | Pardas | Total |
| Menos de 3 anos | 32.0 | 55.0 | 54.7 | 41.9 | 31.5 | 54.3 | 51.8 | 40.1 |
| Oito anos e mais | 32.1 | 14.2 | 15.6 | 24.9 | 32.9 | 14.9 | 17.5 | 26.4 |
| Doze anos e mais | 11.8 | 2.1 | 2.8 | 8.0 | 11.8 | 2.5 | 3.2 | 8.2 |

Fonte: Tabulações Especiais, PNAD do ano.

Após essa breve análise do perfil educacional da população brasileira, o restante deste capítulo se preocupará em caracterizar o desempenho dessa população no mercado de trabalho brasileiro.

2.2 TAXAS DE PARTICIPAÇÃO NA PEA

Uma das principais formas de se avaliar o crescimento econômico de qualquer país é através das taxas de participação dos indivíduos na população economicamente ativa. Até 1980, o Brasil vivenciou, como já foi apontado, um forte crescimento econômico. Segundo os dados do Censo de 1980, o número de pessoas economicamente ativas aumentou de 22.750.028 em 1960, para 43.796.763, em 1980.

Nos anos 80, apesar da crise por que passou essa década, o crescimento da PEA foi relativamente alto: em 1990, segundo os dados da PNAD, a PEA total brasileira era formada por 64.467.742 pessoas. Mesmo não sendo metodologicamente possível comparar censos com PNADs ³, nota-se um crescimento significativo para um período de crise. Analisando os dados sobre a população economicamente ativa nota-se primeiramente que a diferença entre as taxas de participação masculina e feminina é bastante significativa. Por mais que as mulheres tenham conseguido aumentar a participação do seu contingente na força de trabalho, os homens ainda apresentam uma taxa de participação que chega a ser quase o dobro das mulheres - 75,3% e 39,2% respectivamente.

Mesmo com as mudanças ocorridas não só a nível econômico e social, mas também cultural quanto ao papel da mulher na sociedade brasileira, a participação feminina no mercado de trabalho principalmente nos países menos desenvolvidos, continua condicionada a uma série de fatores e atributos tais como seu estado civil, sua renda familiar, idade, cor, educação entre outros. Neste trabalho estão sendo analisado os atributos individuais idade, educação e cor que permitirão apontar de que forma tais atributos atuam sobre as mulheres.

Analisando os dados sobre participação e idade (tabela 1 do anexo 2) é possível observar que a faixa etária em que homens e mulheres apresentam seus maiores índices de participação é entre os 20-24 até 45-49 anos. Sendo que os homens têm a sua maior taxa de participação na faixa dos 30-34 com 97,0%, enquanto que para as mulheres esse fenômeno ocorre na faixa posterior (35-39) apresentando apenas 55,2%.

Outro dado muito importante que se constata a partir do fator idade é o trabalho precoce no Brasil. É espantoso que quase 1/4 das crianças (10-14 anos) do sexo masculino já se encontrem na PEA (24,3%). Isto vai acarretar problemas sérios em relação à escolaridade dessas crianças que tendem a conciliar estudo e trabalho, procurando formas alternativas para o horário escolar que conseqüentemente afetam o seu desempenho, ou

³A pergunta em relação às atividades, nas PNADs se referem a última semana enquanto que a dos censos se referem ao último ano.

tendem a abandonar os bancos escolares com poucas possibilidades de retorno . Esse abandono muitas vezes está relacionado com o fraco desempenho escolar que essas crianças apresentam, que leva à repetência desmotivando-as a investirem na sua formação. A principal consequência desse fato será a formação de uma grande massa de trabalhadores mal qualificados e conseqüentemente mal remunerados aumentando, desta forma, os índices de pobreza do Brasil.

Para as crianças (10-14) do sexo feminino, esses percentuais são bem inferiores, com taxas de 10,6% de participação. Além do fato das mulheres apresentarem, em termos gerais, uma taxa de participação menor na força de trabalho o trabalho infantil masculino é o primeiro a ser solicitado no caso de complementação da renda familiar.

Spindel (1989) analisando crianças e adolescentes no mercado de trabalho destaca que nos anos 70 cresce a demanda pela força de trabalho de crianças e adolescentes, principalmente na zona urbana. Paralelamente, na área rural, há um retrocesso de menores engajados na força de trabalho.

Segundo os dados dos censos de 1970 e 1980, obtidos pela autora, em 1970 12,8% do total de crianças de 10-14 anos faziam parte da força de trabalho; em 1980 esse percentual era de 14,5%. Ela destaca que o empobrecimento da população trabalhadora, gerado pelo aumento da concentração de renda durante essa década, foi um fator impulsionador determinante para a formação dessa mão-de-obra. Além disso, ela aponta que,

"Lembrando primeiramente as vantagens de ordem comportamental, sabe-se que esse segmento da classe trabalhadora, apesar dos seus baixíssimos níveis de remuneração, não reivindica salários, não se organiza e não faz greve. Essa "incapacidade" é realimentada pela sociedade através de suas instituições, que estabelecem que o menor trabalhador é um agente social com muitas obrigações e poucos direitos. O único direito que a sociedade lhe concede livremente é o de trabalhar." (Spindel, 1989, p. 18)

A autora destaca também que, nos períodos de crise, as crianças e os adolescentes são os primeiros a serem demitidos, o que pode afetar duplamente a sua família. Ou seja o tipo de família que fornece menores para a força de trabalho é aquela que tem um chefe de família que também é mal remunerado e mal qualificado e que conseqüentemente também é atingido nos períodos de crise.

Outro fator interessante quanto a idade se refere à saída da PEA. Tanto os homens quanto as mulheres começam a diminuir sua participação na PEA muito cedo. A curva de participação masculina a partir da faixa dos 45-49 anos começa a demonstrar quedas bruscas de participação. Nessa faixa os homens têm uma taxa de 93,0% que cai mais de dez pontos percentuais na faixa seguinte (50-54 anos) apresentando 85,6%. Para as mulheres, este fenômeno também ocorre nas mesmas faixas etárias - 46,6% na faixa dos 45-49 anos e 38,1% na faixa seguinte. Essa saída de homens e mulheres do mercado de trabalho com uma idade que permite uma total produtividade é um fator preocupante, pois são pessoas que se direcionam para a categoria inativos.

Quanto à relação entre educação e participação (tabela 2 do anexo 2) pode-se observar que ela é uma relação diretamente proporcional tanto para os homens quanto para as mulheres - o aumento do nível de escolaridade reflete positivamente nos índices de participação. Considerando a população mais educada do país se encontra nas faixas etárias mais novas, pode-se afirmar que essas duas variáveis (educação e idade) têm seus efeitos relacionados. E a medida que a população mais velha (e menos escolarizada) se retira da PEA, a tendência é que as pessoas que estão entrando na força de trabalho apresentem índices maiores de escolaridade levando a uma futura alteração dessa linha de participação.

Outro dado relevante em relação à educação é que para as mulheres essa variável tem um efeito muito mais forte do que para os homens. Elas partem de uma taxa de participação de 28% sem nenhuma escolaridade para um taxa de 87,5% com 18 anos de escolaridade. Para os homens esses valores são, respectivamente, 72,7% e 93,3%.

Analisando as taxas de participação levando em conta as diferenças entre os grupos de cor, nota-se que as mulheres pretas são as únicas a apresentarem uma taxa de participação significativamente maior do que as brancas e pardas - 46,0% , 39,0% e 38,2% respectivamente. Enquanto que, para os homens os seus índices não são muito diferentes em relação a cor: os brancos com 75,2%, os pardos com 75,5% e os pretos 75,4%. Uma das possíveis explicações para uma maior participação da mulheres pretas pode estar relacionado à chefia feminina ou ao fato de que esse grupo apresenta uma maior taxa de celibato ou se casam mais tarde.

Quanto à variável idade (tabela 1 do anexo 2) os homens negros apresentam, nas faixas mais novas índices de participação mais elevados, principalmente na faixa de 10-14 anos (20,6% para os brancos, 27,2% para os pretos e 28,1% para os pardos) constatando que o problema do trabalho precoce no Brasil tem cor. Com uma origem social mais pobre que o grupo branco, as crianças negras são obrigadas a ingressarem cedo no mercado de trabalho, com o objetivo de complementar a renda de sua família. Na faixa dos 25-29 e 30-34 os homens brancos superam os negros, pois os primeiros tendem a ingressar na força de trabalho mais bem qualificado que os últimos ficando mais por mais tempo nos bancos escolares. Enquanto que os diferenciais por cor para o grupo feminino as mulheres pretas independentemente da faixa etária apresentam índices superiores às brancas e às mulheres pardas.

Quanto a saída da PEA o grupo negro torna a passar a frente dos brancos. Na última faixa etária (75-79 anos), por exemplo os negros ainda têm 1/4 de seu contingente na PEA. Novamente são as dificuldades econômicas deste grupo que os insere precocemente no mercado de trabalho e não permitem que se retirem da força de trabalho com menos idade. O mesmo padrão se repete para as mulheres negras. Isto deve se relacionar à qualidade de emprego que os negros se inserem, que provavelmente não lhes dão cobertura previdenciária e conseqüentemente demoram a ter mais acesso à aposentadoria.

2.3 TAXAS DE DESEMPREGO

Uma análise das taxas de desemprego deve-se levar em conta, em primeiro lugar, o aspecto conjuntural do país, ou seja em que situação econômica ele se encontrava no momento da realização da pesquisa. O ano de 1990 no Brasil foi um ano de forte crise econômica com elevados índices de inflação. Entretanto, a sua taxa de desemprego foi de 3,8% para os homens e 3,4% para as mulheres, taxas relativamente baixas em relação aos países desenvolvidos.

Corseuil (1994) analisando os aspectos teóricos a respeito do desemprego no Brasil destaca alguns fatores que contribuem para a compreensão desse índice. O autor sugere que o procedimento metodológico adotado pelo IBGE para classificar um indivíduo como desempregado são muito elevados tendendo, desta forma, a inchar a categoria de inativos. Este procedimento do IBGE, segundo o autor, tem como objetivo ficar mais próximo dos modelos internacionais permitindo, então, maior possibilidade de comparação.

Ele destaca também que deve-se levar em conta o estado geral do mercado de trabalho brasileiro. A crise dos anos 90 não colocou as pessoas na situação de desemprego, o que ocorreu foi um maior achatamento da renda, diferentemente dos outros anos de crise. Além disso, o setor informal também contribuiu para este baixo índice de desemprego, pois retirou um certo número de indivíduos da condição de desempregado.

Analisando os dados de 1990 para desemprego no Brasil (tabelas 3 e 4 do anexo 2) é possível afirmar que os desempregados são jovens (15-19 e 20-24 anos) que estão ingressando no mercado de trabalho, pessoas com nível educacional de 5 a 8 anos de escolaridade. Por outro lado, os extremos educacionais (analfabetos e pessoas com mais de 11 anos de estudo) são os que apresentam as menores taxas de desemprego.

Quanto às faixas etária, pode-se destacar que a incidência de desemprego nesta idade (15-19) pode estar relacionada com fato dela representar o momento ingresso no mercado de trabalho. Pelos dados da PNAD-1990 as taxas de desemprego nessa faixa etária são de 6,9 % para os homens e 7,6% para as mulheres.

Quanto à educação, o nível de 5 a 8 anos de escolaridade é o que apresenta os maiores índices pelo fato de não proporcionar aos indivíduos uma qualificação profissional mais definida que lhes permitam competir no mercado de trabalho. Quanto aos analfabetos seus baixos percentuais de desemprego estão relacionados ao seu grande número no campo onde as taxas de desemprego são mais baixas.

Analisando as diferenças de gênero e cor, são os homens a apresentarem taxas de desemprego mais altas - 3,8% e 3,4% pretos e pardos respectivamente. Mas são as mulheres que apresentam maiores índices nas faixas onde há uma maior incidência de desemprego (15-19 anos) com 7,6% enquanto que os homens apresentam nessa faixa 6,9%.

Quanto aos diferenciais por cor, são os negros, principalmente os pretos os mais prejudicados - 4,8% para os homens pretos e 4,4% para as mulheres pretas. Na faixa dos 15-19 anos os homens e mulheres pretos chegam a índices de 9,2% e 9,5% respectivamente. Levando em conta o nível educacional, a faixa de 5 a 8 anos que apresenta com maior incidência de desemprego, novamente os negros apresentam os maiores índices chegando a 10,9% para os homens pretos e 12,5% para as mulheres pretas.

2.2 ESTRUTURA OCUPACIONAL

Esta seção tem como objetivo encerrar a análise dos principais indicadores de inserção no mercado de trabalho. A partir dos dados da PNAD-90 (tabela 2.3) para a distribuição ocupacional, pode-se observar em que tipo de ocupações homens e mulheres, negros e brancos se inserem e quais as diferenças entre esses grupos.

Traçando a dicotomia rural/urbano e analisando primeiramente as ocupações rurais destacam-se quatro estratos rurais que sozinhos dão conta de 23,9% das pessoas economicamente ocupadas. Desses quatro é possível observar as desigualdades de estrutura de classes no campo ainda permanecem bastante intensas. A grande maioria das pessoas ocupadas em atividades agrícolas se concentra em apenas duas ocupações: os produtores agrícolas autônomos (6,6%) e os trabalhadores manuais rurais (15,4%) sendo que esta última categoria absorve o maior percentual de pessoas ocupadas em toda PEO (População

Economicamente Ocupada). Esses dois grupos constituem a classe com níveis educacionais mais baixos, são muito mal remunerados e conseqüentemente respondem pelos maiores índices de pobreza do país. No outro extremo encontram-se os proprietários na agropecuária e os técnicos e administradores na agropecuária com uma parcela bem pequena das pessoas ocupadas. Os proprietários podem ser caracterizados como um grupo maciçamente masculino, com baixo nível escolar sendo o seu status garantido pelo capital econômico, no caso a terra. Os técnicos e administradores, apesar de possuírem mais escolaridade não ultrapassam os trabalhadores urbanos nem na educação e tão pouco nos rendimentos.

Tabela 2.3: Estrutura Ocupacional por sexo e cor. Brasil 1990

| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Pretas | Pardas | Total | TOTAL |
|--|--------|--------|--------|-------|--------|--------|--------|-------|-------|
| Prof. Liberais | 0.6 | 0.2 | 0.1 | 0.3 | 0.3 | 0.0 | 0.1 | 0.2 | 0.3 |
| Prof. Liberais Empregados | 1.4 | 0.2 | 0.2 | 0.9 | 1.0 | 0.0 | 0.2 | 0.6 | 0.8 |
| Dingentes e Administradores | 4.8 | 1.3 | 1.7 | 3.5 | 3.7 | 0.6 | 1.5 | 2.8 | 3.2 |
| Outros Prof. Liberais | 2.0 | 0.4 | 0.7 | 1.1 | 4.3 | 1.0 | 1.5 | 3.1 | 2.0 |
| Funções Administ. Execução | 3.3 | 1.1 | 1.4 | 2.5 | 3.2 | 0.8 | 1.5 | 2.4 | 2.4 |
| Não-manual Rotina | 5.6 | 3.6 | 3.7 | 4.8 | 12.1 | 5.0 | 6.5 | 9.7 | 6.5 |
| Propr. Empregadores | 6.0 | 1.4 | 2.5 | 4.5 | 2.5 | 0.4 | 0.9 | 1.8 | 3.4 |
| Empresário Conta Própria | 4.0 | 1.8 | 3.3 | 3.6 | 3.1 | 2.3 | 3.5 | 3.2 | 3.4 |
| Tec, Artista, Supervisor do Trab. Manual | 5.8 | 4.7 | 4.1 | 5.1 | 10.8 | 6.9 | 7.9 | 9.6 | 6.7 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 8.2 | 8.7 | 7.0 | 7.9 | 0.7 | 0.6 | 0.6 | 0.5 | 5.2 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 14.5 | 22.0 | 18.1 | 16.2 | 12.5 | 9.6 | 12.7 | 12.4 | 14.9 |
| Classe Trab. Serviços | 11.0 | 10.4 | 10.1 | 10.6 | 10.2 | 8.3 | 9.7 | 9.9 | 10.4 |
| Trab. Man. Cont. Próp. | 2.2 | 0.8 | 1.7 | 2.0 | 3.1 | 1.0 | 3.0 | 3.0 | 2.3 |
| Trab. Serv. Doméstico | 4.2 | 8.2 | 5.3 | 4.8 | 17.8 | 48.0 | 30.5 | 24.2 | 12.0 |
| Vendedor Ambulante | 1.8 | 2.3 | 2.8 | 2.2 | 2.7 | 2.6 | 3.3 | 2.9 | 2.4 |
| Propr. Agropecuária | 1.9 | 0.4 | 1.4 | 1.7 | 0.2 | 0.1 | 0.1 | 0.1 | 1.1 |
| Tec. Admin. Agropec. | 1.3 | 1.2 | 1.1 | 1.2 | 0.1 | 0.1 | 0.0 | 0.1 | 0.8 |
| Prod. Agric. Autônomo | 8.9 | 7.7 | 10.9 | 9.6 | 0.9 | 1.7 | 2.1 | 1.4 | 6.6 |
| Trab. Manuais Rurais | 12.4 | 23.5 | 23.8 | 17.3 | 10.6 | 11.0 | 14.4 | 12.0 | 15.4 |
| TOTAL | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Fonte: Tabulações Especiais, PNAD do ano.

Nas ocupações rurais as mulheres concentram bem menos do seu contingente de mão-de-obra (13,6%) do que os homens (29,7%) o que pode estar relacionado ao fato de existir uma tendência das mulheres em se alocarem em ocupações urbanas ou ao fato de que existe uma tendência de subenumerar o trabalho feminino no campo, não reconhecendo sua

atividade como economicamente ativa. No grupo proprietários na agropecuária que exige capital e nas ocupações técnicas as mulheres aparecem com um percentual insignificante (0,1%).

Os homens pretos e pardos, são os que mantêm maior representatividade de seus respectivos grupos de cor - 32,8% e 37,2%. A maior presença dos pardos, tanto masculina quanto feminina, é uma característica já marcada e se relaciona com o grande contingente deste grupo de cor nas áreas rurais, principalmente no Nordeste.

As ocupações não-manuais com maior representatividade são as técnicas, artistas e supervisores do trabalho manual (6,7%) e a não-manual de rotina (6,5%) que juntas, dão conta de quase 40% do estrato não-manual. A predominância dessas ocupações pode ser explicada pelo fato delas se caracterizarem como ocupações que não exigem nível universitário, correspondendo no máximo, ao nível médio de ensino, mas estão bem acima da média de escolaridade das pessoas ocupadas. São elas, professores de 1o. grau, auxiliares de escritório entre outras.

As outras ocupações mais expressivas, embora bem menos que as duas primeiras, e que representam uma pequena burguesia são: os proprietários empregadores (3,4%) que representam uma parcela ligada à propriedade e que tem mais capital econômico e menos capital educacional o que leva a crer que ela representa, basicamente, pequenos proprietários; e os empresários por conta própria (3,4%) que é uma categoria um tanto quanto ambígua, pois ela oscila entre a pequena burguesia e o setor informal urbano.

Observando o quadro para Brasil em 1990 pode-se perceber que, no estrato não-manual as mulheres conseguem alocar 33,4% do seu contingente enquanto que os homens atingem o percentual inferior de 26,6%. Mas, ao se detalhar em que tipos de ocupações eles se encontram, a vantagem feminina não é tão presente. Nas ocupações de maior status tais como profissionais liberais, dirigentes e administradores e outros profissionais de nível superior ⁴ e nas ocupações que requerem algum capital (proprietários/empregadores,

⁴Os profissionais liberais se diferenciam de outros profissionais de nível superior pelo fato de que os primeiros correspondem às profissões liberais clássicas (engenharia, medicina, direito). Eles possuem mais status e melhores

empresários conta própria) os homens têm uma representatividade maior do que as mulheres. Já nas ocupações de status mais baixo tais como, não-manual de rotina, técnicos, artistas e supervisores do trabalho manual, as mulheres estão mais representadas - 9,7% para as mulheres e 4,8% para os homens e 9,6% para as mulheres e 5,1% para os homens respectivamente.

A vantagem feminina de concentrar uma maior proporção de seu contingente em ocupações não-manuais, na verdade não traz, comparativamente, maiores benefícios. A provável explicação para uma maior concentração de mão-de-obra feminina no estrato não-manual pode estar no fato de elas se aglomerarem em ocupações ditas tipicamente femininas, como por exemplo, enfermeiras não-diplomadas, no caso da classe dos técnicos artistas e supervisores do trabalho manual e professoras, recepcionistas e datilógrafos no caso do grupo não-manual de rotina. Essas ocupações chegam a pagar salários inferiores aos da indústria moderna e do setor informal. Hasenbalg(1993) analisando a estrutura de classe no Brasil a partir dos dados da PNAD-88 destaca que o setor não-manual baixo tem as seguintes características:

"Esses estratos ocupacionais caracterizam-se pelo predomínio da relação de trabalho assalariado, são os que mais tem crescido nas últimas décadas e experimentaram o impacto da expansão do emprego feminino. A feminização do emprego é particularmente notável no setor não-manual baixo, onde as mulheres ocupam 50,0% dos postos de trabalho.

A situação de alguns grupos ocupacionais do não-manual baixo não se diferencia substancialmente, em termos materiais, dos estratos manuais que desfrutam de uma melhor inserção no mercado de trabalho. Assim, por exemplo, os rendimentos médios dos empregados na categorial não-manual de rotina e funções de escritório são inferiores aos dos trabalhadores manuais da indústria moderna e de alguns trabalhadores manuais do setor informal. " (Hasenbalg, 1993, p. 14)

salários do que os outros profissionais liberais. Para uma melhor discussão a respeito da composição do estrato não-manual brasileiro, ver Hasenbalg (1993).

Analisando as ocupações não manuais levando em conta os diferenciais raciais nota-se que, tanto para os homens quanto para as mulheres as diferenças entre os grupos branco e preto são muito altas. Por exemplo, os homens brancos e as mulheres brancas conseguem atingir um nível de participação nessas ocupações que chega a ser mais do que o dobro da participação dos pretos - 32,5% dos homens brancos e 41,0% das mulheres brancas estão em ocupações não-manuais, enquanto que, para os pretos, somente 14,7% do seu contingente masculino e 17,0% do seu contingente feminino estão nessas ocupações. Os pardos, apesar de estarem com uma situação um pouco melhor em relação aos pretos mantêm igualmente, em relação aos brancos, diferenças significativas, 17,7% dos homens pardos e 33,4% das mulheres pardas.

Outro fator interessante é que dentro das ocupações não-manuais há uma hierarquização que afeta os diferentes grupos de cor. Nas ocupações de maior status (os profissionais liberais e dirigentes e administradores) as diferenças aumentam ainda mais. Os homens brancos estão quatro vezes mais representados nessas três ocupações do que os homens pretos e três vezes mais do que os pardos. Para as mulheres essa diferença chega a oito vezes mais. Já as pardas, comparadas às pretas apresentam uma situação um pouco mais vantajosa - 5,0% das brancas, 1,8% das pardas e 0,6% das pretas.

Nas outras ocupações de status mais baixos do estrato não manual (não-manual de rotina e técnicos artistas e supervisores do trabalho manual) as diferenças permanecem significativas entre os grupos raciais, mas vale ressaltar que são nessas ocupações que pretos e pardos concentram seus maiores percentuais.

A partir da análise do estrato manual, pode-se caracterizar o Brasil como um país formado por uma grande classe trabalhadora com uma mão-de-obra desqualificada, concentrada em ocupações de baixo status e baixos rendimentos. Homens e mulheres se concentram principalmente na indústria tradicional (14,9%), na classe trabalhadora de serviços (10,4%), além do setor informal - composto pelas ocupações trabalhadores manuais por conta própria, trabalhadores de serviço doméstico e vendedores ambulantes -

que é bastante expressivo e que dá conta de 16,7% do total de pessoas ocupadas no Brasil; sendo que só o serviço doméstico responde por 12,0% desse percentual. A indústria moderna que requer uma mão-de-obra um pouco mais qualificada, e paga melhores salários aloca apenas 5,5% do total da PEO, que comparativamente é muito inferior ao desempenho da indústria tradicional.

Para as ocupações manuais mais expressivas, o que se pode destacar é a presença maciça das mulheres no setor informal com 30,1% de seu contingente enquanto que para os homens esse percentual é de 9,0%. Essa sobrerrepresentação feminina se dá devido a sua forte presença no serviço doméstico (24,2%). Na classe trabalhadora da indústria tradicional são os homens que apresentam uma participação bem mais significativa (16,2%). Na classe trabalhadora de serviços a participação de homens e mulheres é mais equilibrada - 10,6% e 10,4% respectivamente. Outra diferença significativa entre homens e mulheres é na indústria moderna onde os homens estão quinze vezes mais representados com 7,9% de seu contingente e as mulheres com apenas 0,5%.

Analisando o estrato manual por cor nota-se que a indústria tradicional se constitui como o maior absorvedor de mão-de-obra masculina negra concentrando 22,0% dos pretos e 18,1% dos pardos. Para as mulheres os setores informal, basicamente o serviço doméstico, e ainda permanece com esse papel, destacando as mulheres pretas e pardas que têm 48,0% e 30,5%, respectivamente, de seus contingentes só nessa ocupação.

Os negros e mestiços que ingressam no mercado de trabalho já entram em desvantagem em relação ao grupo branco, devido às melhores oportunidades que estes últimos tiveram de acesso à educação formal. Além disso os negros estão expostos à discriminação ocupacional onde operam ainda atributos ligados à sua aparência física, impedindo que eles se posicionem nos melhores cargos e em ocupações que lhes permitam um nível sócio-econômico mais elevado. Desta forma, como foi visto, os negros vão se concentrar nos estratos manuais em ocupações menos qualificadas, mal remuneradas e nos estratos rurais onde as condições e relações de trabalho são muito precárias.

Então, 45,7% das pessoas ocupadas no Brasil estão nas seguintes ocupações: Trabalhadores manuais rurais (15,4%), Classe Trabalhadora da Indústria Tradicional (14,9%) e Trabalhadores do Serviço Doméstico (12,0%). Isso demonstra uma desqualificação da força de trabalho brasileira que vai acarretar não só baixos rendimentos, mas também grandes disparidades sócio-econômicas gerada pela concentração de renda. O fato de tão poucas pessoas conseguirem ultrapassar as barreiras sociais fará com que uma pequena parcela tenha melhores salários e conseqüentemente melhores condições de vida.

Avaliar o processo de inserção ocupacional levando em conta a variável educação é bastante significativo pelo fato de que, a partir dela é possível detectar o retorno que os grupos de gênero e cor tiveram do investimento em educação.

A tabela 2.4 apresenta o nível educacional das pessoas economicamente ocupadas por sexo e cor. A partir desses dados é possível identificar que 52,5% das pessoas ocupadas apresentam um nível de escolaridade que atinge no máximo, 4 anos de estudo. Ou seja mais da metade das pessoas que estão exercendo uma atividade no Brasil só completaram o primário. Isto explica a grande concentração de pessoas em atividades manuais, desqualificadas e mal remuneradas visto no início dessa seção. Pessoas com níveis educacionais tão baixos dificilmente conseguiriam alcançar posições melhores no mercado de trabalho.

Tabela 2.4: Nível de Escolaridade das pessoas economicamente ocupadas por sexo e cor.1990

| Anos de Escolaridade | TOTAL | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Pretas | Pardas | Total |
|----------------------|-------------|--------|--------|--------|-------|--------|--------|--------|-------|
| Até 4 anos | 52.5 | 47.2 | 68.3 | 67.4 | 60.0 | 38.0 | 61.4 | 58.1 | 46.7 |
| 5 - 8 anos | 20.8 | 22.2 | 19.8 | 19.3 | 20.9 | 20.9 | 22.4 | 20.1 | 20.6 |
| 9-11 anos | 15.1 | 16.2 | 9.3 | 9.8 | 13.4 | 20.6 | 11.7 | 15.5 | 18.2 |
| 12 anos e mais | 11.5 | 14.4 | 2.6 | 3.5 | 10.8 | 20.4 | 4.5 | 6.3 | 14.4 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: Tabulações Especiais PNAD-1990

Analisando os diferenciais por cor a situação é ainda mais grave. Para o grupo masculino negro, este percentual chega em torno dos 67,0% . Para o grupo feminino negro

os diferenciais são ainda mais alarmantes devido ao bom desempenho escolar do grupo feminino branco que concentra nessa faixa (até 4 anos de estudo) 38,0% de seu contingente, bem inferior a todos os outros grupos.

A faixa dos 5 a 8 anos de escolaridade, que corresponde ao ingresso no ginásio, concentra 20,8% do total de pessoas ocupadas. Tanto as mulheres quanto os homens apresentam um percentual em torno dos 20,0%. E é a faixa onde os diferenciais por gênero e cor são bem menores.

A faixa seguinte, 9-11 anos de escolaridade, que corresponde às pessoas que ingressaram no 2o. grau concentra menos pessoas ainda e os diferenciais por sexo e cor tornam-se novamente significativos. As mulheres brancas novamente se destacam com maiores percentuais nos níveis de escolaridade melhores - 20,6% de seu contingente têm entre 9-11 anos de estudo. Em contraposição estão os homens pretos apenas 9,3% de seus ocupados neste nível.

É na última faixa de escolaridade - 12 anos ou mais - que as diferenças alcançam o seu ápice, pois ela corresponde ao ingresso no nível superior de ensino, uma oportunidade rara no Brasil. As mulheres ocupadas têm 14,4% delas com tal nível de escolaridade enquanto que os homens apresentam um índice um tanto inferior - 10,8%.

Essa análise permitiu detectar o nível de escolaridade das pessoas economicamente ocupadas; a análise que se segue tem como objetivo traçar a relação status ocupacional e educação.⁵

Analisando a inserção ocupacional das pessoas com até 4 anos de escolaridade nota-se que nas ocupações não-manuais os homens estão mais presentes (9,6%) do que as mulheres (7,6%) sendo que as que mais se destacam nesse estrato são ocupações que dependem mais de capital econômico do que capital educacional, como empresário conta própria (3,5%) e proprietários e empregadores (2,4%) no caso do grupo masculino. Para o

⁵Optou-se por trabalhar, no decorrer do texto, com tabelas mais simplificadas indicando apenas os dois estratos urbanos (não-manual e manual) e o estrato rural. Em anexo se encontra as tabelas de distribuição ocupacional por sexo, cor e anos de estudo para 16 grupos de ocupações.

grupo feminino, além de empresário conta própria (3,4%), as ocupações técnicas, artistas e e supervisores do trabalho manual (1,9%).

**TABELA 2.5: ESTRUTURA OCUPACIONAL POR GÊNERO E COR . BRASIL 1990
ATÉ 4 ANOS DE ESCOLARIDADE**

| Ocupações | Homens | | | | Mulheres | | | |
|------------|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| Não-Manual | 12,2 | 6,3 | 7,8 | 9,6 | 9,2 | 4,7 | 6,7 | 7,6 |
| Manual | 46,5 | 47,6 | 41,0 | 44,1 | 65,3 | 75,1 | 65,9 | 66,3 |
| Rural | 41,3 | 46,1 | 51,1 | 46,1 | 25,4 | 20,1 | 27,4 | 25,9 |

Fonte: Tabela 5 do anexo 2.

Nas ocupações manuais, os homens com este nível de escolaridade concentram 44,1% de seu contingente e as mulheres, 66,3%. Sendo que os homens estão basicamente na indústria tradicional com 19,5% e as mulheres na indústria tradicional (15,1%) e serviço doméstico (38,0%). Nas atividades rurais os homens estão fortemente concentrados com 45,1%, diferentemente das mulheres que mantêm neste estrato um contingente bem inferior ao dos homens - 25,9%.

Quanto aos diferenciais raciais, os negros se encontram bem menos representados nas ocupações não manuais do que os brancos concentrando-se majoritariamente em ocupações manuais e rurais (principalmente os pardos). O locus ocupacional para o grupo negro masculino é a indústria tradicional e para as mulheres negras o serviço doméstico.

Na faixa de 5-8 anos de escolaridade (tabela 6 do anexo 2), faixa em que se concentra 20,8% das pessoas economicamente ocupadas, a presença em atividades não-manuais significa uma presença nas ocupações que possuem menor status, como não manual rotina - 6,0% dos homens e 9,0% das mulheres e as técnicas - 5,6% e 6,3% respectivamente. As atividades manuais mais representativas são para os homens a indústria tradicional (20,5% e serviços (19,4%) e para as mulheres além dessas ocupações com 17,2% delas o serviço doméstico é o grande absorvedor alocando 26,2% de seu contingente.

Quanto as diferenças entre os grupos de cor, pode-se destacar a maior concentração dos negros em atividades manuais em detrimento das rurais que nessa faixa alocam mais

brancos. Os homens negros continuam, em relação ao nível educacional anterior, com forte representação na indústria tradicional (28,6% e 21,8%, pretos e pardos respectivamente), e cresce o seu percentual na classe de serviços (17,9% e 18,8%) e na indústria moderna (15,1% e 12,3%). Já as mulheres negras, aumentam o seu contingente na indústria moderna e tradicional e em duas ocupações do setor informal - trabalhadores manuais por conta própria e vendedores ambulantes. Apesar de diminuírem o seu contingente no serviço doméstico o percentual de mulheres negras permanece bastante elevado nessa ocupação - 48,9% das pretas e 30,4% das pardas, enquanto que as mulheres brancas apresentam um percentual de 20,9%.

Com 12 anos ou mais de escolaridade é majoritária a presença de todos os grupos de gênero e cor em atividades não-manuais, sendo que as mulheres estão mais concentradas nessas atividades do que os homens - 91,7% e 87,6% respectivamente. Mas, observando atentamente em quais ocupações as mulheres se concentram, essa vantagem é minimizada, pois comparadas aos homens elas se concentram em ocupações não-manuais de mais baixo status, como não-manual de rotina, 16,7% e técnicas, artistas e supervisores do trabalho manual, 25,5% e outros profissionais de nível superior - que engloba carreiras como assistentes sociais, professores de 2o. grau, entre outras - 19,9%.

**TABELA 2.6 :ESTRUTURA OCUPACIONAL POR GÊNERO E COR. BRASIL 1990
12 ANOS DE ESCOLARIDADE OU MAIS**

| Ocupações | Branco | Homens | | | Mulheres | | | Total |
|------------|--------|--------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | | Pretos | Pardos | Total | Branca | Preta | Parda | |
| Não-Manual | 88,8 | 79,6 | 82,7 | 87,6 | 92,2 | 83,2 | 89,7 | 91,7 |
| Manual | 8,1 | 20,4 | 14,8 | 8,9 | 7,4 | 16,8 | 10,0 | 8,1 |
| Rural | 3,1 | 0,0 | 2,4 | 3,1 | 0,4 | 0,0 | 0,3 | 0,5 |

Fonte: Tabela 8 do anexo 2

Confirmando a tese de que o grupo negro apresenta um menor retorno do seu investimento em educação, esses dados mostram que eles alocam, em relação ao grupo branco, menor contingente de mão-de-obra bem educada no estrato não-manual.

No entanto, existem certas peculiaridades em relação a esse estrato não-manual. Nas ocupações de alto nível, (compostas pelas ocupações profissionais liberais, profissionais liberais empregados e dirigentes/administradores) tanto os homens brancos quanto as mulheres brancas estão mais bem representados; mas vale destacar que os homens pretos estão muito bem representados entre os profissionais liberais com percentuais superiores ao grupo branco.

As mulheres, tanto brancas quanto negras, se concentram maciçamente em outras profissões de nível superior (19,3% das brancas, 13,8% das pretas e 18,7% das pardas) e não-manual de rotina (16,5% das brancas, 20,8% para as pretas e 16,3% das pardas) sendo maior a presença das mulheres negras que conseguiram posições muito inferiores às brancas nas ocupações de alto nível. Por exemplo, em profissionais liberais as brancas concentram 6,3%, as pretas ,0,4% e as pardas, 3,5%.

Nas ocupações manuais, vale ressaltar a presença que o grupo negro ainda mantém na indústria tradicional, no caso masculino com 6,5% dos pretos e 5,2% dos pardos nessa ocupação e no serviço doméstico as pretas ainda mantém 7,3% de seu contingente.

Os dados acima demonstram que a educação ainda é a melhor via de ascensão ocupacional. Os negros, apesar de converterem bem menos o seu investimento em educação do que o grupo branco, pois a sua porcentagem nas melhores ocupações ainda é muito pequena estão conseguindo melhorar a sua presença em ocupações tipicamente brancas. Os negros estão sendo eliminados pelo processo educacional que impede a sua grande maioria de concluir o nível universitário.

A melhoria de oportunidades de acesso à educação e de conclusão do nível universitário, capacitaria melhor os negros a disputarem o mercado de trabalho com os brancos. Não se pode, é claro, ignorar as disparidade raciais aqui encontradas em que negros e brancos com o mesmo nível de escolaridade não se distribuem homoganeamente na estrutura ocupacional. Isto é um nítido efeito da discriminação racial que impede negros de exercerem melhores funções, mesmo que tenham o devido preparo.

A análise que se segue tem como principal objetivo avaliar a inserção ocupacional dos grupos de gênero e cor levando em conta a variável idade. Esse tipo de análise permite identificar a partir de que idade esses grupos entram no mercado de trabalho e em que tipo de ocupação eles se inserem.

Analisando o trabalho infantil no Brasil (crianças com idade entre 10 e 14 anos que estão exercendo alguma atividade) nota-se que, segundo os dados da PNAD-90, existem 2.694.125 crianças exercendo alguma atividade. Ou seja, mais de dois milhões crianças estão trabalhando se ausentando dos bancos escolares ou conciliando trabalho e estudo.

Os dados da sobre a participação na PEA, analisados no início deste capítulo, demonstraram que 25% das crianças estão na PEA. Esses índices para o trabalho infantil são extremamente preocupantes, pois não só indicam uma situação de pobreza familiar muito grande que forçam essas crianças a complementarem a renda, mas também pelo fato de que a possibilidade dessas crianças prosseguirem a trajetória escolar se torna cada vez menor, gerando uma mão-de-obra adulta desqualificada.

Barros e Mendonça (1990) analisando os determinantes da força de trabalho infantil apontam as principais características familiares dos menores trabalhadores e indicam que são famílias com renda per capita inferior a dois salários mínimos e famílias chefiadas por mulheres.

As crianças de 10-14 anos (tabela 9 do anexo 2) do sexo masculino que exercem alguma atividade estão mais concentradas em ocupações rurais (63,4%), principalmente os pardos (67,1%), diferentemente da mulheres que se concentram mais no estrato manual (59,1%).

As atividades manuais exercidas pela crianças são a indústria tradicional (10,3%) e os serviços (8,9%), no caso do sexo masculino e no caso feminino acrescenta-se a essas ocupações a marcante presença do serviço doméstico que dá conta de 38,7%.

As crianças negras que, como já foi visto apresentam as maiores taxas de participação, entram no mercado de trabalho mais cedo devido às dificuldades econômicas de sua

família, terão o seu futuro no mercado comprometido por tais dificuldades. Eles estão mais presentes na indústria tradicional, no comércio ambulante e no serviço doméstico; ou seja ocupações marcadas por baixos salários e menor regulamentação nas relações de trabalho.

A faixa etária de 15 a 19 anos (tabela 10 do anexo 2) é caracterizada pelos seus elevados índices de desemprego, pois representa a fase onde há um maior número de pessoas ingressando no mercado de trabalho, sendo que o número absoluto de pessoas ocupadas nesta faixa, em relação a faixa anterior quase triplica. Ou seja, existiam em 1990, no Brasil, 7.285.928 adolescentes exercendo alguma atividade.

A concentração para os jovens de 15 a 19 anos se dá nas ocupações manuais com 49,5% dos homens e 63,9% das mulheres, apresentando uma forte diminuição do número de pessoas engajadas em atividades rurais - 38,9% dos homens e 16,2% das mulheres. A classe trabalhadora da indústria tradicional, classe trabalhadora de serviços são os maiores absorvedores dessa mão-de-obra jovem tanto masculina quanto feminina, além do serviço doméstico que concentra a maior parte das mulheres. O exercício de alguma atividade nas ocupações não-manuais se referem basicamente às ocupações de técnicos, artistas e supervisores do trabalho manual e não-manual de rotina.

Quanto as diferenças entre os grupos de cor, destaca-se a participação das mulheres brancas em atividades não-manuais que conseguem, já nessa faixa etária, alocar 25,0% do seu contingente estando maciçamente representadas na ocupação não-manual de rotina - 21,3%. A mão-de-obra feminina preta continua se concentrando majoritariamente no serviço doméstico- 57,3%. Os homens negros estão mais representados na indústria tradicional e são os que ainda mantêm uma grande participação nas ocupações rurais, 38,4% dos pretos e 45,4% dos pardos.

Na faixa dos 20-24 anos (tabela 11 do anexo 2), os percentuais para as pessoas em ocupações não-manuais que exigem maior nível educacional já são bem maiores - 24,3% dos homens e 38,5% das mulheres. Mantém-se, no entanto, o padrão de maior enquadramento nas ocupações não-manual de rotina e técnicos, artistas e supervisores do

homens pardos continuam sendo os que apresentam maior concentração em atividades rurais.

Os brancos, tanto os homens quanto as mulheres, são os únicos a apresentarem um declínio mais significativo nas ocupações manuais. Os primeiros concentram, nesta faixa, 41,7% de seu contingente nas atividades manuais; sendo que na faixa etária anterior (20-24 anos) eles concentravam 46,6%. Para as mulheres desse grupo os percentuais são, respectivamente, 39,0% e 47,8%, ou seja, bem melhor do que os homens de seu grupo. A população negra consegue diminuir o número de pessoas concentradas neste setor, mas suas alterações não são muito significativas. As mulheres pretas, apesar da brusca redução de sua inserção nos serviços domésticos em relação a faixa etária anterior, (na faixa de 20-24 anos 48,0% das mulheres pretas estavam ocupadas no serviço doméstico) 40,9% delas ainda se encontram no serviço doméstico.

As pessoas ocupadas com idade entre 30-39 anos (tabela 13 do anexo 2), têm como característica o fato de apresentarem um perfil ocupacional mais definido. É a faixa onde se encontra um maior número de pessoas ocupadas no estrato não-manual. Só na ocupação dirigentes e administradores os homens brancos conseguem nesta faixa alocar 7,0% de seu contingente; 7,6% em proprietários empregadores. Para todo o grupo negro as ocupações de rotina e técnicas continuam sendo o seu nicho.

Já as mulheres brancas conseguem melhorar um pouco sua representatividade nas ocupações de mais status, mas nesta faixa sua concentração em atividades não manuais declinam, alocando 49,0% de seu contingente (na faixa etária anterior o seu percentual era de 53,4%). Elas têm um forte declínio no não manual de rotina que na faixa anterior absorvia 17,2% delas e nesta faixa cai para 10,2%.

As mulheres pretas ainda mantêm 67,8% de ocupação no estrato manual, sendo que desse percentual 45,8% estão no serviço doméstico. E os homens pretos confirmam a indústria tradicional como o seu maior absorvedor. Comparando homens e mulheres do mesmo grupo de cor, as mulheres apresentam vantagens significativas em relação aos

homens. Por exemplo, nesta faixa etária as mulheres pretas alocam 32,2% de seu contingente em ocupações não manuais enquanto que os homens pretos conseguem apenas 18,1%. O que pode explicar esse fenômeno é o fato de as mulheres terem percentuais de concentração bem menores em atividades rurais do que os homens.

O primeiro aspecto que salta aos olhos na faixa do 40-49 anos (tabela 14 do anexo 2), última faixa etária a ser analisada, é o aumento do percentual de pessoas em ocupações rurais em todos os grupo de gênero e cor que pode estar relacionado ao fato de que as pessoas ocupadas em atividades rurais, onde se concentra a população parda, são mais velhas.

Na ocupações não-manuais há um decréscimo de todos os grupos, sendo que os homens pretos mantêm desde a faixa dos 25-29 anos uma porcentagem em torno dos 18,0% não alterando, desta forma, significativamente os seus percentuais nesse estrato independentemente da idade. Os homens brancos apresentam um aumento em proprietários e empregadores e empresário conta própria. Essa mudança no estrato não-manual se relaciona com o fato de que as pessoas mais velhas são menos educadas; por isso ocorre um decréscimo nas ocupações que exigem escolaridade e um aumento nas ocupações que dependem somente de capital econômico.

Nas ocupações manuais, o setor industrial, principalmente a indústria moderna, passa a absorver menos pessoas, demonstrando que existe nesse setor uma demanda por mão-de-obra mais jovem, conseqüentemente, mais educada. A ocupação que apresenta um crescimento razoável é o serviço doméstico, que é para onde se dirigem as mulheres mais velhas e que não têm estudo.

A partir desses dados, pode-se concluir que o perfil das pessoas ocupadas é definido por seus atributos individuais de educação, idade, gênero e cor. A relação entre as duas primeiras variáveis é nítida. Pessoas mais educadas pertencem ao estrato mais jovem, ocupam as melhores posições. As mulheres mais educada estão com mais acesso ao estratos não manuais, só que em ocupações "tipicamente femininas" enquanto os homens

continuam a se destacar nas profissões de comando e de maior status. Ou seja o aproveitamento feminino de inserção ocupacional via educação é bastante direcionado.

Quanto aos negros, é possível afirmar que as ocupações manuais, principalmente a indústria tradicional, a classe trabalhadora de serviços e o serviço doméstico são o seus guetos ocupacionais. Sendo que as mulheres negras apresentam, independentemente de idade e educação, uma concentração muito maior no serviço doméstico do que as mulheres brancas. A grande presença do grupo pardo nas ocupações rurais é outro fator altamente relevante. A sua presença numa atividade, tão mal remunerada, com relações de trabalho extremamente arcaicas e num meio subdesenvolvido e com poucos recursos coloca a população negra numa situação muito desvantajosa em relação ao grupo branco.

Nesse capítulo, avaliou-se o processo acumulativo de desvantagens do grupo negro em relação ao grupo branco. Menos alfabetizados, com os menores índices de escolaridade, ingressando mais cedo na força de trabalho, apresentando as maiores taxas de desemprego e ocupando as posições de menor prestígio mesmo quando conseguem apresentar o mesmo desempenho escolar que os brancos, os negros têm, em todas as etapas de seu processo de realização sócio-econômica, a nítida presença da cor como obstáculo à sua trajetória.

A inserção social dos negros está vinculada a um processo que mantém e reproduz as situações de desigualdades entre os grupos sociais, característica marcante em nossa sociedade. O processo de urbanização e modernização, a geração de empregos nos diversos setores e as possibilidades de mobilidade social beneficiam desigualmente as parcelas negras e brancas da população. Estas situações de desigualdade racial muitas vezes são agravadas pelas diferenças de sexo de seus integrantes reservando às mulheres negras a posição mais desvantajosa entre todos os grupos sociais aqui destacados.

2. ASPECTOS REGIONAIS

O intenso processo de urbanização e industrialização vivido pelo Brasil nos anos 50 e 60 teve como consequência natural uma redistribuição regional de sua população. Entre 1950-1980 a população rural cresceu a uma taxa anual de 2,86% e a população urbana a uma taxa de 5,64%. A partir da década de 60, o Brasil já assume sua condição urbana com mais de 50,0% de sua população com tal situação domiciliar, sendo esse processo intensificado, em termos absolutos, ao longo dessas últimas décadas. Em 1990, segundo os dados da PNAD, 74,0% da população brasileira residia em domicílios urbanos.

Este fenômeno teve como uma de suas principais consequências o agravamento das disparidades econômicas entre o meio rural e urbano e uma diferenciação entre as próprias metrópoles cujos índices de desenvolvimento estão relacionados com a importância de cada uma delas para o cenário econômico e político do país.

A questão regional no Brasil sempre foi um sério problema a ser enfrentado pelos dirigentes do país. Nos anos 50 e 60 algumas medidas foram tomadas com o intuito de diminuir as disparidades regionais, criando-se alguns órgãos voltados para essa questão, tais como o Banco do Nordeste do Brasil, a SUDENE, a SUDAM e a concessão de incentivos fiscais e financeiros ao capital privado, todos visando superar as dificuldades econômicas e sociais das regiões consideradas mais problemáticas.

Alguns estudos apontam que os anos 70 foram marcados por um maior dinamismo social e que as disparidades regionais e urbano-rurais diminuíram significativamente (Albuquerque & Villela, 1991; Albuquerque, 1993). Já nos anos 80, essas diminuições foram mais lentas do que na década anterior e alguns índices, como pobreza e concentração de renda voltaram a subir.

Hasenbalg e Silva (1992) analisando a pobreza na década de 80 destacam que houve, nesse período, um aumento da pobreza urbana, principalmente nas áreas metropolitanas. Segundo os autores, essas áreas concentravam, em 1988, quase 17,0% dos pobres e 11,0% dos criticamente pobres; e que só São Paulo e Rio de Janeiro concentravam 44,9%

da pobreza metropolitana. Eles observam que a metropolização da pobreza pode estar relacionada, entre outros fatores, aos empregos de baixa produtividade ou à economia informal.

Mas, este aumento da pobreza urbana não descaracteriza o Nordeste brasileiro e as áreas rurais do país como regiões mais problemáticas. Indiscutivelmente o Nordeste é a região menos desenvolvida do país e nele se situam três áreas metropolitanas - Salvador, Recife e Fortaleza. As regiões Sudeste e Sul se constituem como as mais desenvolvidas do país. Sendo que esta última apresenta uma peculiaridade quanto a sua composição racial que é predominantemente branca (82,8% das pessoas residentes) e além disso possui um setor agrícola mais desenvolvido do que o das outras regiões.

Albuquerque (1993) analisando os índices de pobreza no Brasil e sua situação por região, a partir dos dados da PNAD 1990, aponta que¹:

Em 1990, o Nordeste, com 21,8 milhões de pobres, detinha 55,0% da pobreza do país, bem como a maior incidência de pobreza (51,0% da população). O Sudeste, embora com 9,7 milhões (25%), detinha entre as macrorregiões, a menor incidência (15,0%). As regiões metropolitanas, no seu conjunto, abrigavam 6,0 milhões de pobres (15,0% da pobreza do país), com incidência de 13,0%. O Rio de Janeiro, 1,5 milhão (4,0%), também com incidência 13,0%; São Paulo, 1,0 milhão (3,0%), com incidência de apenas 6,0%. (Albuquerque, 1993, p. 56)

Tolosa e Rocha (1993) analisando as características do processo de concentração de renda relevantes para a definição de uma política nacional de combate à pobreza apontam que o problema das desigualdades relativas de renda no Brasil vem se tornando progressivamente um fenômeno de natureza urbana, principalmente nas metrópoles. Eles apontam que:

¹O autor utiliza a seguinte definição de pobreza: "Pobres são aqui consideradas aquelas pessoas cujo rendimento familiar per capita mensal é igual ou inferior ao valor de uma "linha de pobreza", correspondente a 1/4 do salário mínimo vigente em 1980 (agosto). Conseqüentemente não pobres são as pessoas cujo rendimento familiar per capita mensal é superior ao valor estabelecido para uma linha de pobreza". (Albuquerque, 1993, p.55)

"Estima-se que no ano 2000, a população urbana brasileira deverá atingir cerca de 137 milhões de indivíduos, dos quais 58 milhões ou 42% daquele total serão residentes metropolitanos. Admitindo a mesma incidência de 1988, ou seja, 13,7%, isso significa um contingente de 8 milhões de pobres vivendo nas nove grandes metrópoles brasileiras." (Tolosa e Rocha, 1993, p.117)

Analisando os índices de pobreza para nove áreas metropolitanas (Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre) aqueles autores afirmam que a proporção de pobres na população metropolitana se distribui em três níveis: incidências mais elevadas nas metrópoles do Norte e Nordeste; médias em Belo Horizonte e Rio de Janeiro e mais baixas em São Paulo e nas metrópoles do Sul.

Estes indicadores de pobreza, principalmente em relação às áreas urbanas do país, estão relacionados aos baixos índices de desenvolvimento de que foi vítima a década de 80, influenciando diretamente no mercado de trabalho brasileiro com uma perda ou inexistência de empregos suficientes para os que nele tentaram ingressar, pelo achatamento salarial e pela queda na qualidade das ocupações.

Neto (1990) analisando as principais mudanças do mercado de trabalho nos anos 80 destaca que a crise da década de 80 atingiu mais fortemente as áreas mais industrializadas do país particularmente os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Isto se deve ao fato da crise ter concentrado seus efeitos negativos na economia industrial urbana do país, principalmente a de bens de capital concentrada nessas áreas. O autor destaca que:

"...entre 1980-1988 o produto interno do Nordeste cresceu a uma taxa anual de 5,1%, São Paulo registrou uma expansão do produto de 2,1% ao ano. O Rio entre 1980-1986 cresceu a uma taxa anual de apenas 0,7%." (Neto, 1990, p. 6)

Mas a pobreza regional não é generalizada para todos os grupos sociais. Ela tem cor. Silva (1993) analisando a situação de pobreza no Brasil levando em conta as disparidades entre os grupos de cor aponta que a proporção de negros em situação de

pobreza (renda familiar *per capita* não ultrapassa 1/4 de salário mínimo) é o dobro da incidência dos brancos.

Destacando o problema regional como um dos fatores responsáveis pela pobreza, o autor coloca que apesar da concentração desproporcional de negros, principalmente pardos no Nordeste, existem diferenças raciais que não podem ser explicadas, pelo menos isoladamente por esse fator. Ou seja tanto brancos quanto os negros têm maior incidência de pobreza nas áreas rurais do que nas áreas metropolitanas, mas as diferenças interraciais permanecem em qualquer área. Analisando a renda *per capita* familiar por cor e por regiões, o autor demonstra que no Rio de Janeiro, por exemplo a incidência de pobreza dos brancos é de 6% enquanto que a dos pretos e pardos é, respectivamente, 12,7% e 13,8%. No Nordeste, esses percentuais são 38,5%, 51,3% e 49,5% respectivamente.

Essa ~~breve~~ apresentação das disparidades regionais permite detectar uma tendência de crescimento da pobreza urbana, principalmente metropolitana que se relaciona com um direcionamento da população pobre que vive no campo para essas áreas e uma incapacidade da mesma em aborver esse contingente no mercado de trabalho além de uma forte concentração de renda que inviabiliza a diminuição das disparidades regionais.

O objetivo deste capítulo é analisar os principais indicadores de participação no mercado de trabalho, apresentados no capítulo anterior, levando em conta as disparidades regionais brasileira.² Serão analisadas as diferenças de gênero e cor nas regiões do país quanto à educação, as taxas de participação na PEA, ao desemprego e à distribuição ocupacional.

3.1 EDUCAÇÃO

A expansão educacional brasileira iniciada nos anos 50 e 60 foi uma das tentativas de melhorar o nível educacional da população, principalmente em relação aos altos índices de analfabetismo das áreas mais pobres do país como o Nordeste. De fato, as taxas de

²Devido ao grande número de informações obtidas a respeito dos aspectos regionais, no decorrer do texto serão apresentados tabelas mais simplificadas podendo em alguns momentos aparecer dados que só serão encontrados nos anexos.

analfabetismo vêm diminuindo em todas as regiões, mas não foram superadas as diferenças entre elas.

Albuquerque e Villela (1991) fazendo um balanço das décadas 70 e 80 no Brasil destacam entre outros índices que as taxas de alfabetização aumentaram em todas as regiões. No Nordeste, em 1970, a taxa de alfabetização era 45,3% e em 1988 esse índice era de 63,5%. Apesar deste aumento para a região menos desenvolvida do país, o Nordeste permaneceu bem abaixo dos índices das outras regiões que apresentam taxas de alfabetização superiores a 80%.³

A tabela 3.1 traz as taxas de analfabetismo para as pessoas de 10 anos e mais por gênero, cor e regiões para 1990. Pode-se notar que as disparidades regionais ainda são muito grandes e que o Nordeste brasileiro, principalmente rural continua sendo a área mais problemática do país.

Comparando esses dados tendo como base as taxas de analfabetismo para o total do Brasil nota-se que somente o Brasil rural apresenta índices de analfabetismo que são muito superiores aos que foram visto para o padrão brasileiro. A partir desses dados, pode-se reafirmar que o problema do analfabetismo do Brasil continua sendo um problema específico das áreas menos desenvolvidas.

Se esses dados forem desagregados para algumas regiões mais específicas, pode-se localizar melhor ainda o problema do analfabetismo brasileiro. O Nordeste, principalmente rural, apresenta os maiores índices enquanto que as áreas metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo estão em situação oposta, com os menores níveis de analfabetismo.

Outro fator interessante é que as mulheres mantêm, nas áreas mais desenvolvidas, um índice de analfabetismo um pouco mais acentuado do que os homens, enquanto que nas áreas menos desenvolvidas elas apresentam menores taxas de analfabetismo. Por exemplo, em São Paulo o índice de analfabetismo masculino é de 6,3%, enquanto que o das mulheres

³O autor toma como taxa de alfabetização as pessoas de 15 anos ou mais que sabem ler e escrever. O indicador foi construído com base nos dados dos Censos Demográficos de 1970 e 1980 e da PNAD-1988, consideradas, apenas as pessoas que declararam ser (ou não) alfabetizadas.

é de 10,0%; no Rio de Janeiro essa diferença é menor - 7,9% e 9,9%, respectivamente. No Nordeste os homens apresentam taxas de 39,1% e as mulheres de 32,5%.

A região Sul é a terceira área investigada com menor índice de analfabetismo. Ela é uma região que apresenta baixos níveis de pobreza e é muito peculiar em relação à sua composição étnica que é majoritariamente branca. As suas taxas de analfabetismo são próximas aos índices de São Paulo e Rio de Janeiro, com os homens apresentando índices de 9,2% e as mulheres, 11,6%.

O Nordeste rural se reafirma como a área mais crítica do país em relação ao acesso à educação formal. A disparidade entre as regiões que o caracteriza como a mais pobre juntamente com a disparidade rural/urbano faz com que seus índices de analfabetismo sejam os maiores do país. Os homens apresentam taxas de analfabetismo de 56,4% e as mulheres 47,3%.

TABELA 3.1: Taxas de analfabetismo das pessoas de 10 anos de idade e mais, segundo sexo, cor e regiões. 1990

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|---------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| Brasil Total | 10.3 | 28.1 | 27.5 | 17.8 | 11.6 | 28.8 | 25.5 | 17.7 |
| Brasil Metropolitano | 4.2 | 12.1 | 10.2 | 6.7 | 6.3 | 17.2 | 13.0 | 9.1 |
| Brasil Urbano não metropolitano | 8.6 | 26.8 | 22.8 | 14.6 | 11.0 | 27.8 | 22.7 | 16.0 |
| Brasil Rural | 22.8 | 51.7 | 48.4 | 36.5 | 22.7 | 50.6 | 42.5 | 33.3 |
| Rio de Janeiro | 5.7 | 13.8 | 10.1 | 7.9 | 7.3 | 18.5 | 12.7 | 9.9 |
| São Paulo | 5.0 | 12.0 | 10.6 | 6.3 | 8.5 | 16.9 | 15.1 | 10.0 |
| Sul | 7.3 | 14.7 | 19.6 | 9.2 | 9.6 | 20.3 | 22.4 | 11.6 |
| M.Gerais /Espírito Santo | 9.8 | 26.5 | 18.2 | 14.1 | 11.3 | 28.5 | 20.0 | 15.6 |
| Nordeste | 31.3 | 51.1 | 41.4 | 39.1 | 25.2 | 45.5 | 35.0 | 32.5 |
| Nordeste Rural | 49.6 | 69.3 | 57.7 | 56.4 | 40.8 | 63.8 | 48.7 | 47.3 |
| Norte/Centro Oeste | 10.0 | 26.2 | 16.7 | 14.3 | 10.2 | 32.1 | 16.4 | 14.2 |

FONTE: Tabulações Especiais, PNAD-1990.

Ao levar em conta as diferenças entre os grupos raciais em relação às taxas de analfabetismo, observa-se que em todas as regiões do país as diferenças entre brancos e negros são muito significativas mesmo nas áreas mais desenvolvidas, como as metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo, a taxa de analfabetismo dos negros chega ao dobro do que foi visto para o branco. No Nordeste e no Nordeste rural onde a situação geral já é crítica,

ao desagregar por cor, nota-se que o percentual de negros analfabetos chega, em alguns casos a ser superior a 50,0%. A tabelas 3.2 indica os anos de estudo das pessoas de 10 anos e mais, por sexo, cor e regiões. Analisando as três faixas de escolaridade indicadas - até três anos, oito anos e mais e doze anos e mais - é possível confirmar as tendências de diferenciações regionais para a educação vistas em relação ao analfabetismo.

Tabela 3.2 : Anos de estudos das pessoas de 10 anos de idade e mais, segundo sexo, cor e regiões, 1990

| | Homens | Mulheres | Homem Branco | Homem Preto | Homem Pardo | Mulher Branca | Mulher Preta | Mulher Parda |
|---------------------------------|--------|----------|--------------|-------------|-------------|---------------|--------------|--------------|
| ATÉ TRÊS ANOS | | | | | | | | |
| Brasil total | 41.9 | 40.1 | 32.0 | 55.0 | 54.7 | 31.5 | 54.3 | 51.8 |
| Brasil Metropolitano | 25.9 | 27.1 | 20.3 | 36.7 | 33.9 | 21.3 | 41.6 | 35.8 |
| São Paulo | 28.1 | 29.7 | 25.4 | 37.6 | 38.2 | 26.8 | 38.2 | 41.0 |
| Rio de Janeiro | 28.6 | 29.5 | 23.4 | 42.3 | 34.1 | 23.4 | 46.9 | 36.5 |
| Brasil Urbano Não Metropolitano | 38.5 | 37.6 | 29.9 | 55.3 | 50.0 | 29.9 | 53.8 | 53.8 |
| Brasil Rural | 67.0 | 63.9 | 54.0 | 79.6 | 78.6 | 53.5 | 77.6 | 73.6 |
| Sul | 32.0 | 33.9 | 28.8 | 43.2 | 48.9 | 30.9 | 44.3 | 51.6 |
| Nordeste | 64.9 | 57.3 | 56.2 | 75.3 | 67.6 | 47.5 | 69.2 | 61.0 |
| | | | | | | | | |
| OITO ANOS E MAIS | | | | | | | | |
| Brasil Total | 24.9 | 26.4 | 32.1 | 14.2 | 15.6 | 32.9 | 14.9 | 17.5 |
| Brasil Metropolitano | 38.1 | 37.5 | 45.3 | 20.1 | 27.3 | 44.3 | 21.8 | 26.9 |
| São Paulo | 32.7 | 32.0 | 36.2 | 18.6 | 19.4 | 35.3 | 20.9 | 18.7 |
| Rio de Janeiro | 37.2 | 37.4 | 44.5 | 22.1 | 27.9 | 44.8 | 19.8 | 28.0 |
| Brasil Urbano Não Metropolitano | 26.3 | 27.7 | 32.9 | 12.4 | 17.2 | 33.8 | 14.2 | 19.5 |
| Brasil Rural | 6.6 | 7.5 | 9.9 | 2.6 | 3.5 | 10.3 | 4.0 | 4.7 |
| Sul | 25.8 | 26.0 | 28.4 | 16.1 | 10.4 | 28.4 | 15.6 | 11.2 |
| Nordeste | 14.4 | 17.7 | 21.7 | 9.1 | 11.7 | 26.2 | 11.7 | 14.4 |
| | | | | | | | | |
| DOZE ANOS E MAIS | | | | | | | | |
| Brasil Total | 8.0 | 8.2 | 11.8 | 2.1 | 2.8 | 11.8 | 2.5 | 3.2 |
| Brasil Metropolitano | 14.2 | 13.2 | 19.8 | 4.2 | 5.6 | 17.8 | 4.2 | 5.4 |
| São Paulo | 12.2 | 11.6 | 14.4 | 3.5 | 3.3 | 13.5 | 4.8 | 3.4 |
| Rio de Janeiro | 14.2 | 13.5 | 20.2 | 3.1 | 6.3 | 19.1 | 2.5 | 5.6 |
| Brasil Urbano Não Metropolitano | 7.6 | 8.1 | 10.9 | 1.3 | 3.0 | 11.4 | 1.9 | 3.4 |
| Brasil Rural | 0.9 | 1.0 | 1.4 | 0.2 | 0.3 | 1.6 | 0.3 | 0.4 |
| Sul | 7.5 | 7.7 | 8.6 | 1.7 | 1.0 | 8.7 | 2.6 | 1.3 |
| Nordeste | 3.6 | 4.3 | 7.7 | 1.4 | 2.0 | 8.4 | 1.7 | 2.6 |

FONTE: Tabulações Especiais PNAD-1990.

Na faixa de até 3 anos de escolaridade, a área rural apresenta percentuais muito superiores (67,0% para os homens e 63,9% para as mulheres) ao encontrado para o total (Brasil 41,9% para os homens e 40,1% para as mulheres). Já nas áreas metropolitanas e urbanas não-metropolitanas o percentual de pessoas com esse nível de escolaridade é

menor. Por exemplo, em São Paulo esse percentual é de 28,1% para os homens e 29,7% para as mulheres da mesma metrópole.

Na faixa de oito anos e mais de estudo as áreas mais desenvolvidas vão apresentar seus maiores percentuais. Ou seja, no Brasil metropolitano, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo existe uma maior concentração de pessoas com esse nível escolar.

A faixa de 12 anos de escolaridade é onde todas as regiões apresentam seus menores índices. No entanto, somente nas áreas metropolitanas é que se encontram um maior número de pessoas com escolaridade avançada ficando, inclusive, acima do padrão brasileiro.

As áreas menos desenvolvidas, como Nordeste e Nordeste rural, apresentam percentuais praticamente insignificantes. No Brasil rural, por exemplo, a porcentagem de pessoas com doze anos ou mais de escolaridade é de 1,0% enquanto que no total do Brasil é 8,0%.

Na região Sul, o grupo feminino apresenta, nas faixas de escolaridade mais alta, um contingente ligeiramente superior ao dos homens - 7,7% e 7,5%, respectivamente. O mesmo não ocorre para as maiores metrópoles do país. No Rio de Janeiro, os homens têm 14,2% de seu contingente com mais de 12 anos de escolaridade e as mulheres 13,5%; para São Paulo esses números são 12,2% e 11,6%.

Quanto as diferenças raciais, os negros mantêm o padrão de desigualdade educacional visto em relação ao analfabetismo, apresentando os maiores percentuais nos menores índices de escolaridade e os menores índices nos níveis de escolaridade mais alto, chegando a concentrar, no Brasil rural, 79,6% de seu contingente masculino preto na faixa de até três anos de escolaridade. Na região Sul os pretos estão melhores do que os pardos. Em São Paulo também ocorre este fenômeno que possivelmente está relacionado à forte imigração de pardos do Nordeste, que têm baixos índices de escolaridade, para essa metrópole.

O quadro educacional do Brasil e de suas regiões aqui apresentado permitiu identificar o foco dos problemas de acesso à escola e de desempenho dos brasileiros no sistema de ensino. As áreas menos desenvolvidas são as que apresentam as maiores taxas de analfabetismo e possuem os níveis mais baixo de escolaridade.

Deve-se estar atento ao fato de que os grupo raciais se distribuem de forma muito diferente pelo país e que a população negra, principalmente os pardos, tendem a apresentar uma maior proporção de pessoas na região Nordeste e os brancos, no Sul e Sudeste onde os desempenhos educacionais são mais expressivos.⁴

Não, se pode, entretanto, deixar de levar em conta que as dificuldades de realização educacional para os negros são maiores do que para os brancos em qualquer região. Apesar de apresentarem índices de analfabetismo bem mais baixos e maior escolaridade nas áreas mais desenvolvidas, os negros apresentam diferenças muito altas em relação aos brancos no que se refere à educação.

Nas próximas seções serão analisados os principais aspectos de inserção no mercado de trabalho - participação na PEA, desemprego e distribuição ocupacional - levando em conta as diferenças regionais e o desempenho dos grupos de gênero e cor pertencentes às mesmas regiões.

3.2 TAXAS DE PARTICIPAÇÃO

A tabela 3.2 apresenta as taxas de participação por gênero, cor e regiões. Observando as características para o Brasil rural, é possível observar que as taxas de participação masculina são superiores ao padrão brasileiro (82,4% e 75,3% respectivamente), enquanto que as taxas de participação feminina são inferiores (36,0% e 39,2% respectivamente). Isto pode se relacionar ao fato de que as mulheres trabalhadoras no campo não terem o seu trabalho reconhecido como economicamente ativo. Além de uma tendência feminina de maior participação nas áreas urbanas.

⁴Em 1990, a distribuição da população residente por regiões, segundo a cor era a seguinte: O nordeste era coposto por 29,4% de brancos, 5,3% de pretos e 65,3% de pardos, o sudeste por 66,0%, 5,9% e 27,1% e o sul por 82,8%, 3,0% e 13,6% respectivamente.

TABELA 3.2: TAXAS DE PARTICIPAÇÃO POR SEXO, COR E REGIÕES.

1990

| | Homens | | | | Mulheres | | | |
|------------------------------|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| BRASIL TOTAL | 75.2 | 75.4 | 75.4 | 75.3 | 39.0 | 46.0 | 38.5 | 39.2 |
| BRASIL RURAL | 83.1 | 81.3 | 81.9 | 82.4 | 37.0 | 37.8 | 34.8 | 36.0 |
| BRASIL URBANO NÃO METROP. | 73.7 | 73.1 | 72.6 | 73.2 | 38.2 | 47.3 | 38.9 | 39.2 |
| BRASIL METROPOLITANO | 72.0 | 73.2 | 72.2 | 72.1 | 40.2 | 49.5 | 41.5 | 41.3 |

Fonte: Tabulações Especiais, PNAD do ano

Os diferenciais de participação entre os grupos de cor não são muito grandes no campo devendo-se levar em conta que a participação dos homens brancos, comparada aos negros (pretos e pardos) é um pouco maior, diferentemente do que foi visto para o padrão brasileiro (83,1%, 81,9% e 81,3% respectivamente).

Levando em conta os níveis educacionais das pessoas economicamente ativas (tabela 1 do anexo 3) do campo, nota-se que as mulheres partem de uma taxa de participação de 30,2% para sem nenhuma escolaridade para uma taxa de 100% com 18 anos de escolaridade. Para os homens essa variação vai de 80,7% para os analfabetos para 100%, escolaridade. Para as mulheres é um fator também na faixa de 18 anos de escolaridade. A educação para as mulheres é muito mais determinante na sua participação na força de trabalho rural do que para os homens.

Quanto às diferenças raciais, é interessante observar que o grupo preto masculino alcança a participação total na PEA (100%), a partir de 8 anos de estudos. O mesmo acontece com as mulheres pretas a partir dos 12 anos de estudos. Para o grupo branco e pardo esse fenômeno só ocorre a partir de faixas bem mais altas.

Com relação a faixa etária, (tabela 2 do anexo 3) nota-se que a faixa de 10-14 anos é muito mais expressiva no campo pelo fato de que o trabalho rural infantil ser mais recorrente do que nas áreas urbanas. Os meninos de 10-14 anos têm uma taxa de participação de 44,8% enquanto que para o padrão brasileiro esse índice é de 24,3%. As

diferenças entre as mulheres não são tão significativas quanto no caso masculino - 17,9% no Brasil rural e 10,6% para o total do Brasil - e se relacionam exatamente à mesma subenumeração feminina tratada acima. Quanto aos aspectos raciais, as crianças negras apresentam uma taxa de participação maior, principalmente entre as do sexo feminino - 17,1% das brancas, 22,0% das pretas e 18,2% das pardas.

Analisando as taxas de participação para Brasil metropolitano nota-se que as mulheres apresentam taxas maiores quando comparadas ao padrão brasileiro. Mesmo que haja uma subenumeração das mulheres no campo como foi indicado acima, elas realmente tendem a ter uma maior participação em áreas metropolitanas (41,3%), diferentemente do caso masculino que apresenta uma taxa menor - 72,2%.

Com relação à educação (tabela 5 do anexo 3) mantem-se o padrão, em linhas gerais, ascendente visto para o Brasil, em todos os grupos de gênero e cor, só que com percentuais inferiores aos encontrados para o total do Brasil. Ou seja quanto maior o nível de escolaridade, maior a taxa de participação que chega em alguns caso a 100% para pessoas com mais de 13 anos de escolaridade. Os analfabetos, como para o total do Brasil continuam a apresentar índices superiores às pessoas com escolaridade entre 1 e 3 anos.

O padrão metropolitano por faixa etária (tabela 6 do anexo 3), no caso masculino, não se diferencia muito em relação ao padrão brasileiro, apenas apresentando índices inferiores, principalmente nas faixas mais novas (10-14, 15-19). Os seus maiores índices de participação vão da faixa 20-24 anos até a faixa de 45-49 anos, sendo que seu maior percentual alcançado, como no caso brasileiro, ocorre na faixa dos 30-34 anos, com 96,8%. No caso feminino, seu maior índice de participação ocorre entre os 20-24 anos (59,4%), diferentemente do padrão brasileiro onde esse fenômeno ocorria na faixa dos 30-34 anos (54,2%). Isso indica que as mulheres na áreas metropolitanas estão, desde jovens, participando mais no mercado de trabalho.

Em relação aos diferenciais por cor no Brasil metropolitano, os negros mantêm o padrão de maior participação do que os brancos, principalmente as mulheres pretas que

apresentam taxas de 49,5% enquanto que as brancas e pardas apresentam taxas de 40,2% e 41,5% respectivamente. Os homens apresentam taxas de participação bem próximas, os brancos com 72,0%, os pretos com 73,2% e os pardos com 72,2%.

As mulheres negras, independentemente da faixa etária apresenta índices superiores ao das brancas; entre os homens as diferenças são bem pequenas entre os grupos de cor, principalmente nas faixas de maior participação (25-29 e 30-34).

Para a faixa que corresponde ao trabalho infantil (10-14 anos), as crianças negras apresentam taxas de participação maiores do que as crianças brancas indicando uma maior necessidade econômica da família negra. É provável que a metropolização da pobreza afete os grupos sociais menos privilegiados que necessitam da complementação da renda familiar inserindo as crianças no mercado de trabalho em idade escolar.

Silva (1993) analisando às diferenças de estrutura familiar e a incidência de pobreza afirma que ela é maior na famílias que apresentam um maior número de dependentes, famílias chefiadas por jovens ou por mulheres. Relacionando essas características aos grupos de cor o autor aponta que, os negros apresentam um maior percentual de indivíduos com este perfil, mas que a incidência de pobreza no grupo branco com as mesmas características é muito inferior ao do grupo negro.

Barros e Mendonça (1990) analisando o papel da cor no trabalho infantil metropolitano destaca que essas diferenças vão mais além. Os rendimentos médios dos menores negros, que trabalham mais horas por semana, é 30,0% inferior ao dos menores brancos e que a proporção destes últimos com carteira assinada chega a ser aproximadamente o dobro de menores negros. Ou seja existe uma maior concentração de negros em empregos de menor qualidade.

3.3 TAXAS DE DESEMPREGO

Tabela 3.3: Taxas de desemprego, por sexo, cor e regiões, 1990.

| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Pretas | Pardas | Total |
|---------------------------------|--------|--------|--------|-------|--------|--------|--------|-------|
| BRASIL TOTAL | 3.5 | 4.8 | 4.1 | 3.8 | 3.3 | 4.4 | 3.6 | 3.4 |
| BRASIL METROPOLITANO | 5.1 | 7.0 | 6.2 | 5.6 | 4.6 | 6.0 | 5.6 | 4.9 |
| BRASIL URBANO NÃO METROPOLITANO | 3.8 | 5.1 | 5.3 | 4.4 | 3.0 | 3.9 | 3.7 | 3.3 |
| BRASIL RURAL | 1.1 | 1.8 | 1.0 | 1.1 | 1.3 | 2.1 | 1.3 | 1.4 |
| SÃO PAULO | 6.4 | 7.3 | 6.3 | 6.3 | 5.6 | 6.4 | 5.1 | 5.3 |
| PORTO ALEGRE | 4.0 | 6.0 | 5.7 | 4.2 | 4.1 | 3.0 | 4.6 | 4.1 |
| CURITIBA | 3.6 | 8.7 | 5.6 | 4.0 | 3.7 | 4.0 | 6.8 | |
| BELO HORIZONTE | 5.1 | 8.0 | 7.4 | 6.4 | 3.0 | 2.5 | 5.2 | 3.9 |
| SALVADOR | 6.6 | 12.8 | 9.1 | 9.1 | 4.7 | 11.0 | 8.7 | 8.2 |
| FORTALEZA | 4.5 | 9.1 | 6.2 | 5.7 | 4.3 | 11.1 | 4.9 | 4.8 |
| RECIFE | 4.9 | 4.9 | 6.4 | 5.8 | 4.3 | 5.0 | 4.7 | 4.5 |
| BELEM | 3.2 | 2.9 | 5.0 | 4.4 | 4.9 | - | 4.1 | 4.1 |
| BRASILIA | 3.2 | 4.0 | 5.9 | 4.6 | 3.7 | 0.0 | 4.0 | 3.7 |

Fonte: Tabulações Especiais, PNAD do ano.

Analisando as taxas de desemprego para Brasil rural, destaca-se primeiramente os seus baixos índices em relação ao padrão brasileiro - 1,1% para os homens e 1,4% para as mulheres.

Quanto aos diferenciais por cor os pretos mantêm o padrão brasileiro tanto masculino quanto feminino de apresentarem os maiores percentuais (1,8% e 2,1), sendo que os pardos e brancos apresentam índices semelhantes.

As taxas de desemprego no Brasil rural, como já foi apontado, são extremamente baixas. Ao relacioná-las com os níveis educacionais (tabela 7 do anexo 3) é possível observar que entre 6 e 9 anos de escolaridade encontram-se os maiores índices de desemprego. E nas faixas acima de 12 anos de escolaridade os índices são nulos para todos os grupos de gênero e cor. As mulheres pretas, particularmente realizam esse fenômeno a partir da faixa de 6 anos de escolaridade.

Quanto a faixa etária, os desempregados rurais (tabela 8 do anexo 3) mantêm o padrão brasileiro de se concentrarem nas faixas mais jovens, inexpressivo na faixa de 10-14 anos. As mulheres apresentam seus maiores índices de desemprego na faixa etária 15-19,

com 3,1% destacando-se as pretas que atingem o percentual de 5,5%. Os homens têm a sua maior taxa de desemprego na faixa 20-24 anos, com 2,5%, principalmente os pretos com 3,8%.

O Brasil metropolitano é o que apresenta os maiores índices de desemprego 5,6% para os homens e 4,9% para as mulheres. As maiores possibilidades de realização econômica e as maiores possibilidades de acesso à saúde, educação etc. oferecidas pelas metrópoles tornam-as muito atrativas e geram um fluxo migratório que muitas vezes é maior do que suas capacidades de absorção.

Nessa área, população negra mantém o padrão de maiores taxas de desemprego. Os homens pretos chegam à taxa de 7,0% e as mulheres, 6,0%. Essas altas taxas de desemprego para os negros pode estar relacionada à maior competitividade do mercado de trabalho nas áreas metropolitanas que exigem uma mão-de-obra mais qualificada, maiores níveis de escolaridade, ou seja um perfil que a população negra não conseguiu alcançar devido às barreiras que enfrentam durante o seu processo de formação educacional.

Traçando a relação nível educacional e desemprego (tabela 11 do anexo 3), nota-se que os maiores índices se concentram na faixa de 5 a 8 anos de escolaridade como foi visto para total Brasil, corroborando o que já foi apontado em relação à dificuldade de se profissionalizar nesse nível educacional o que afeta suas possibilidades de encontrar um emprego. Os homens atingem, nessa faixa, índices em torno de 8,3% e as mulheres, 8,6%. Nesse nível educacional indicado, os negros, principalmente os pretos, apresentam os percentuais mais elevados. Por exemplo na faixa de 5 anos de escolaridade os homens pretos atingem taxas de 11,0% e na faixa seguinte (6 anos de escolaridade) as mulheres pretas são as que possuem um maior percentual de 13,3%.

Quanto a idade (tabela 12 do anexo 3), crianças e jovens continuam sendo os maiores prejudicados com o desemprego como para o total do Brasil. As taxas de desemprego infantil (10-14 anos) para o grupo masculino chega a ser o triplo do padrão brasileiro - 9,9%. Isto pode estar relacionado à metropolização da pobreza que aumenta o

número de famílias que necessitam de mais recursos, levando à uma incorporação da renda do trabalho infantil ao orçamento doméstico. Na faixa 15-19 anos os homens e as mulheres atingem os seus maiores índices, 12,0% e 11,3% respectivamente. Após a faixa dos 20-24 anos, as taxas de desemprego metropolitano declinam indiscriminadamente.

Na faixa etária em que se registram os maiores índices de desemprego (10-14, 15-19 e 20-24), os negros apresentam os maiores percentuais (exceto na faixa mais jovem onde os brancos têm maiores taxas) chegando à taxa de 15,5% para o grupo preto masculino com idade entre 15-19 anos.

Analisando as áreas metropolitanas (Belém, Brasília, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre - Tabelas 13 à 21 do anexo 3), observa-se que todas apresentam índices de desemprego superiores aos encontrados para o total do Brasil que tem seus índices afetados pelas baixas taxas de desemprego da área rural, como já foi apontado. A partir dessa constatação, seria interessante comparar as taxas de desemprego das áreas metropolitanas às taxas de desemprego encontradas para Brasil metropolitano.

As áreas metropolitanas do Sul e Norte/Centro Oeste apresentam as menores taxas de desemprego. Enquanto que as regiões Sudeste (exceto em Belo Horizonte onde as mulheres têm uma taxa bastante inferior, 3,9%) e Nordeste são as que apresentam taxas mais elevadas, principalmente a área metropolitana de Salvador - 9,1% para os homens e 8,2% para as mulheres.

Levando em conta os diferenciais por cor, o quadro se agrava ainda mais. A população negra apresenta índices muito mais altos do que a população branca; sendo apenas em São Paulo, Recife e Porto Alegre que as diferenças percentuais são menos intensas. Em Salvador, por exemplo, os homens pretos atinge quase o dobro da taxa dos brancos, 12,8% e 6,6% respectivamente. As mulheres negras também estão muito prejudicadas em Salvador e Fortaleza, nesta última basicamente as pretas.⁵

⁵A análise das diferenças raciais para Belém, Brasília e Fortaleza fica comprometida devido ao número insuficiente de pretos na amostra.

Observando a faixa etária dos desempregados na áreas metropolitanas observa-se que em São Paulo, nas faixas etárias mais novas e principalmente para o grupo preto é onde se concentram os maiores índices. Por exemplo, as crianças pretas (10-14 anos) chega ao índice de 50,0% e os jovens pretos (15-19 anos) chegam a 25,0%. Em Porto Alegre esses índices para esta faixa etária e para o mesmo grupo de cor chega a 19,4% e na faixa seguinte (20-24 anos) 16,7%. Em Curitiba, que apresenta baixos índices de desemprego as jovens negras (15-19 anos) atingem índices e torno de 15,0%.

Os dados sobre desemprego para a área metropolitana de Salvador são extremamente preocupantes. Homens e mulheres apresentam suas maiores taxas de desemprego na faixa de 20-24 anos - 17,2% e 18,5% respectivamente e que são extremamente mais elevadas do que às taxas encontradas para Brasil metropolitano. Esses altos índices atingem todos os grupos de gênero e cor, sendo o mais baixo para as mulheres brancas (10,0%) e o mais alto para os homens pretos (36,2%). É interessante ressaltar também que existem nesse caso grandes diferenças entre os homens pretos e pardos com uma vantagem significativa para os últimos - 36,2% e 12,4% respectivamente.

Feitas tais considerações a respeito da educação, participação e desemprego para os grupo de gênero e cor nas diferentes regiões do país, será feita uma última análise levando em conta a distribuição ocupacional nas regiões brasileiras a fim de detectar onde a discriminação de racial e de gênero é mais intensa.

3.4 ESTRUTURA OCUPACIONAL

Analisando o quadro da estrutura ocupacional do Brasil rural é recorrente a pouca presença de ocupações tipicamente urbanas sejam elas manuais ou não-manuais. Juntas elas somam apenas 29,4% das pessoas ocupadas, independentemente de gênero e cor, sendo o serviço doméstico e a indústria tradicional os seus maiores absorvedores - 6,6% e 9,0 % (tabela 22 do anexo 3). As mulheres apresentam uma maior concentração nas ocupações tipicamente urbanas do que os homens - 46,2% e 22,8% respectivamente. Isto ocorre devido à sua forte presença no serviço doméstico (16,7%) que é uma atividade

comum às áreas urbanas e rurais. A presença masculina em atividades tipicamente urbanas ocorre na indústria tradicional que concentra 8,3% do contingente.

Destacando as quatro ocupações rurais, o seu estrato não-manual composto pelos proprietários na agropecuária e os técnicos e administradores agropecuários é muito pouco significativo dando conta de apenas 4,2% do contingente de pessoas ocupadas. Já o estrato manual - produtores agrícolas autônomos e trabalhadores manuais rurais juntos dão conta de 66,2% das pessoas economicamente ocupadas no Brasil rural - 20,9% e 45,3%.

Esses dados demonstram a extrema polarização do meio rural brasileiro. De um lado a concentração de terras nas mãos de uma elite agrária e de outro os pequenos agricultores e os trabalhadores manuais rurais impedidos de prosperar economicamente e de conseguirem um modo de vida que fosse mais favorável a sua permanência no campo.

TABELA 3.4 PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR GÊNERO E COR BRASIL RURAL 1990.

| Ocupações | HOMENS | | | | MULHERES | | | | TOTAL |
|---------------------------------|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total | |
| URBANAS | | | | | | | | | |
| Não-Manual | 11.1 | 3.2 | 4.4 | 5.5 | 12.7 | 7.8 | 10.2 | 11.2 | 7.1 |
| Manual | 19.2 | 20.4 | 15.3 | 17.3 | 33.4 | 42.2 | 35.7 | 34.9 | 22.3 |
| RURAIS: | | | | | | | | | |
| Proprietários na Agropecuária | 4.0 | 1.1 | 2.4 | 3.1 | 0.3 | 0.5 | 0.2 | 0.3 | 2.3 |
| Téc. Administr. na Agropecuária | 3.0 | 2.8 | 2.2 | 2.6 | 0.1 | - | 0.1 | 0.1 | 1.9 |
| Produtores Agríc. Autônomos | 30.0 | 19.8 | 25.4 | 27.3 | 3.9 | 7.3 | 6.8 | 5.5 | 20.0 |
| Trabalhadores Man. Rurais | 37.2 | 52.7 | 50.3 | 44.2 | 49.5 | 42.6 | 47.0 | 48.0 | 45.3 |

Fonte: Tabela 22 do anexo 3.

As diferenças entre os grupos raciais na distribuição ocupacional são significativas. Como já foi apontado no capítulo anterior, a população negra, principalmente a parda, se concentra fortemente no campo. Mas, o fato de concentrarem uma maior parcela de sua população no meio rural, não garante aos negros melhores posições nesse meio. Eles estão

maciçamente concentrados nas duas ocupações mais desqualificadas: os trabalhadores manuais rurais e os produtores agrícolas autônomos.

Essas ocupações são caracterizadas pelo baixo salário, pela pouca regulamentação das relações de trabalho como carteira assinada e contribuição para a previdência assumindo, desta forma, as piores posições em toda estrutura ocupacional.

Apresentando o quadro ocupacional para o Brasil urbano não metropolitano e metropolitano nota-se que para o primeiro ainda existe uma pequena, mas significativa, porcentagem de pessoas desenvolvendo atividades tipicamente rurais. A proximidade com o campo e o tipo de atividade considerada rural (vide anexo 1) permite essa conciliação.

Quanto às ocupações tipicamente urbanas elas são, em sua maioria, manuais - 54,4% e 55,9% das pessoas ocupadas no Brasil não metropolitano e metropolitano, respectivamente, se encontram nesse tipo de atividade.

O Brasil urbano não-metropolitano (tabela 23 do anexo 3), no caso das atividades não-manuais, concentra o seu contingente masculino nas seguintes ocupações: Proprietários empregadores (6,1%), empresários conta própria (5,1%) e nas ocupações manuais, trabalhadores da indústria tradicional (20,8%), trabalhadores da indústria moderna (9,1%), trabalhadores da classe trabalhadora de serviços (13,1%). As mulheres se concentram nas ocupações técnicas, artistas e supervisores do trabalho manual (7,9%), não-manual de rotina (7,2%), classe trabalhadora da indústria tradicional (18,2%), e trabalhadores do serviço doméstico (14,2%).

Quanto ao padrão racial, mantém-se as diferenças entre os grupos de cor vistas para o padrão brasileiro, com um forte presença dos negros em ocupações manuais, principalmente as mulheres - 77,3% e 67,5%. Deve-se destacar que ainda existe para o contingente masculino negro numa grande concentração em atividades tipicamente rurais - 24,0% e 19,4%.

TABELA 3.5: PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR GÊNERO E COR. BRASIL URBANO NÃO METROPOLITANO - 1990

| Ocupações | HOMENS | | | | | MULHERES | | | |
|----------------|--------|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | TOTAL | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| URBANAS | | | | | | | | | |
| Não-Manual | 34.2 | 37.2 | 16.5 | 23.5 | 31.4 | 45.7 | 15.1 | 27.9 | 36.3 |
| Manual | 54.4 | 50.4 | 59.5 | 57.1 | 53.2 | 53.4 | 77.3 | 67.5 | 59.6 |
| RURALS | 11.2 | 12.4 | 24.0 | 19.4 | 15.4 | 2.9 | 7.6 | 4.6 | 4.1 |

Fonte: Tabela 23 do anexo 3.

O quadro ocupacional metropolitano (tabela 24 do anexo 3) apresenta um aumento de 50% no número de pessoas ocupadas nos estratos não manuais em relação ao estrato não manual para Brasil total. Em relação ao Brasil não metropolitano, ocorre um expressivo aumento de pessoas engajadas em ocupações não-manuais onde os homens concentram 41,1% do seu contingente e as mulheres 44,0%. Nas ocupações não-manuais de alto nível ocorre um aumento que favorece principalmente os homens. Os profissionais liberais (conta própria e empregados), por exemplo, dobram proporção de pessoas ocupadas em relação ao padrão brasileiro crescendo de 1,2% para 2,6% o total de pessoas ocupadas. Os homens também aumentam sua participação na ocupação de dirigentes e administradores. Para as mulheres, ocorre um significativo aumento na ocupação não-manual de rotina que na área metropolitana concentra 14,5% de seu contingente nessa ocupação, sendo que para o total do Brasil esse percentual é de 9,7%.

TABELA 3.6: PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR GÊNERO E COR. BRASIL METROPOLITANO - 1990

| Ocupações | HOMENS | | | | | MULHERES | | | |
|------------|--------|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | TOTAL | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| Não-Manual | 42.5 | 49.4 | 23.2 | 28.5 | 41.1 | 54.0 | 23.2 | 29.6 | 44.0 |
| Manual | 56.7 | 49.6 | 75.1 | 69.5 | 57.5 | 45.9 | 76.5 | 70.2 | 55.9 |
| Rural | 0.8 | 1.0 | 1.7 | 2.0 | 1.4 | 0.1 | 0.3 | 0.2 | 0.1 |

Fonte: Tabela 24 do anexo 3.

No estrato manual, no Brasil metropolitano, os homens se concentram basicamente nas três classes trabalhadora: serviços (15,2%), indústria moderna (18,1%) e indústria

tradicional (18,1). O setor informal (composto por trabalhadores manuais conta própria, trabalhadores do serviço doméstico e vendedores ambulantes), se comparado os percentuais do total do Brasil aumenta a participação do contingente masculino de 9,0% para 12,0%.

Quanto às mulheres, em relação ao quadro brasileiro, elas mantêm praticamente inalterada a sua distribuição ocupacional no estrato manual. Permanecem concentradas no serviço doméstico (24,0%), e na indústria tradicional (12,8%). É interessante observar que, mesmo nas áreas metropolitanas as mulheres não se empregam na indústria moderna. Seu percentual nessa atividade é de 1,0%, constituindo uma atividade quase que exclusivamente masculina.

Quanto aos diferenciais raciais, os homens negros estão bem menos representados - como em Brasil total - nas ocupações não-manuais, concentrando apenas 23,2% e 28,5% (pretos e pardos) nessas ocupações enquanto que os brancos concentram 49,5%. Os homens brancos crescem muito mais do que os negros nas ocupações de alto nível como dirigentes e administradores, funções de administração e execução. Os homens negros crescem em relação a Brasil total nas ocupações de menor status, tais como não-manual de rotina e técnicas, artistas supervisores do trabalho manual.

Telles (1994) analisando as diferenças raciais na distribuição ocupacional, a partir do censo de 1980, para o sexo masculino, em 74 áreas metropolitanas do Brasil destaca que os brancos têm cerca de quatro vezes mais probabilidades de obterem um emprego no grupo ocupacional superior (gerência, profissionais liberais, dirigentes e administradores). Na categoria manual não-especializada, os negros têm o dobro da probabilidade dos brancos de se empregarem em tal categoria. Ou seja, quanto maior o status, maior a discriminação ocupacional.

Destacando algumas áreas especificamente, o autor aponta que Salvador é a capital nacional da desigualdade racial, principalmente em relação às ocupações não-manuais. As regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro apresentam um índice de

desigualdade um pouco acima da média e este fenômeno ocorrem também nas ocupações de maior status.

Em relação às mulheres negras os dados de 1990 demonstram que elas apresentam as mesmas dificuldades que o contingente masculino do seu grupo de cor, concentrando praticamente os mesmos percentuais nas ocupações não manuais, 23,2% para as mulheres pretas e 29,6% para as pardas. Só que as diferenças raciais entre as mulheres são maiores, pois as brancas concentram 54,4% de seu contingente nesse estrato.

Para as ocupações manuais destaca-se a menor participação de mulheres brancas no serviço doméstico em detrimento de um maior percentual de mulheres negras, principalmente as pretas que vão concentrar 55,3% de seu contingente somente nessa ocupação.

Para o quadro metropolitano, então, homens e mulheres melhoram seus percentuais no estrato não-manual o que significa que é na área metropolitana do país que se concentra a mão-de-obra mais especializada e mais bem remunerada. Porém, as diferenças entre os grupos de cor permanecem bem marcadas levando a crer que os negros mesmo nessas áreas permanecem à margem do processo de melhorias ocupacionais que favorecem a população metropolitana.

Buscando aprofundar um pouco mais as diferenças regionais será feito na última parte deste capítulo uma análise da estrutura ocupacional brasileira a partir das dez áreas metropolitanas: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém e Brasília.⁶

As áreas metropolitanas apresentam um maior número de pessoas concentradas no estrato não manual e principalmente no não manual de alto em relação ao Brasil Total. Por isso, optou-se, nessa análise, trabalhar com esses dois estratos não-manual alto (profissionais liberais empregados e conta-própria, outros profissionais de nível superior, dirigentes e administradores e funções administrativas e execução) e não-manual baixo

⁶As tabelas de estrutura ocupacional por gênero e cor para todas as dez áreas metropolitanas de encontram no anexo 3. Tabelas de 25 à 34.

(Não-manual de rotina, proprietários empregadores, empresário conta própria e técnicos, artistas e supervisores do trabalho manual) separadamente.

A partir dessa diferenciação, pode-se observar em quais metrópoles homens e mulheres, negros e brancos conseguem se posicionar nas melhores ocupações e onde as diferenças de gênero e cor são mais acentuadas.

Analisando as diferenças de gênero, observa-se que em quase todas as metrópoles, exceto Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Fortaleza, as mulheres estão mais concentradas no estrato não-manual do que os homens. Mas se diferenciar esse estrato em alto e baixo, os homens estão em todas as metrópoles, exceto Belém, mais concentrados no não-manual alto.

Analisando a distribuição ocupacional das áreas metropolitanas levando em conta a variável cor, nota-se que em todas elas os negros estão muito mal representados no estrato não-manual, principalmente no não-manual alto.

Na região Sudeste, as maiores disparidades entre os grupos de cor ocorrem em Belo Horizonte, principalmente no caso feminino onde as mulheres brancas concentram 56,3% de seu contingente em atividades não-manuais (17,8% no não-manual alto e 38,5% no não-manual baixo) e as mulheres negras obtêm os seguintes percentuais 14,3% (1,3% e 13,0%) e as pardas 28,0% (5,0% e 23,0%), respectivamente. No Rio de Janeiro, as disparidades raciais entre as mulheres são muito fortes também. Enquanto que as brancas nessa metrópole concentram 13,7% de seu contingente em atividades do estrato não-manual, alto as pretas concentram apenas 0,8% e as pardas 3,9%.

TABELA 3.7: ÍNDICES DE DISSIMILARIDADE PARA ESTRUTURA OCUPACIONAL, BRASIL 1990.

| | Homens/ Mulheres | H. Brancos/ H. Pretos | H. Brancos/ H. Pardos | M. Brancas/ M. Pretas | M. Brancas/ M. Pardas |
|----------------------|---------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| BRASIL TOTAL | 15.7 | 18.2 | 14.8 | 18.1 | 17.5 |
| BRASIL METROPOLITANO | 2.9 | 26.2 | 20.9 | 30.8 | 24.4 |
| RIO DE JANEIRO | 5.5 | 31.0 | 24.5 | 37.1 | 28.6 |
| SÃO PAULO | 5.4 | 22.1 | 12.3 | 21.1 | 28.2 |
| PORTO ALEGRE | 1.1 | 17.1 | 17.1 | 24.4 | 19.4 |
| CURITIBA | 4.8 | 9.0 | 20.0 | 33.2 | 24.2 |
| BELO HORIZONTE | 1.0 | 35.3 | 27.3 | 42.0 | 28.3 |
| SALVADOR | 5.0 | 42.1 | 41.0 | 41.6 | 27.6 |
| FORTALEZA | 4.7 | 45.7 | 26.5 | 34.2 | 30.4 |
| RECIFE | 7.4 | 33.7 | 31.6 | 29.8 | 22.6 |
| BELEM | 7.2 | 23.2 | 21.1 | 38.0 | 21.4 |
| BRASÍLIA | 1.6 | 27.4 | 15.7 | 40.0 | 22.8 |

Fonte: Tabulações Especiais, PNAD do ano.

Se forem comparados os índices de dissimilaridade ⁷ para homens e mulheres das dez áreas metropolitanas com os índices de Brasil total, nota-se que os altos percentuais deste último devem estar ligado a um maior índice de dissimilaridade no Brasil rural e no Brasil urbano não-metropolitano, pois nas áreas metropolitanas eles são muito inferiores.

Os maiores índices de dissimilaridade das áreas metropolitanas ocorrem no Recife (=7,4%) e em Belém (=7,2%). Não se pode, entretanto, deixar de levar em conta, o fato de que esse cálculo do índice de dissimilaridade são para três grandes estratos, não demonstrando as maiores diferenças entre homens e mulheres dentro de cada um desses estratos.

Mas essas disparidades por cor são extremamente significativas. Analisando por gênero e cor simultaneamente verifica-se que as maiores disparidades ocorrem entre as mulheres brancas e pretas seis da dez áreas metropolitanas (RMRJ, RMPA, RMCU,

⁷O índice de dissimilaridade é uma medida sumariadora das diferenças entre os grupos sociais. Ou seja é o percentual que cada grupo deve se deslocar para que haja entre eles uma distribuição equitativa. Neste trabalho eles foram calculados a partir de três grandes estratos ocupacionais (não-manual, manual e rural).

RMBH, RMBE, RMBRA) - seguido dos homens brancos e pretos - nas outras quatro áreas metropolitanas (RMSP, RMSA, RMRE, RMFO).

Na região Sudeste a área que apresenta o maior índice de dissimilaridade é Belo Horizonte com as diferenças entre mulheres brancas e pretas - = 42,0%. Entre as duas maiores metrópoles, Rio de Janeiro e São Paulo, a primeira metrópole apresenta maiores desigualdades do que a segunda, principalmente entre brancos e pretos. Na região Nordeste chama atenção os altos índices encontrados para brancos e pretos nas suas três áreas metropolitanas - Salvador, Recife e Fortaleza.

Os diferenciais entre brancos e pardos, apesar de serem mais reduzidos, são bastante significativos o menor índice ocorre em São Paulo, = 12,3% e o mais alto em Salvador = 41,0%, ambos para o grupo masculino.

Fazendo uma análise mais fina a respeito das ocupações é possível detectar que as mulheres estão mais concentradas em ocupações não-manuais, nas áreas metropolitanas de São Paulo, Salvador, Recife e Curitiba e os homens, nas áreas metropolitanas do Rio de Janeiro, Fortaleza e Brasília.

Por cor, os pretos, tanto os homens quanto as mulheres, conseguem suas melhores posições (ocupações não-manuais) em São Paulo, 25,3% e 31,8%; em Curitiba, os homens pretos também alcançam índices bem favoráveis 35,1%. Os pardos estão mais bem alocados no Rio de Janeiro com 28,1% de seu contingente masculino e 26,% de seu contingente feminino em ocupações não-manuais.

Em relação aos índices para o trabalho manual pode-se destacar o Rio de Janeiro - 81,6% das mulheres pretas em ocupações manuais sendo 36,6% só no serviço doméstico; Belo Horizonte, 85,2% desse mesmo grupo de gênero e cor com 56,5% delas no serviço doméstico e em Curitiba, 83,3% de mulheres pretas também se concentram no estrato manual sendo 54,2% no serviço doméstico.

Os aspectos regionais aqui apontados demonstram que, apesar de existirem diferenças entre a distribuição ocupacional de homens e mulheres elas são muito inferiores

às diferenças raciais em todas as áreas metropolitanas. Ou seja em qualquer lugar do Brasil os negros estão com grandes desvantagens em relação ao grupo branco.

Os dados apresentados neste capítulo permitem concluir que as áreas menos favorecidas pelo desenvolvimento econômico e social, particularmente a região Nordeste e as áreas rurais do país, concentram o maior número de negros, principalmente pardos. Somado a esse fator, nas regiões mais desenvolvidas este segmento da população não consegue usufruir das oportunidades por elas oferecidas da mesma forma que os brancos. Ou seja, o fato de se concentrarem em áreas mais desenvolvidas não representa para a parcela negra da população, principalmete para as mulheres, a garantia de melhor realização sócio-econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das características mais marcante da sociedade brasileira é que ela é extremamente desigual. Privilegia e hierarquiza os indivíduos através de atributos como sexo e cor. O mais intrigante desse fato é que no cotidiano, qualquer pessoa é capaz de acionar um discurso extremamente igualitário negando que exista no Brasil qualquer tipo de discriminação.

Quando se fala em discriminação racial no Brasil, cria-se um mal estar. Mitos como o da democracia raical estão extremamente arraigados no imaginário brasileiro, em todas as esferas sociais.

Mas, ao avaliar como homens e mulheres, negros e brancos vêm se posicionando na escala social brasileira, os mitos igualitários caem por terra.

Nessas últimas décadas, o Brasil experimentou fortes mudanças rumo ao desenvolvimento econômico. O seu sistema educacional foi ampliado, mas beneficiou diferenciadamente os grupos sociais. As mulheres, que à primeira vista, foram as mais beneficiadas tiveram um aumento expressivo de seu contingente no nível universitário, circulam em apenas algumas criando, de certa forma, "guetos ocupacionais femininos". Mas, se olharmos as diferenças entre negros e brancos, as melhorias de oportunidades educacionais foram fortemente direcionadas, privilegiando os últimos. Os negros ainda mantêm as maiores taxas de analfabetismo, principalmente os homens, e apresentam um percentual muito baixo de pessoas com nível universitário.

Essas diferenças em relação às oportunidades educacionais refletem diretamente na situação desses grupos no mercado de trabalho. Com uma formação universitária mais direcionada às carreiras ditas "tipicamente femininas", as mulheres tendem a se dirigirem para ocupações de menor status e, conseqüentemente, menores rendimentos.

A educação, que é um dos principais mecanismos de mobilidade social, detém os negros no patamar mais baixo da escala ocupacional devido a quase inacessibilidade desse grupo às possibilidades de conclusão dos ciclos escolares. Com isso, os negros ingressam no mercado de trabalho com uma sua situação extremamente desvantajosa, pois seu capital educacional é extremamente inferior ao dos brancos o que lhes direcionam para as ocupações manuais menos qualificadas e mal remuneradas. E mesmo quando conseguem ultrapassar as barreiras educacionais e atingem o ensino superior, os negros têm, mesmo em igualdade de condições, maiores dificuldades de acesso às posições de maior status e de melhores rendimentos.

Além disso, a trajetória dos negros na força de trabalho é mais penosa. Eles ingressam mais cedo no mercado de trabalho, estão sujeitos aos maiores índices de desemprego, se retiram mais tarde da força de trabalho. Essas situações demonstram que o processo de realização sócio-econômica desse grupo é marcado por uma série de obstáculos que são bem menores para os brancos.

As mudanças ocorridas na composição setorial e no processo de redistribuição da estrutura ocupacional, ao longo das últimas décadas, mostraram-se diferenciadas quando acrescentamos variáveis como gênero e cor.

Assim, para os negros, principalmente para as mulheres negras, o processo de urbanização e industrialização não representou possibilidades tão significativas de mobilidade. Concentrados em algumas ocupações do estrato manual, como o serviço doméstico e indústria tradicional e ainda com uma forte presença em ocupações rurais, principalmente os pardos, a situação dos negros no mercado de trabalho é bastante desigual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, N. (1994). Rio de Janeiro Plural - Um Guia para Políticas Sociais por Gênero e Raça. IUPERJ/ IUPERJ/ Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro.
- Albuquerque, R.C. & Velloso, J.P. (1993) (org.) Pobreza e Mobilidade Social, Introdução. Nobel. São Paulo.
- Albuquerque, R.C. & Villela (1991) " A situação Social no Brasil: Um balanço das duas décadas" in Velloso, J.P. (org.) A questão social no Brasil. Nobel, São Paulo.
- Andrews, G. R. (1992). "Desigualdade racial no Brasil e nos Estados Unidos: uma comparação estatística", Estudos Afro-Asiáticos (22) : 47-83, Rio de Janeiro.
- Barros, R.P. & Mendonça, R. S.P. (1990). "Determinantes da participação do menor na força de trabalho". Textos para discussão no. 200. IPEA, Rio de Janeiro.
- Bairros, L. (1991). "Mulher negra: Reforço da subordinação" in Desigualdades Raciais no Brasil Contemporâneo. Belo Horizonte, UFMG/CEDEPLAR.
- et al. (1992). "Negros e brancos num mercado de trabalho em mudança", Ciências Sociais Hoje 1992 ANPOCS, p.32-54, Rio de Janeiro.
- Barcelos L.C. (1992). "Educação: um quadro das desigualdades raciais", Estudos Afro- Asiáticos (23):37-69, Rio de Janeiro.
- (1992a). "Raça e realização educacional no Brasil" dissertação de mestrado, IUPERJ, Rio de Janeiro.
- Batista, M.A.R. e O.M.R. Galvão (1992). "Desigualdades raciais no mercado de trabalho brasileiro", Estudos Afro-Asiáticos (23): 71-95, Rio de Janeiro.
- Bruschini, C. (1994). "O trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes" in Saffioti, H. Vargas, M. (orgs). Mulher Brasileira é Assim. Rosa do Tempos: NIPAS, Rio de Janeiro; UNICEF: Brasília.
- Cacciamali (1993). "O ajustamento do mercado de trabalho brasileiro na década de 80" in Reestruturação do Espaço Urbano e Regional no Brasil. São Paulo, Hucitec.
- Caillaux, E. (1994) "Cor e Mobilidade Social" in Estudos Afro-Asiáticos (26) :53-66, Rio de Janeiro.
- Carneiro, S. e Santos, T. (1985). Mulher Negra. Nobel, São Paulo.

- Castro, N.A. e A.S. Guimarães (1993), "Desigualdades raciais no mercado e nos locais de trabalho", Estudos Afro-Asiáticos (24): 23-60, Rio de Janeiro.
- Corseuil (1994). "Desemprego: Aspectos Teóricos e o Caso Brasileiro. Textos para discussão. IPEA, Rio de Janeiro.
- Hasenbalg (1979). Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. Graal, Rio de Janeiro.
- _____. (1992), "O negro na indústria, proletarização tardia e desigual", Ciências Sociais Hoje. ANPOCS, p. 13-31, Rio de Janeiro.
- _____. (1993). "Perspectivas sobre raça e classe no Brasil. Rio de Janeiro. (mimeo).
- Hasenbalg, C.A. e N.V. Silva (1988). Estrutura Social. Mobilidade e Raça. Vértice/IUPERJ, São Paulo/Rio de Janeiro.
- _____. (1990). "Raça e oportunidades educacionais no Brasil, Estudos Afro-Asiáticos (18): 73-91, Rio de Janeiro.
- _____. (1992). "Pobreza e desigualdade no Brasil dos anos 80". Rio de Janeiro. (mimeo).
- Lovell, P.A. (1992), "Raça, classe, gênero e discriminação salarial no Brasil", Estudos Afro-Asiáticos (22): 85-98, Rio de Janeiro.
- Neto, L. G. (1990). "O mercado de trabalho na década perdida". São Paulo em Perspectiva 4, no. 3/4. Fundação SEADE, São Paulo.
- Oliveira, L.E.G. de et al. (1985), O lugar do negro na força de trabalho, Rio de Janeiro, IBGE.
- Rosemberg, F. (1987). Educação: democratização e desigualdade". FCC, São Paulo. (mimeo).
- _____. (1990). "Segregação racial na escola paulista" in Estudos Afro-Asiáticos (19): 97-107, Rio de Janeiro
- _____. (1991), "Raça e educação inicial", Cadernos de Pesquisa (77): 25-34, São Paulo.

- _____ (1994) . in " A educação de mulheres jovens e adultas no Brasil" in Saffioti, H. Vargas. M. (orgs). Mulher Brasileira é Assim. Rosa do Tempo: NIPAS, Rio de Janeiro: UNICEF: Brasília
- Silva, D.F. da e M. Lima (1992), "Raça, gênero e mercado de trabalho", Estudos Afro-Asiáticos (23): 97-111, Rio de Janeiro.
- Silva, N. V. (1993) Situação social da população negra in Albuquerque e Velloso (orgs) Pobreza e Mobilidade Social . Nobel, São Paulo.
- Spindel (1989). Crianças e Adolescentes no Mercado de Trabalho. Brasiliense, São Paulo.
- _____ (1991). "A mulher frente a crise econômica dos anos 80". IDESP no. 18, São Paulo.
- Tamburo, E. (1987). "Mortalidade Infantil da população negra no Brasil". Textos Nepo. Campinas, Nepo/Unicamp, (11):104-128.
- Telles, E.E. (1990), "Características Sociais dos trabalhadores informais: o caso das regiões metropolitanas no Brasil", Estudos Afro-Asiáticos (19): 61-80, Rio de Janeiro.
- _____ (1993), "Cor de pele e segregação residencial no Brasil", Estudos Afro-Asiáticos (24): 5-22, Rio de Janeiro.
- _____ (1994), " Industrialização e Desigualdade Racial no Emprego : o exemplo brasileiro. " in Estudos Afro-Asiáticos (26) : 21-52, Rio de Janeiro.
- Tolosa, H & Rocha, S. (1993) "Políticas de combate à pobreza; experiências e equívocos" in Velloso e Albuquerque (orgs.) Pobreza e Mobilidade Social , Nobel, São Paulo.

ANEXO 1
COMPOSIÇÃO DAS CATEGORIAS OCUPACIONAIS

1 PROFISSIONAIS LIBERAIS

| | |
|------------------------------|-----------------------------|
| 101...engenheiro | 211...professor pesquisador |
| 102...arquiteto | 212...professor superior |
| 151...médicos | 231...magistrados |
| 161...acadêmicos de hospital | 232...procuradores |
| 181...economistas | 233...advogados |

2 DIRIGENTES E ADMINISTRADORES DE ALTO NÍVEL

| | |
|---|---|
| 020...ministros de estado, etc. | 036...administração de hotéis |
| 021...diretor, assessores e chefes no serviço público | 037...administradores nos transportes |
| 032...administradores extração mineral | 038...administradores de finanças |
| 033...administradores indústria transformação | 039...outros administradores |
| 034...administradores construção civil | 040...chefes e encarregados de seção na administração |
| 035...administradores comércio mercadorias | |

3 PROFISSIONAIS

| | |
|---------------------------------|--|
| 121...químicos | 182...contadores |
| 122...farmacêuticos | 183...técnicos de administração |
| 123...físicos | 201...sociólogos |
| 124...geólogos e mineralogistas | 202...psicólogos |
| 141...agrônomo | 203...geógrafos |
| 142...biólogos | 204...assistentes sociais |
| 143...farmacologistas | 205...outros cientistas sociais |
| 144...veterinários | 213...professor do 2º grau |
| 152...dentistas | 214...professor da 3ª a 8ª série |
| 171...matemáticos | 711...aviadores civis |
| 172...estatísticos | 851...oficiais das forças armadas |
| 173...analistas de sistemas | 854...delegados e comissários de polícia |

4 FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS (EXECUÇÃO)

| | |
|--|------------------------------------|
| 050...técnicos e fiscais de tributação e arrecadação | 632...representantes comerciais |
| 051...inspetores do trabalho | 633...propagandistas |
| 052...assistentes administrativos | 641...corretores de seguro |
| 241...tabelião e oficiais de registro | 642...corretores de imóvel |
| 242...escrivães de cartório | 643...corretores de títulos |
| 244...outras ocupações auxiliares de justiça | 644...avaliadores e leiloeiros |
| 631...viajantes, representantes e praticistas | 645...outros agentes e corretores |
| | 646...outras ocupações do comércio |

5 NÃO-MANUAL DE ROTINA E FUNÇÕES DE ESCRITÓRIO

- 054...almoxeiros e armazenistas
- 055...expedidores
- 056...datilógrafos
- 057...operadores de teleimpressoras
- 058...operadores de máquinas automáticas
- 059...secretários
- 060...auxiliares de contabilidade
- 061...operadores de copiadoras
- 063...receptionistas
- 064...auxiliar administrativo
- 065...auxiliar de escritório
- 243...oficiais de justiça
- 771...agentes postais e telégrafos
- 772...postalistas
- 773...telegrafistas e rádio telegrafistas

6 PROPRIETÁRIOS (EMPREGADORES) NA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS

- 007...empregador extração mineral
- 008...empregador indústria transformação
- 009...empregador construção civil
- 010...comerciante (empregador)
- 011...hoteleiro e dono de pensão (empregador)
- 012...empresário de transportes
- 013...outros proprietários

7 EMPRESÁRIOS POR CONTA PRÓPRIA (SEM EMPREGADOS)

- 601...comerciantes conta própria
- 801...proprietários nos serviços. conta própria
- 811...hoteleiros e donos de pensão

8 TÉCNICOS, ARTISTAS E SUPERVISORES DO TRABALHO MANUAL

- 103...agrimensores
- 104...cartógrafos
- 111...desenhistas
- 112...técnico de edificações
- 113...outras ocupações na engenharia
- 125...outras ocupações na química e física
- 131...técnicos químicos
- 132...prático de farmácia
- 133...técnico em meteorologia
- 162...enfermeiros não-diplomados
- 163...massagistas
- 164...ortoptistas/óticos
- 165...operadores equipamentos médicos
- 167...protéticos
- 168...técnicos análise clínica
- 191...técnicos contabilidade
- 192...técnico estatística
- 193...programadores de computador
- 215...professor 1ª à 4ª série
- 216...professor 1º grau
- 217...professor pré-escola
- 218...professor profissionalizante
- 219...professor
- 221...orientador de ensino
- 222...inspetor de alunos
- 251...religiosos
- 271...escultor, pintor
- 273...decorador, cenógrafo
- 274...fotógrafo
- 275...músicos e compositores
- 276...artista tv, cinema e teatro
- 277...artista circo
- 278...locutores/comentaristas
- 280...cinematistas
- 281...operadores equipamentos som
- 282...outros operadores rádio e tv
- 293...outras ocupações técnicas e artísticas
- 402...técnico indústria transformação
- 403...mestre indústria têxtil
- 404...mestres construção civil
- 405...técnicos energia elétrica
- 406...outros mestres
- 571...inspetores de qualidade
- 588...supervisor segurança no trabalho
- 712...comissários (aviação)
- 721...oficiais marinha mercante
- 761...inspetores e despachantes transportes
- 834...técnico de esportes
- 852...praças das forças armadas
- 853...oficiais do corpo de bombeiros
- 855...investigadores de polícia
- 856...guardas civis
- 857...carcereiros e guardas de presídio
- 858...datiloscritas
- 914...capatazes
- 918...inspetores e fiscais

9 TRABALHADORES MANUAIS EM INDÚSTRIAS MODERNAS

| | |
|---|---|
| 391...sondadores de poços de gás e petróleo | 428...caldereiros |
| 411...forno metalúrgico | 429...ferreiros/ferralheiros |
| 412...laminadores | 430...funileiros |
| 413...trifiladores | 431...lanterneiros |
| 414...modeladores | 491...montadores equipamento elétrico |
| 415...galvanizadores | 492...montadores equipamento eletrônico |
| 416...afinadores e amoladores | 493...reparadores equipamento elétrico |
| 417...polidores e esmerilhadores | 494...montadores de rádio e tv |
| 418...ferramenteiros | 495...reparadores de rádio e tv |
| 419...estampadores mecânicos | 496...eletricistas de instalações |
| 420...operadores de prensa | 497...instalador e reparador telecomunicações |
| 421...frisador/ferrador | 498...instalador linhas elétricas |
| 422...torneiro mecânico | 499...operador instalação energia elétrica |
| 423...ajustador/montador | 551...linotipistas |
| 424...mecânico veículo | 552...tipógrafos |
| 425...mecânicos | 553...cliqueristas/gravadores |
| 426...soldadores | 554...impressores |
| 427...rebitadores | 557...outras ocupações indústria gráfica |

10 TRABALHADORES MANUAIS EM INDÚSTRIAS TRADICIONAIS

| | |
|---|--|
| 441...cardador/penteador | 532...charqueadores |
| 442...maçanqueiros | 533...magarefes |
| 443...fiandeiros | 534...ocupações indústria laticínios |
| 445...urdidores | 535...doceiros e confeitores |
| 446...cordoeiros | 536...macaroneiros e pasteleiros |
| 447...tecelões | 537...padeiros |
| 450...alvejadores, etc. | 538...farinheiros e moleiros |
| 451...estampadores, têxtil | 539...ocupações indústria açúcar |
| 462...curtidores | 540...ocupações indústria bebidas |
| 470...alfaiates e costureiros | 541...ocupações indústria café |
| 471...auxiliares de costura | 542...ocupações indústria pescado |
| 472...calceiro, camiseiro | 543...ocupações indústria chá, mate e cacau |
| 473...modelista corte | 544...ocupações indústria oleaginosas |
| 476...chapeleiro, exclusive palha | 545...outras ocupações indústria alimentar |
| 478...trabalhador fábrica de sapato | 561...vidreiros e ampoleiros |
| 479...bolseiro, cinteiro | 562...ceramistas e louceiros |
| 481...marceneiro | 563...pintores cerâmicos |
| 482...carpinteiro | 564...oleiros |
| 483...tanceiro | 573...lapidadores |
| 484...operador máquina marcinaria | 574...borracheiro |
| 485...seradores | 575...vulcanizadores/recauchutadores |
| 486...preparador compensado | 576...fogueteiros |
| 487...estofadores/capoteiros | 577...vassoureiros |
| 488...colchoeiros | 578...marmoristas |
| 489...lustradores de madeira | 579...preparador de fumo |
| 511...armadores de concreto | 580...charuteiros e cigarreiros |
| 512...pedreiros | 581...pintores a pistola |
| 513...serventes de pedreiro | 582...operadores de empilhadeira |
| 514...pintores e caiadores | 583...foguistas |
| 515...estivadores | 584...embaladores |
| 516...ladrilheiros | 585...ocupações indústria papel |
| 517...encanadores | 586...ocupações indústria borracha e plástico |
| 518...vidraceiros | 587...ocupações indústria cimento |
| 519...calceteiros | 598...outras ocupações indústria transformação |
| 520...calafates | 923...operadores de máquinas |
| 521...operadores máquina construção civil | 925...trabalhador conservador de rodovias |
| 531...linguiceiros/salsicheiros | |

11 TRABALHADORES MANUAIS EM SERVIÇOS EM GERAL

| | |
|--------------------------------------|---|
| 166...paraleiros | 812...camareiros de hotel |
| 283...operador de projetor de cinema | 813...cozinheiros |
| 722...mestres de embarcação | 814...garçons |
| 723...maquinistas de embarcação | 815...atendentes |
| 724...foguistas de embarcação | 821...cabeleiros |
| 725...marinheiros civis | 822...barbeiros |
| 726...taifeiros | 823...maquiladores |
| 727...barqueiros e canoeiros | 824...manicuros e pedicuros |
| 731...guindasteiros | 831...jogadores de futebol |
| 732...estivadores | 832...lutadores e atletas profissionais |
| 741...agentes de estrada de ferro | 833...juizes esportivos |
| 742...condutores e chefes de trem | 845...contínuos |
| 744...foguistas de trem | 912...bilheteiros |
| 745...guarda-freios | 913...bombeiros. exp.corp. |
| 746...manobreadores e sinaleiros | 915...dedetizadores |
| 751...motoristas | 916...guardadores de automóvel |
| 752...trocaadores | 917...guardas sanitários |
| 774...telefonistas | 920...lixeiro |
| 775...carteiros | 921...lubrificadores |
| 776...guarda-fios | 922...operadores de trator e bombeiro |

12 TRABALHADORES NO SERVIÇO DOMÉSTICO

| | |
|--------------------------------|--------------------------------------|
| 805...empregados domésticos | 844...serventes |
| 825...lavadeiras e passadeiras | 826...engraxates |
| 841...porteiros | 859...guardas/vigias particulares |
| 842...ascensorista | 919...jardineiros. exclusive lavoura |
| 843...vigias | |

13 VENDEDORES AMBULANTES

| | |
|---------------------------------------|--|
| 611...feirantes | 616...bilheteiros |
| 612...aguadeiros | 617...outras ocupações do comércio ambulante |
| 613...doceiros | 621...vendedores de jornais e revistas |
| 614...quitandeiros e fruteiros | 826...engraxates |
| 615...tupeiros, peixeiros e leiteiros | |

14 ARTESÃOS

| | |
|------------------------------|-----------------------------|
| 444...rendeiros | 475...chapeleiro de palha |
| 449...redeiros | 490...cesteiro e esteireiro |
| 474...bordadeira, cenzideira | |

15 PROPRIETÁRIOS (EMPREGADORES) NO SETOR PRIMÁRIO

| | |
|---|--|
| 001...agricultores | 004...criadores de outros animais |
| 002...criadores de gado | 005...proprietários na agropecuária n.e.c. |
| 003...avicultores e criadores de pequenos animais | 006...empresários extração vegetal e pesca |

16 TÉCNICOS E ADMINISTRADORES NO SETOR PRIMÁRIO

030... administradores e gerentes na agropecuária
030... administradores e gerentes na extração vegetal e pesca
302... técnico na agropecuária

303... tratorista e outros operadores
351... operadores de máquinas, extração de minérios e pedras
401... mestres e técnicos de empresas de extração mineral

17 PRODUTORES AGRÍCOLAS AUTÔNOMOS

301... produtores agropecuários autônomos

18 TRABALHADORES RURAIS

304... outros trabalhadores na agropecuária
321... caçadores
322... pescadores
331... madeiros
332... lenhadores
333... carvoeiros (fabricantes)
334... seringueiros
335... ervateiros

336... espanhadores, descascadores e quebradores de produtos vegetais
341... mineiros
345... canteiros e marroeiros
371... garimpeiros
381... salineiros
753... carroceiros e tropeiros
924... trabalhadores braçais n.e.c.

ANEXO 2

TABELAS DO CAPÍTULO 1

Tabela 1

*Taxas de Participação (%) por Sexo, Cor e Idade
1990 - Brasil Total*

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| | | | | 24,3 | 9,4 | 14,0 | 11,6 | 10,6 |
| 10-14 | 20,6 | 27,2 | 28,1 | 71,8 | 41,9 | 48,7 | 40,1 | 41,4 |
| 15-19 | 70,7 | 73,4 | 73,2 | 92,1 | 54,3 | 64,0 | 49,2 | 52,9 |
| 20-24 | 91,8 | 93,7 | 92,6 | 96,2 | 53,6 | 61,3 | 50,0 | 52,7 |
| 25-29 | 96,4 | 94,9 | 96,1 | 97,0 | 54,0 | 64,5 | 53,0 | 54,2 |
| 30-34 | 97,2 | 96,0 | 96,6 | 96,7 | 54,7 | 59,3 | 55,4 | 55,2 |
| 35-39 | 96,9 | 93,5 | 96,9 | 95,7 | 50,6 | 62,8 | 52,1 | 51,8 |
| 40-44 | 96,2 | 92,7 | 95,5 | 93,0 | 44,6 | 56,4 | 48,4 | 46,5 |
| 45-49 | 92,5 | 94,8 | 93,7 | 85,6 | 35,6 | 44,1 | 41,1 | 38,1 |
| 50-54 | 84,5 | 80,5 | 88,2 | 78,1 | 27,7 | 41,8 | 32,6 | 30,2 |
| 55-59 | 76,2 | 76,4 | 81,5 | 67,3 | 16,6 | 28,7 | 22,9 | 19,3 |
| 60-64 | 63,9 | 65,4 | 73,4 | 48,6 | 9,7 | 18,4 | 15,1 | 11,9 |
| 65-69 | 45,2 | 51,5 | 54,2 | 30,9 | 5,2 | 13,5 | 10,7 | 7,3 |
| 70-74 | 27,9 | 30,9 | 36,9 | 20,7 | 2,5 | 3,3 | 4,5 | 3,2 |
| 75-79 | 16,9 | 24,7 | 27,3 | 75,3 | 39,0 | 46,0 | 38,5 | 39,2 |
| Média | 75,2 | 75,4 | 75,5 | | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 2

*Taxa de Participação (%), por Sexo, Cor e Escolaridade
1990 - Brasil Total*

| Escolaridade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|--------------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 0 | 69,0 | 73,4 | 74,8 | 72,7 | 23,0 | 36,5 | 30,3 | 28,0 |
| 1 | 59,5 | 59,5 | 62,4 | 61,0 | 24,5 | 29,7 | 28,9 | 27,0 |
| 2 | 62,8 | 63,9 | 65,8 | 64,2 | 27,1 | 36,9 | 31,4 | 29,7 |
| 3 | 63,5 | 71,1 | 68,8 | 66,0 | 28,1 | 40,1 | 31,5 | 30,1 |
| 4 | 76,2 | 81,8 | 79,2 | 77,5 | 34,1 | 49,6 | 39,7 | 36,6 |
| 5 | 71,5 | 78,1 | 77,4 | 73,9 | 35,0 | 49,2 | 36,5 | 36,3 |
| 6 | 71,5 | 78,1 | 77,4 | 73,9 | 32,4 | 52,7 | 35,6 | 34,4 |
| 7 | 68,8 | 80,1 | 75,2 | 71,6 | 34,6 | 54,6 | 43,8 | 38,7 |
| 8 | 74,3 | 82,4 | 79,6 | 76,5 | 46,2 | 64,5 | 47,9 | 47,5 |
| 9 | 86,0 | 88,1 | 87,0 | 86,3 | 40,1 | 56,9 | 50,5 | 43,3 |
| 10 | 80,4 | 80,6 | 84,0 | 81,2 | 48,6 | 71,9 | 52,2 | 50,2 |
| 11 | 80,4 | 80,6 | 80,6 | 81,7 | 48,6 | 71,9 | 52,2 | 50,2 |
| 12 | 82,5 | 80,8 | 80,6 | 81,7 | 64,2 | 85,0 | 72,8 | 67,3 |
| 13 | 91,4 | 92,7 | 93,9 | 92,0 | 50,4 | 75,3 | 64,8 | 53,4 |
| 14 | 82,3 | 75,2 | 83,7 | 82,4 | 57,1 | 70,4 | 68,3 | 59,6 |
| 15 | 82,9 | 83,5 | 81,7 | 82,6 | 63,7 | 100,0 | 68,3 | 64,8 |
| 16 | 82,9 | 83,5 | 86,7 | 86,8 | 63,7 | 100,0 | 68,3 | 64,8 |
| 17 | 86,9 | 100,0 | 86,7 | 86,8 | 73,7 | 88,0 | 75,7 | 73,6 |
| 18 | 86,9 | 100,0 | 96,2 | 89,8 | 73,7 | 88,0 | 75,7 | 73,6 |
| 19 | 89,4 | 100,0 | 94,3 | 92,8 | 78,3 | 87,6 | 87,1 | 79,7 |
| 20 | 92,6 | 97,6 | 90,9 | 92,7 | 82,4 | 65,5 | 84,5 | 82,7 |
| 21 | 92,7 | 100,0 | 98,6 | 93,3 | 87,8 | 68,3 | 90,9 | 87,5 |
| 22 | 92,7 | 90,9 | - | - | 100,0 | - | - | 100,0 |
| 23 | - | - | - | 46,7 | 64,5 | - | - | 64,5 |
| 24 | - | - | - | - | 39,0 | 46,0 | 38,5 | 39,2 |
| 25 | 100,0 | - | 75,4 | 75,3 | - | - | - | - |
| Média | 75,2 | 75,4 | 75,4 | 75,3 | 39,0 | 46,0 | 38,5 | 39,2 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 3

*Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade
1990 - Brasil Total*

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 4,3 | 1,8 | 2,7 | 3,3 | 3,5 | 6,3 | 2,0 | 3,0 |
| 15-19 | 7,3 | 9,2 | 6,2 | 6,9 | 7,5 | 9,5 | 7,4 | 7,6 |
| 20-24 | 6,1 | 8,8 | 6,9 | 6,6 | 5,7 | 5,9 | 4,4 | 3,9 |
| 25-29 | 4,1 | 7,1 | 5,3 | 4,7 | 3,4 | 2,6 | 3,0 | 2,8 |
| 30-34 | 2,6 | 4,3 | 3,9 | 3,1 | 2,6 | 4,1 | 2,1 | 1,9 |
| 35-39 | 2,6 | 4,3 | 2,6 | 2,5 | 1,8 | 1,8 | 1,1 | 1,1 |
| 40-44 | 2,3 | 2,9 | 2,6 | 2,2 | 1,1 | 1,0 | 1,0 | 0,8 |
| 45-49 | 2,2 | 2,1 | 2,3 | 1,7 | 0,5 | 1,9 | 1,0 | 0,3 |
| 50-54 | 1,6 | 0,7 | 2,1 | 2,0 | 0,3 | 0,3 | 0,2 | 0,3 |
| 55-59 | 2,0 | 3,0 | 1,9 | 2,0 | 0,7 | 0,0 | 0,3 | 0,5 |
| 60-64 | 1,6 | 0,0 | 1,5 | 1,5 | 0,7 | 1,8 | 0,9 | 0,7 |
| 65-69 | 1,6 | 0,0 | 0,6 | 0,7 | 0,3 | 1,8 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,9 | 0,3 | 0,6 | 0,6 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,5 | 3,6 | 0,5 | 0,6 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Média | 0,5 | 3,7 | 0,2 | 0,3 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 4,4 | 3,6 | 3,4 |
| | 0,0 | 4,8 | 4,1 | 3,8 | 3,3 | | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 4

*Desemprego (%), por Sexo, Cor e Escolaridade
1990 - Brasil Total*

| Escolaridade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|--------------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| | | | | 1,9 | 0,7 | 0,9 | 0,9 | 0,8 |
| 0 | 1,9 | 2,3 | 1,8 | 2,7 | 2,0 | 5,3 | 2,8 | 2,7 |
| 1 | 2,2 | 5,4 | 2,7 | 2,9 | 1,8 | 3,1 | 3,1 | 2,6 |
| 2 | 2,5 | 4,1 | 3,2 | 3,4 | 1,5 | 4,0 | 2,9 | 2,3 |
| 3 | 3,1 | 5,2 | 4,7 | 3,7 | 2,3 | 3,9 | 3,0 | 2,6 |
| 4 | 3,2 | 4,8 | 4,4 | 6,0 | 5,0 | 6,0 | 4,8 | 5,0 |
| 5 | 5,4 | 10,9 | 6,1 | 6,5 | 4,5 | 12,5 | 7,6 | 6,2 |
| 6 | 5,9 | 4,4 | 7,7 | 6,5 | 6,7 | 4,9 | 5,9 | 6,2 |
| 7 | 6,3 | 6,4 | 6,8 | 6,0 | 6,5 | 8,6 | 6,7 | 6,7 |
| 8 | 5,3 | 8,7 | 7,0 | 4,5 | 3,7 | 7,8 | 5,1 | 4,3 |
| 9 | 4,2 | 5,5 | 5,0 | 5,6 | 6,5 | 4,7 | 6,2 | 6,3 |
| 10 | 5,6 | 5,4 | 5,5 | 4,6 | 4,4 | 8,1 | 5,9 | 5,0 |
| 11 | 4,1 | 6,6 | 5,7 | 2,8 | 2,0 | 1,0 | 0,7 | 1,8 |
| 12 | 2,6 | 0,0 | 4,2 | 4,8 | 3,2 | 2,9 | 1,8 | 2,8 |
| 13 | 4,9 | 0,0 | 5,2 | 2,4 | 4,7 | 4,8 | 1,2 | 4,0 |
| 14 | 1,6 | 0,0 | 5,6 | 1,5 | 2,0 | 0,0 | 1,6 | 1,9 |
| 15 | 1,1 | 0,0 | 5,2 | 1,5 | 1,4 | 0,0 | 2,7 | 1,6 |
| 16 | 1,4 | 0,0 | 2,5 | 1,2 | 2,6 | 0,0 | 6,7 | 2,9 |
| 17 | 1,2 | 0,0 | 0,8 | 0,6 | 0,3 | 0,0 | 4,9 | 0,9 |
| 18 | 0,6 | 0,0 | 1,4 | - | 0,0 | - | - | 0,0 |
| 19 | - | - | - | 0,0 | 0,0 | - | - | 0,0 |
| 21 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 3,8 | 3,3 | 4,4 | 3,6 | 3,4 |
| Média | 3,5 | 4,8 | 4,1 | | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, *Tabulações Especiais*

Tabela 5

Pessoas Economicamente Ocupadas, por Sexo, Cor e Anos de Estudo.
BRASIL 1990

ATÉ 4 ANOS DE ESCOLARIDADE

| | Homens | | | | Mulheres | | | Total |
|--------------------------------|---------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Brancos | Pretos | Pardos | Total | Brancas | Pretas | Pardas | |
| Prof. Liberais | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Prof.Lib. Empregados | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Dirigentes e Admini. | 1,1 | 0,6 | 0,5 | 0,7 | 0,5 | 0,3 | 0,2 | 0,3 |
| Outros Profissionais | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,1 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Funções Admin. Execução | 0,8 | 0,2 | 0,3 | 0,5 | 0,4 | 0,1 | 0,2 | 0,2 |
| Não-Manual rotina | 1,2 | 1,0 | 1,0 | 1,0 | 1,5 | 0,5 | 0,7 | 1,1 |
| Proprietários Empregadores | 3,3 | 1,1 | 1,7 | 2,4 | 1,0 | 0,3 | 0,4 | 0,7 |
| Empresário Conta Própria | 3,9 | 2,0 | 3,2 | 3,5 | 3,3 | 2,3 | 3,7 | 3,4 |
| Téc. Art. Superv. Trab. Manual | 1,9 | 1,4 | 1,1 | 1,5 | 2,4 | 1,2 | 1,5 | 1,9 |
| Classe Trab. Ind. Moderna | 6,9 | 5,9 | 5,0 | 6,0 | 0,4 | 0,3 | 0,3 | 0,3 |
| Classe Trab. Ind. Tradicional | 19,7 | 22,5 | 18,9 | 19,5 | 17,8 | 8,3 | 13,4 | 15,1 |
| Classe Trab. de Serviços | 9,2 | 8,1 | 0,7 | 8,1 | 8,1 | 6,5 | 6,7 | 7,3 |
| Trab. Man. Conta Própria | 2,2 | 0,7 | 1,5 | 1,8 | 3,0 | 0,7 | 2,3 | 2,6 |
| Trab. Serv. Doméstico | 6,4 | 7,5 | 5,6 | 6,1 | 33,1 | 56,5 | 40,1 | 38,0 |
| Vendedores Ambulantes | 2,1 | 2,8 | 3,0 | 2,6 | 2,9 | 2,8 | 3,1 | 3,0 |
| Ocupações Rurais | 41,3 | 46,1 | 51,1 | 46,1 | 25,5 | 20,2 | 27,4 | 25,9 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: PNAD do ano, Tabulações Especiais.

Tabela 6
 Pessoas Economicamente Ocupadas, por Sexo, Cor e Anos de Estudo.
 BRASIL 1990

DE 5 A 8 ANOS DE ESCOLARIDADE

| | Homens | | | Total | Mulheres | | | Total |
|-------------------------|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | | Branco | Pretas | Pardas | |
| Prof. Liberais | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Prof. Lib. Empregados | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Gerentes e Admini. | 2,4 | 1,0 | 3,2 | 2,0 | 1,7 | 0,9 | 1,4 | 1,6 |
| Outros Profissionais | 0,1 | 0,3 | 0,8 | 0,1 | 0,2 | 0,5 | 0,1 | 0,1 |
| Funções Admin. | 1,8 | 1,4 | 3,1 | 1,6 | 1,2 | 0,6 | 0,8 | 1,0 |
| Execução | | | | | | | | |
| Tipo-Manual rotina | 6,3 | 5,2 | 7,3 | 6,0 | 10,3 | 6,5 | 7,3 | 9,0 |
| Proprietário | 4,3 | 1,9 | 2,3 | 3,7 | 2,0 | 0,0 | 0,9 | 1,5 |
| Empregadores | | | | | | | | |
| Empresário Conta | 3,9 | 0,8 | 3,0 | 3,5 | 3,7 | 2,2 | 3,3 | 3,5 |
| Própria | | | | | | | | |
| Sec. Art. Superv. Trab. | 5,0 | 6,9 | 5,8 | 5,6 | 6,0 | 5,7 | 6,9 | 6,3 |
| Manual | | | | | | | | |
| Classe | | | | | | | | |
| Trab. Ind. Moderna | 13,5 | 15,1 | 12,3 | 13,4 | 1,2 | 1,0 | 1,6 | 1,4 |
| Classe Trab. Ind. | | | | | | | | |
| Tradicional | 18,4 | 28,6 | 21,8 | 20,5 | 17,3 | 14,4 | 17,0 | 17,2 |
| Classe Trab. de | | | | | | | | |
| Serviços | 19,5 | 17,9 | 18,8 | 18,5 | 18,1 | 12,7 | 17,9 | 17,2 |
| Trab. Man. Conta | | | | | | | | |
| Própria | 3,1 | 1,5 | 2,2 | 2,7 | 5,0 | 1,9 | 5,1 | 4,9 |
| Trab. Serv. Doméstico | | | | | | | | |
| Empregadores | 3,9 | 11,5 | 5,3 | 4,9 | 20,9 | 48,9 | 30,4 | 26,2 |
| Ambulantes | 2,0 | 1,5 | 2,7 | 2,3 | 3,9 | 2,6 | 4,2 | 6,0 |
| Ocupações Rurais | | | | | | | | |
| Total | 15,9 | 6,5 | 11,5 | 14,1 | 8,4 | 2,1 | 3,0 | 6,0 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: PNAD do ano, Tabulações Especiais.

Tabela 7
 Pessoas Economicamente Ocupadas, por Sexo, Cor e Anos de Estudo.
 BRASIL 1990

DE 9 A 11 ANOS DE ESCOLARIDADE

| | Homens | | | | Mulheres | | | |
|--------------------------------|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Prof. Lib. Empregados | 0,1 | 0,0 | 0,1 | 0,1 | 0,1 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Dirigentes e Admini. | 7,4 | 4,2 | 6,6 | 7,0 | 6,0 | 2,3 | 3,7 | 5,1 |
| Outros Profissionais | 1,4 | 1,0 | 1,6 | 1,7 | 1,7 | 2,0 | 2,0 | 1,8 |
| Funções Admin. Execução | 7,8 | 5,3 | 6,5 | 7,3 | 5,8 | 2,9 | 4,5 | 5,2 |
| Não-Manual rotina | 15,4 | 17,1 | 15,2 | 15,2 | 29,3 | 20,2 | 22,8 | 26,8 |
| Propriet. Empregadores | 9,0 | 1,8 | 4,7 | 7,6 | 2,9 | 1,3 | 1,3 | 2,4 |
| Empresário Conta Própria | 4,7 | 1,5 | 4,1 | 4,4 | 3,2 | 2,3 | 3,6 | 3,2 |
| Téc. Art. Superv. Trab. Manual | 17,8 | 20,2 | 15,6 | 14,4 | 18,3 | 27,4 | 25,3 | 20,6 |
| Classe Trab. Ind. Moderna | 10,1 | 17,3 | 10,7 | 10,6 | 0,6 | 0,2 | 0,7 | 0,6 |
| Classe Trab. Ind. Tradicional | 6,3 | 9,1 | 8,6 | 6,9 | 7,5 | 10,0 | 7,6 | 4,3 |
| Classe Trab de Serviços | 11,9 | 13,3 | 14,3 | 12,6 | 13,9 | 11,8 | 14,7 | 14,1 |
| Trab. Man. Conta Própria | 2,4 | 1,0 | 2,0 | 2,2 | 3,2 | 0,8 | 3,6 | 3,3 |
| Trab. Serv. Doméstico | 1,7 | 6,9 | 3,7 | 2,4 | 3,8 | 17,2 | 6,1 | 5,0 |
| Vendedores Ambulantes | 1,5 | 0,9 | 2,2 | 1,7 | 2,8 | 1,3 | 3,3 | 2,8 |
| Ocupações Rurais | 6,5 | 0,2 | 4,3 | 5,8 | 1,2 | 0,1 | 0,6 | 0,9 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: PNAD do ano, Tabulações Especiais.

Tabela 8
Pessoas Economicamente Ocupadas, por Sexo, Cor e Anos de Estudo.
BRASIL 1990

MAIS DE 12 ANOS DE ESCOLARIDADE

| | Homens | | | | Mulheres | | | |
|--------------------------------|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 3,8 | 7,2 | 1,3 | 3,5 | 1,5 | 0,4 | 0,9 | 1,4 |
| Prof. Lib. Empregados | 9,7 | 6,6 | 5,2 | 9,1 | 4,8 | - | 2,6 | 4,4 |
| Dirigentes e Admini. | 18,2 | 12,6 | 13,1 | 17,4 | 9,7 | 1,2 | 8,2 | 9,4 |
| Outros Profissionais | 11,3 | 11,0 | 13,5 | 11,5 | 19,3 | 13,8 | 18,7 | 19,0 |
| Funções Admin. | 8,4 | 6,4 | 8,4 | 8,4 | 8,1 | 5,1 | 8,5 | 8,1 |
| Execução | | | | | | | | |
| Não-Manual rotina | 8,3 | 9,9 | 13,8 | 8,9 | 16,5 | 20,8 | 16,3 | 16,7 |
| Proprietários | 14,3 | 5,1 | 8,2 | 13,4 | 5,6 | 0,8 | 4,2 | 5,4 |
| Empregadores | | | | | | | | |
| Empresário Conta Própria | 3,5 | 3,4 | 2,4 | 3,3 | 2,2 | 3,3 | 2,1 | 2,9 |
| Téc. Art. Superv. Trab. Manual | 11,3 | 17,5 | 16,8 | 12,1 | 24,5 | 37,6 | 28,3 | 25,5 |
| Classe | | | | | | | | |
| Trab. Ind. Moderna | 2,3 | 6,3 | 5,2 | 2,4 | - | 1,8 | 0,1 | 0,6 |
| Classe Trab. Ind. Tradicional | 0,9 | 6,6 | 1,8 | 1,1 | 2,3 | 2,3 | 3,2 | 5,0 |
| Classe Trab. de Serviços | 3,1 | 3,0 | 3,9 | 3,2 | 2,3 | 1,7 | 2,4 | 2,4 |
| Trab. Man. Cont. próp. | 0,9 | - | 0,6 | 0,9 | 1,3 | 1,2 | 1,3 | 2,0 |
| Trab. Serv. Doméstico | 0,4 | 4,0 | 1,9 | 0,6 | 0,5 | 7,3 | 1,7 | 0,8 |
| Vendedores | 0,7 | 0,5 | 0,5 | 0,7 | 1,0 | 2,5 | 1,3 | 1,1 |
| Ambulantes | | | | | | | | |
| Ocupações Rurais | 3,1 | - | 2,4 | 3,1 | 0,4 | - | 0,3 | 0,5 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 1000,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: PNAD do ano, Tabulações Especiais.

TABELA 9
Pessoas Economicamente Ocupadas, por Sexo Cor e Grupos de Idade
Brasil - 1990
DE 10 14 ANOS

| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Pretas | Pardas | Total |
|--|--------|--------|--------|-------|--------|--------|--------|-------|
| | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| Prof. Liberais | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| Prof. Lib. Empregados | 0.0 | 0.1 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| Dirigentes e Administradores | 0.5 | 0.1 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| Outros Prof. Liberais | 0.1 | 0.5 | 0.0 | 0.1 | 0.1 | 0.0 | 0.0 | 0.1 |
| Funções Administ. Execução | 0.7 | 4.4 | 0.8 | 1.2 | 2.7 | 2.0 | 0.8 | 1.7 |
| Não-manual Rotina | 8.6 | 0.0 | 0.0 | 0.1 | 0.1 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| Propr. Empregadores | 0.4 | 0.2 | 0.4 | 0.4 | 0.5 | 0.0 | 0.3 | 0.4 |
| Empresário Conta Própria | 0.7 | 0.7 | 0.3 | 0.5 | 1.4 | 0.5 | 0.8 | 1.0 |
| Tec. Artista, Supervisor do Trab. Manual | 4.3 | 4.1 | 3.5 | 3.5 | 0.3 | 0.0 | 0.1 | 0.2 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 9.6 | 6.4 | 8.8 | 10.3 | 12.4 | 3.3 | 9.0 | 9.6 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 18.9 | 12.0 | 6.7 | 8.9 | 7.7 | 2.0 | 3.9 | 5.4 |
| Classe Trab. Serviços | 16.8 | 0.7 | 3.6 | 3.4 | 2.4 | 2.6 | 3.2 | 3.4 |
| Trab. Man. Cont. Próp. | 2.4 | 5.2 | 2.0 | 2.0 | 35.6 | 59.1 | 39.1 | 38.7 |
| Trab. Serviço Doméstico | 2.2 | 2.3 | 6.8 | 6.1 | 1.3 | 0.0 | 2.4 | 1.8 |
| Vendedor Ambulante | 1.5 | 38.4 | 67.1 | 63.4 | 34.0 | 31.5 | 40.5 | 3.7 |
| Ocupações Rurais | 33.1 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais.

TABELA 10
 Pessoas Economicamente Ocupadas, por Sexo Cor e Grupos de Idade
 Brasil - 1990
 DE 15-19 ANOS

| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Pretas | Pardas | Total |
|--|--------|--------|--------|-------|--------|--------|--------|-------|
| | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| Prof. Liberais | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| Prof. Liberais Empregados | 0.0 | 0.1 | 0.2 | 0.3 | 2.0 | 0.1 | 0.7 | 1.4 |
| Dirigentes e Administradores | 0.5 | 0.1 | 0.0 | 0.1 | 0.4 | 0.0 | 0.4 | 0.4 |
| Outros Prof. Liberais | 0.1 | 0.1 | 0.4 | 0.6 | 0.9 | 0.0 | 0.5 | 0.7 |
| Funções Administ. Execução | 0.7 | 0.5 | 3.5 | 6.1 | 16.8 | 4.7 | 7.0 | 12.3 |
| Não-manual Rotina | 8.6 | 4.4 | 0.3 | 0.3 | 0.1 | 0.0 | 0.1 | 0.1 |
| Proprietários | 0.4 | 0.0 | 0.7 | 0.7 | 0.4 | 0.0 | 0.3 | 0.3 |
| Empresário Conta Própria | 0.7 | 0.2 | 2.9 | 3.6 | 5.0 | 4.6 | 4.2 | 4.6 |
| Tec. Artista, Supervisor do Trab. Manual | 4.3 | 0.7 | 6.8 | 8.2 | 0.4 | 0.0 | 1.0 | 0.6 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 9.6 | 4.1 | 19.5 | 19.6 | 12.4 | 11.3 | 10.4 | 11.6 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 18.9 | 6.4 | 13.1 | 14.9 | 18.2 | 8.9 | 12.1 | 15.1 |
| Classe Trab. Serviços | 16.8 | 12.0 | 1.7 | 2.1 | 2.4 | 0.7 | 2.9 | 2.5 |
| Trab. Man. Cont. Prop. | 2.4 | 0.7 | 2.6 | 2.5 | 24.4 | 53.7 | 40.5 | 32.7 |
| Trab. Serv. Doméstico | 2.2 | 5.2 | 2.6 | 2.1 | 1.5 | 1.3 | 1.3 | 1.4 |
| Vendedor Ambulante | 1.5 | 2.3 | 2.6 | 2.1 | 15.1 | 11.0 | 18.7 | 16.2 |
| Ocupações Rurais | 33.1 | 38.4 | 45.4 | 38.9 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais.

TABELA 11
Pessoas Economicamente Ocupadas, por Sexo Cor e Grupos de Idade
Brasil - 1990
20 - 24 ANOS

| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Preta | Parda | Total |
|---|--------|--------|--------|-------|--------|-------|-------|-------|
| | 0.2 | 0.0 | 0.0 | 0.1 | 0.2 | 0.0 | 0.1 | 0.1 |
| Prof. Liberais | 0.2 | 0.0 | 0.1 | 0.3 | 0.2 | 0.0 | 0.0 | 0.1 |
| Prof. Liberais Empregados | 2.1 | 0.9 | 1.2 | 1.7 | 2.7 | 1.0 | 1.6 | 2.2 |
| Dirigentes e Administradores | 1.2 | 0.7 | 0.5 | 0.8 | 3.5 | 0.1 | 1.0 | 2.5 |
| Outros Prof. Liberais | 3.1 | 0.9 | 1.4 | 2.3 | 2.6 | 0.8 | 1.4 | 2.0 |
| Funções Administ. Execução | 10.8 | 5.9 | 6.4 | 8.7 | 21.3 | 9.9 | 13.5 | 18.0 |
| Não-manual Rotina | 2.5 | 0.1 | 1.1 | 1.8 | 1.0 | 0.0 | 0.6 | 0.8 |
| Propr. Empregadores | 2.4 | 0.6 | 1.8 | 2.0 | 1.7 | 0.8 | 1.6 | 1.6 |
| Empresário Conta Própria | 8.8 | 6.2 | 6.2 | 6.6 | 11.2 | 8.5 | 11.7 | 11.2 |
| Tec. Artista Supervisor do Trab. Manual | 10.1 | 12.5 | 8.7 | 9.8 | 1.2 | 0.6 | 1.1 | 1.1 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 17.5 | 24.1 | 21.5 | 19.4 | 11.4 | 9.4 | 11.8 | 11.3 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 13.2 | 12.6 | 11.7 | 12.5 | 16.0 | 11.0 | 14.5 | 15.2 |
| Classe Trab. Serviços | 1.3 | 0.2 | 1.3 | 1.3 | 2.0 | 1.0 | 2.2 | 2.0 |
| Trab. Man. Cont. Próp. | 3.2 | 7.7 | 4.5 | 3.9 | 15.2 | 48.2 | 26.0 | 20.8 |
| Trab. Serv. Doméstico | 1.3 | 1.4 | 2.3 | 1.7 | 2.2 | 0.5 | 2.3 | 2.1 |
| Vendedor Ambulante | 21.8 | 26.6 | 31.4 | 26.1 | 7.8 | 8.3 | 10.6 | 8.7 |
| Ocupações Rurais | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |
| TOTAL | | | | | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais.

ANEXO 3

TABELAS DO CAPÍTULO 2

Tabela 1

*Taxa de Participação (%), por Sexo, Cor e Escolaridade
1990 - Brasil Rural*

| Escolaridade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|--------------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 0 | 79,7 | 81,5 | 81,0 | 80,7 | 26,4 | 35,1 | 31,7 | 30,2 |
| 1 | 71,6 | 69,6 | 74,3 | 73,0 | 27,6 | 29,5 | 31,1 | 29,7 |
| 2 | 75,3 | 72,3 | 80,3 | 77,6 | 30,0 | 32,0 | 32,3 | 31,2 |
| 3 | 79,6 | 83,9 | 82,8 | 81,1 | 34,3 | 34,1 | 34,3 | 34,2 |
| 4 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 5 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 6 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 7 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 8 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 9 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 10 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 11 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 12 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 13 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 14 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 15 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 16 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 17 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 18 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 19 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| 21 | 90,2 | 89,2 | 89,1 | 89,8 | 44,3 | 46,1 | 41,1 | 43,2 |
| Média | 83,1 | 81,3 | 81,9 | 82,4 | 37,0 | 37,8 | 34,8 | 36,0 |

Fonte: PNAD do Ano, *Tabulações Especiais*

Tabela 2

*Taxa de Participação (%) por Sexo, Cor e Idade
1990 - Brasil Rural*

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | Total |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 42,7 | 43,6 | 40,5 | 44,8 | 17,1 | 22,0 | 18,2 | 17,9 |
| 15-19 | 87,2 | 85,4 | 86,8 | 86,9 | 45,5 | 42,9 | 40,0 | 42,9 |
| 20-24 | 97,2 | 98,4 | 96,4 | 96,9 | 45,1 | 46,0 | 41,1 | 43,3 |
| 25-29 | 96,9 | 94,7 | 97,6 | 97,1 | 44,0 | 41,2 | 39,5 | 41,9 |
| 30-34 | 98,1 | 97,3 | 97,4 | 97,7 | 50,0 | 52,1 | 42,8 | 47,0 |
| 35-39 | 98,0 | 99,6 | 98,4 | 98,3 | 49,8 | 55,7 | 46,9 | 48,7 |
| 40-44 | 97,7 | 94,7 | 96,0 | 96,7 | 47,2 | 54,6 | 44,4 | 46,3 |
| 45-49 | 95,5 | 100,0 | 96,7 | 96,4 | 41,7 | 35,8 | 43,8 | 42,3 |
| 50-54 | 93,5 | 94,1 | 95,1 | 94,2 | 36,7 | 43,5 | 42,0 | 39,7 |
| 55-59 | 90,1 | 92,4 | 94,2 | 92,0 | 33,2 | 43,6 | 34,4 | 34,2 |
| 60-64 | 86,2 | 79,4 | 87,5 | 86,4 | 20,3 | 20,4 | 29,1 | 24,3 |
| 65-69 | 86,2 | 79,4 | 73,4 | 71,5 | 14,3 | 20,4 | 18,3 | 16,5 |
| 70-74 | 70,6 | 70,4 | 54,7 | 52,8 | 8,6 | 8,7 | 14,2 | 11,0 |
| 75-79 | 50,7 | 49,8 | 40,0 | 35,6 | 3,2 | 4,7 | 4,6 | 4,2 |
| Média | 33,0 | 30,0 | 81,9 | 82,4 | 37,0 | 37,8 | 34,8 | 36,0 |

Fonte: PNAD do Ano, *Tabulações Especiais*

Tabela 3

*Taxa de Participação (%), por Sexo, Cor e Escolaridade
1990 - Brasil Urbano Não Metropolitano*

| Escolaridade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|--------------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| | | | | 65,1 | 19,6 | 36,5 | 28,4 | 25,3 |
| 0 | 59,5 | 66,3 | 68,7 | 56,2 | 23,6 | 32,2 | 27,6 | 26,0 |
| 1 | 55,4 | 59,0 | 56,5 | 60,4 | 26,3 | 36,4 | 31,5 | 29,3 |
| 2 | 60,9 | 64,0 | 59,6 | 62,2 | 27,5 | 39,9 | 31,2 | 29,6 |
| 3 | 59,6 | 71,5 | 64,6 | 75,4 | 33,1 | 51,6 | 39,2 | 35,7 |
| 4 | 74,0 | 80,3 | 77,2 | 73,3 | 34,8 | 53,5 | 35,5 | 35,8 |
| 5 | 70,5 | 80,7 | 77,2 | 71,8 | 32,4 | 57,5 | 36,8 | 34,7 |
| 6 | 70,2 | 78,7 | 74,3 | 77,5 | 36,4 | 54,3 | 44,1 | 39,8 |
| 7 | 75,8 | 83,2 | 80,3 | 86,3 | 44,7 | 70,4 | 47,1 | 46,4 |
| 8 | 86,1 | 85,3 | 87,3 | 82,2 | 42,9 | 57,0 | 50,5 | 45,3 |
| 9 | 81,9 | 85,9 | 83,1 | 80,5 | 48,3 | 76,1 | 54,1 | 50,6 |
| 10 | 82,5 | 64,5 | 77,6 | 80,5 | 64,1 | 87,1 | 74,0 | 67,5 |
| 11 | 92,2 | 92,0 | 93,8 | 92,4 | 64,1 | 78,9 | 72,1 | 56,7 |
| 12 | 84,8 | 70,9 | 84,0 | 84,1 | 53,0 | 77,1 | 66,9 | 58,0 |
| 13 | 81,9 | 79,4 | 82,1 | 81,3 | 56,1 | 100,0 | 64,7 | 64,6 |
| 14 | 87,0 | - | 86,3 | 86,8 | 64,7 | 100,0 | 72,1 | 75,9 |
| 15 | 88,8 | 100,0 | 86,3 | 86,8 | 76,4 | 100,0 | 72,1 | 75,9 |
| 16 | 93,4 | 100,0 | 94,4 | 89,7 | 76,4 | 95,6 | 88,0 | 81,5 |
| 17 | 93,9 | 100,0 | 96,5 | 93,7 | 80,6 | 0,0 | 85,1 | 83,7 |
| 18 | 96,0 | 100,0 | 96,5 | 93,5 | 84,0 | - | 93,4 | 94,7 |
| 19 | - | - | 97,9 | 96,3 | 95,1 | - | - | - |
| 20 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 21 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Média | 73,7 | 73,1 | 72,6 | 73,2 | 38,9 | 47,3 | 38,9 | 39,2 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 4

*Taxas de Participação (%) por Sexo, Cor e Idade
1990 - Brasil Urbano Não Metropolitano*

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | Total |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| | | | | 18,9 | 9,2 | 16,6 | 10,4 | 10,0 |
| 10-14 | 16,0 | 22,6 | 22,0 | 69,9 | 42,4 | 56,7 | 40,6 | 42,3 |
| 15-19 | 70,1 | 75,8 | 69,5 | 90,6 | 53,3 | 67,3 | 49,9 | 52,7 |
| 20-24 | 90,9 | 92,4 | 90,3 | 95,7 | 52,8 | 61,3 | 52,0 | 52,9 |
| 25-29 | 95,8 | 94,3 | 95,5 | 96,7 | 53,3 | 63,1 | 55,1 | 54,4 |
| 30-34 | 97,2 | 94,7 | 95,9 | 96,0 | 55,8 | 56,4 | 57,8 | 56,6 |
| 35-39 | 96,3 | 92,7 | 95,9 | 95,4 | 51,1 | 63,2 | 54,3 | 52,7 |
| 40-44 | 95,2 | 95,1 | 96,0 | 92,1 | 45,5 | 62,0 | 49,6 | 47,4 |
| 45-49 | 91,9 | 92,0 | 92,8 | 83,2 | 35,3 | 38,1 | 42,4 | 38,0 |
| 50-54 | 82,5 | 72,0 | 85,6 | 76,6 | 25,5 | 38,6 | 31,0 | 28,0 |
| 55-59 | 75,8 | 65,6 | 79,6 | 65,3 | 15,6 | 36,1 | 20,4 | 18,1 |
| 60-64 | 62,2 | 66,8 | 70,9 | 39,9 | 8,9 | 15,2 | 12,8 | 10,5 |
| 65-69 | 36,6 | 46,3 | 44,4 | 23,6 | 4,0 | 13,0 | 9,3 | 5,8 |
| 70-74 | 22,5 | 23,4 | 26,5 | 15,2 | 2,6 | 1,6 | 3,9 | 2,9 |
| 75-79 | 12,8 | 20,2 | 19,1 | 73,2 | 38,9 | 47,4 | 38,9 | 39,3 |
| Média | 73,7 | 73,2 | 72,6 | | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 5

*Taxa de Participação (%), por Sexo, Cor e Escolaridade
1990 - Brasil Metropolitano*

| Escolaridade | Homens | | | | Mulheres | | | Total |
|--------------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| | | | | 61,1 | 23,9 | 38,8 | 30,8 | 28,7 |
| 0 | 60,1 | 62,6 | 62,0 | 48,2 | 21,6 | 27,8 | 26,9 | 24,5 |
| 1 | 47,1 | 49,6 | 48,7 | 51,7 | 24,9 | 40,2 | 30,0 | 28,5 |
| 2 | 49,3 | 56,3 | 53,6 | 55,0 | 22,2 | 43,7 | 29,1 | 26,7 |
| 3 | 51,7 | 62,5 | 58,4 | 70,6 | 28,0 | 49,0 | 39,2 | 33,0 |
| 4 | 67,0 | 80,0 | 74,7 | 68,4 | 31,8 | 46,6 | 38,3 | 35,2 |
| 5 | 63,7 | 74,4 | 73,8 | 67,1 | 30,1 | 48,7 | 35,5 | 33,3 |
| 6 | 61,8 | 79,7 | 73,3 | 67,1 | 30,8 | 53,7 | 44,0 | 36,7 |
| 7 | 61,8 | 79,7 | 79,2 | 72,4 | 30,8 | 53,7 | 44,0 | 36,7 |
| 8 | 67,0 | 82,1 | 79,2 | 72,4 | 47,4 | 64,7 | 50,1 | 49,1 |
| 9 | 83,1 | 88,4 | 86,3 | 84,4 | 47,4 | 64,7 | 50,1 | 49,1 |
| 10 | 83,1 | 88,4 | 86,3 | 79,7 | 37,4 | 55,0 | 51,0 | 41,4 |
| 11 | 78,2 | 77,1 | 84,4 | 81,2 | 49,6 | 66,6 | 50,6 | 50,4 |
| 12 | 80,4 | 88,2 | 82,4 | 81,2 | 63,4 | 84,4 | 71,1 | 66,4 |
| 13 | 80,4 | 88,2 | 82,4 | 91,0 | 63,4 | 84,4 | 71,1 | 66,4 |
| 14 | 89,0 | 92,9 | 93,5 | 91,0 | 47,7 | 71,5 | 57,0 | 50,0 |
| 15 | 89,0 | 92,9 | 83,2 | 81,0 | 47,7 | 71,5 | 57,0 | 50,0 |
| 16 | 80,4 | 74,6 | 83,2 | 81,0 | 56,5 | 67,0 | 69,0 | 60,2 |
| 17 | 80,4 | 74,6 | 83,0 | 83,5 | 56,5 | 67,0 | 69,0 | 60,2 |
| 18 | 83,3 | 85,0 | 87,1 | 86,7 | 61,9 | 100,0 | 69,9 | 64,1 |
| 19 | 83,3 | 85,0 | 87,1 | 86,7 | 61,9 | 100,0 | 69,9 | 64,1 |
| 20 | 86,8 | 100,0 | 98,3 | 90,6 | 70,2 | 87,35 | 80,7 | 70,9 |
| 21 | 86,8 | 100,0 | 98,3 | 90,6 | 70,2 | 87,35 | 80,7 | 70,9 |
| Média | 90,1 | 100,0 | 92,0 | 91,4 | 77,2 | 84,1 | 83,8 | 82,0 |
| | 92,0 | 94,8 | 92,8 | 92,6 | 81,6 | 100,0 | 83,0 | 81,9 |
| | 92,4 | 100,0 | 100,0 | 90,9 | 82,7 | 68,3 | - | 100,0 |
| | 90,3 | 89,2 | - | - | 100,0 | - | - | 64,5 |
| | - | - | 0,0 | 46,7 | 64,5 | - | - | 41,3 |
| | - | - | - | - | 40,2 | 49,5 | 41,5 | 41,3 |
| | 100,0 | - | 72,2 | 72,1 | - | - | - | - |
| Média | 72,0 | 73,2 | 72,2 | 72,1 | - | - | - | - |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 6

*Taxa de Participação (%) por Sexo, Cor e Idade
1990 - Brasil Metropolitano*

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 8,8 | 15,2 | 10,4 | 9,7 | 3,4 | 5,9 | 5,1 | 4,2 |
| 15-19 | 57,9 | 61,6 | 61,7 | 59,4 | 38,5 | 44,1 | 38,7 | 38,9 |
| 20-24 | 89,4 | 92,0 | 91,8 | 90,4 | 61,0 | 69,5 | 54,8 | 59,4 |
| 25-29 | 96,7 | 95,4 | 95,5 | 96,1 | 59,5 | 70,5 | 55,5 | 59,0 |
| 30-34 | 96,8 | 96,1 | 96,8 | 96,8 | 56,6 | 71,0 | 57,8 | 57,8 |
| 35-39 | 96,8 | 96,1 | 96,8 | 96,6 | 55,5 | 63,1 | 58,8 | 57,2 |
| 40-44 | 97,1 | 90,6 | 94,3 | 95,3 | 51,6 | 66,9 | 56,6 | 54,3 |
| 45-49 | 97,1 | 89,8 | 91,3 | 91,5 | 45,0 | 63,8 | 52,0 | 48,3 |
| 50-54 | 96,5 | 89,8 | 91,3 | 91,5 | 45,0 | 63,8 | 52,0 | 48,3 |
| 55-59 | 96,5 | 89,8 | 91,3 | 91,5 | 35,2 | 49,5 | 38,5 | 37,3 |
| 60-64 | 91,5 | 93,3 | 83,2 | 82,3 | 27,6 | 43,8 | 33,1 | 30,5 |
| 65-69 | 82,1 | 78,0 | 69,7 | 68,9 | 16,2 | 27,4 | 20,0 | 17,9 |
| 70-74 | 67,7 | 73,6 | 57,7 | 54,6 | 8,5 | 20,4 | 14,9 | 10,7 |
| 75-79 | 52,9 | 52,8 | 35,9 | 36,4 | 4,9 | 17,2 | 8,7 | 6,7 |
| Média | 36,7 | 31,0 | 18,3 | 17,5 | 2,1 | 4,9 | 5,7 | 3,0 |
| | 17,5 | 23,1 | 15,2 | 11,5 | 40,2 | 49,5 | 41,5 | 41,3 |
| | 9,5 | 24,7 | 72,2 | 72,1 | | | | |
| | 72,0 | 73,2 | | | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 7

*Desemprego (%), por Sexo, Cor e Escolaridade
1990 - Brasil Rural*

| Escolaridade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|--------------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| | | | 0,5 | 0,6 | 0,3 | 0,1 | 0,2 | 0,3 |
| 0 | 0,7 | 0,1 | 0,9 | 0,8 | 0,6 | 7,3 | 0,9 | 1,2 |
| 1 | 0,5 | 1,3 | 0,5 | 0,9 | 0,8 | 4,9 | 1,5 | 1,3 |
| 2 | 1,0 | 3,2 | 1,5 | 1,1 | 1,0 | 6,3 | 1,0 | 1,2 |
| 3 | 0,8 | 0,0 | 1,0 | 0,9 | 0,8 | 0,0 | 1,6 | 1,0 |
| 4 | 0,8 | 2,6 | 2,1 | 2,1 | 0,6 | 3,7 | 5,6 | 2,3 |
| 5 | 1,5 | 11,5 | 4,1 | 3,6 | 3,7 | 0,0 | 3,0 | 3,3 |
| 6 | 2,9 | 8,1 | 3,1 | 3,2 | 6,1 | 0,0 | 1,0 | 3,8 |
| 7 | 3,5 | 0,0 | 3,3 | 3,2 | 4,1 | 0,0 | 4,1 | 3,9 |
| 8 | 2,9 | 11,8 | 5,8 | 3,3 | 3,1 | 0,0 | 4,2 | 3,3 |
| 9 | 1,6 | 24,4 | 3,9 | 2,1 | 2,4 | 0,0 | 8,0 | 4,3 |
| 10 | 1,6 | 0,0 | 7,2 | 3,4 | 4,0 | 0,0 | 4,0 | 3,9 |
| 11 | 1,6 | 0,4 | 0,0 | 0,6 | 0,0 | 0,0 | 1,8 | 0,6 |
| 12 | 1,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 13 | 0,0 | - | - | 0,0 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 14 | 0,0 | - | - | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 15 | 0,0 | - | 5,5 | 0,8 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 16 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 17 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 | 0,0 | - | - | - |
| 18 | 0,0 | - | - | - | - | - | - | - |
| 19 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 21 | - | - | 1,0 | 1,1 | 1,3 | 2,1 | 1,3 | 1,4 |
| Média | 1,1 | 1,8 | | | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 8

*Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade
1990 - Brasil Rural*

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | Total |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| | | | | 0,5 | 0,8 | 4,7 | 0,1 | 0,7 |
| 10-14 | 0,7 | 0,0 | 0,4 | 1,6 | 3,3 | 5,5 | 2,8 | 3,1 |
| 15-19 | 1,6 | 4,0 | 1,3 | 2,5 | 2,6 | 0,9 | 3,4 | 2,9 |
| 20-24 | 2,7 | 3,8 | 2,2 | 1,6 | 0,9 | 2,9 | 1,3 | 1,1 |
| 25-29 | 0,8 | 3,5 | 2,3 | 1,1 | 0,8 | 2,5 | 0,8 | 0,9 |
| 30-34 | 1,0 | 2,5 | 1,0 | 0,9 | 0,5 | 2,4 | 0,9 | 0,8 |
| 35-39 | 1,3 | 0,5 | 0,4 | 0,6 | 0,1 | 0,0 | 0,5 | 0,3 |
| 40-44 | 0,5 | 0,5 | 0,8 | 0,4 | 0,4 | 0,0 | 1,2 | 0,8 |
| 45-49 | 0,3 | 0,0 | 0,6 | 0,4 | 0,2 | 0,0 | 0,0 | 0,1 |
| 50-54 | 0,3 | 0,0 | 0,5 | 0,3 | 0,2 | 0,0 | 0,0 | 0,4 |
| 55-54 | 0,1 | 0,9 | 0,0 | 0,5 | 0,8 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-59 | 1,1 | 0,0 | 0,0 | 0,1 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 60-64 | 1,1 | 0,0 | 0,1 | 0,1 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 0,5 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| | | | 1,0 | 1,1 | 1,3 | 2,1 | 1,3 | 1,4 |
| Média | 1,1 | 1,8 | | | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 9

*Desemprego (%), por Sexo, Cor e Escolaridade
1990 - Brasil Urbano Não Metropolitano*

| Escolaridade | Homens | | | | Mulheres | | | Total |
|--------------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 0 | 2,9 | 3,2 | 3,6 | 3,4 | 1,0 | 0,0 | 1,5 | 1,2 |
| 1 | 3,1 | 8,5 | 4,6 | 4,2 | 2,1 | 0,0 | 2,8 | 2,4 |
| 2 | 3,4 | 6,0 | 4,8 | 5,2 | 2,2 | 0,0 | 3,4 | 2,6 |
| 3 | 4,1 | 7,5 | 6,5 | 3,9 | 0,8 | 4,6 | 3,4 | 3,0 |
| 4 | 4,1 | 7,5 | 6,5 | 3,9 | 2,7 | 3,6 | 4,6 | 4,8 |
| 5 | 3,3 | 2,5 | 7,3 | 6,7 | 4,8 | 5,1 | 4,6 | 6,0 |
| 6 | 3,3 | 2,5 | 7,3 | 6,7 | 3,9 | 15,3 | 8,1 | 6,0 |
| 7 | 6,1 | 10,3 | 8,8 | 6,2 | 3,9 | 2,9 | 5,3 | 5,2 |
| 8 | 5,0 | 1,7 | 6,6 | 6,5 | 5,4 | 7,3 | 6,4 | 5,4 |
| 9 | 6,2 | 11,7 | 6,5 | 5,6 | 4,8 | 15,3 | 3,9 | 4,2 |
| 10 | 5,1 | 6,8 | 3,7 | 3,7 | 3,9 | 6,4 | 4,6 | 6,0 |
| 11 | 3,7 | 4,8 | 6,5 | 6,1 | 6,7 | 5,9 | 4,8 | 4,0 |
| 12 | 5,6 | 18,4 | 6,4 | 4,2 | 3,5 | 5,9 | 4,8 | 4,0 |
| 13 | 3,2 | 3,3 | 5,4 | 2,3 | 2,3 | 0,0 | 0,5 | 1,8 |
| 14 | 1,7 | 0,0 | 5,7 | 2,8 | 2,0 | 0,0 | 0,0 | 1,5 |
| 15 | 2,1 | 0,0 | 6,7 | 2,8 | 2,9 | 0,0 | 0,0 | 2,4 |
| 16 | 1,2 | 0,0 | 4,7 | 1,9 | 0,7 | 0,0 | 1,6 | 0,6 |
| 17 | 1,6 | 0,0 | 1,3 | 0,8 | 1,1 | 0,0 | 3,2 | 1,1 |
| 18 | 1,9 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 1,4 | 0,0 | 7,3 | 1,6 |
| 19 | 0,5 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | - | - | 1,5 |
| 20 | 0,0 | 0,0 | - | - | - | - | - | - |
| 21 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Média | 3,8 | 5,1 | 5,3 | 4,4 | 3,0 | 3,9 | 3,7 | 3,3 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 10

*Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade
1990 - Brasil Urbano-não Metropolitano*

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 7,4 | 2,8 | 5,4 | 6,1 | 5,8 | 5,1 | 4,0 | 4,9 |
| 15-19 | 8,2 | 8,6 | 8,9 | 8,5 | 7,7 | 9,3 | 7,9 | 7,9 |
| 20-24 | 6,5 | 8,0 | 8,4 | 7,3 | 4,2 | 7,3 | 6,0 | 5,0 |
| 25-29 | 4,1 | 8,9 | 6,2 | 5,2 | 2,7 | 4,0 | 4,6 | 3,4 |
| 30-34 | 2,3 | 3,2 | 4,7 | 3,1 | 2,8 | 1,2 | 2,4 | 2,6 |
| 35-39 | 2,0 | 3,7 | 3,3 | 2,5 | 1,1 | 0,8 | 1,7 | 1,3 |
| 40-44 | 2,0 | 3,7 | 3,3 | 2,2 | 1,3 | 0,9 | 0,7 | 1,0 |
| 45-49 | 1,7 | 1,4 | 3,2 | 2,2 | 0,6 | 0,0 | 1,6 | 0,9 |
| 50-54 | 2,1 | 0,0 | 2,8 | 2,0 | 0,0 | 0,0 | 0,5 | 0,2 |
| 55-59 | 2,0 | 4,0 | 1,7 | 1,8 | 0,8 | 0,0 | 0,6 | 0,7 |
| 60-64 | 1,6 | 0,0 | 2,4 | 1,2 | 0,0 | 4,1 | 2,1 | 1,1 |
| 65-69 | 1,5 | 0,7 | 0,7 | 0,8 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 10,6 | 0,6 | 1,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 11,3 | 0,7 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Média | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 4,4 | 3,0 | 3,9 | 3,7 | 3,3 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 11

*Desemprego (%), por Sexo, Cor e Escolaridade
1990 - Brasil Metropolitano*

| Escolaridade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|--------------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| | | | | 4,8 | 0,9 | 0,8 | 1,7 | 1,5 |
| 0 | 4,3 | 8,9 | 4,2 | 4,8 | 4,3 | 8,8 | 6,9 | 6,1 |
| 1 | 4,5 | 7,6 | 4,5 | 4,8 | 2,7 | 5,1 | 5,2 | 4,1 |
| 2 | 3,9 | 3,0 | 6,3 | 4,9 | 3,4 | 2,6 | 4,5 | 3,8 |
| 3 | 5,2 | 6,6 | 7,2 | 6,1 | 3,6 | 5,7 | 3,5 | 3,7 |
| 4 | 5,8 | 8,0 | 6,5 | 6,2 | 3,6 | 7,2 | 4,6 | 6,7 |
| 5 | 5,8 | 8,0 | 6,6 | 7,5 | 8,1 | 7,2 | 4,6 | 7,6 |
| 6 | 7,6 | 11,0 | 8,0 | 8,3 | 5,8 | 13,3 | 8,6 | 7,6 |
| 7 | 8,9 | 5,7 | 8,0 | 8,3 | 8,8 | 7,2 | 8,2 | 8,4 |
| 8 | 7,9 | 5,2 | 8,0 | 7,7 | 9,1 | 10,8 | 7,5 | 8,6 |
| 9 | 6,6 | 9,2 | 8,5 | 7,4 | 9,1 | 4,9 | 6,2 | 4,4 |
| 10 | 5,2 | 3,8 | 5,9 | 5,3 | 3,6 | 4,9 | 7,8 | 7,0 |
| 11 | 6,7 | 1,1 | 4,6 | 5,7 | 7,0 | 3,7 | 7,5 | 6,2 |
| 12 | 5,3 | 0,6 | 4,8 | 5,2 | 5,4 | 9,3 | 7,5 | 6,2 |
| 13 | 3,3 | 0,0 | 3,9 | 3,3 | 1,8 | 1,6 | 0,8 | 1,8 |
| 14 | 5,3 | 0,6 | 3,9 | 3,3 | 1,8 | 1,6 | 0,8 | 1,8 |
| 15 | 3,3 | 0,0 | 4,9 | 6,7 | 4,7 | 4,5 | 3,2 | 4,1 |
| 16 | 7,4 | 0,0 | 4,5 | 2,3 | 7,0 | 5,8 | 2,2 | 5,8 |
| 17 | 2,0 | 0,0 | 5,7 | 1,2 | 4,2 | 0,0 | 3,3 | 3,8 |
| 18 | 0,7 | 0,0 | 3,4 | 1,4 | 1,8 | 0,0 | 3,8 | 2,0 |
| 19 | 1,2 | 0,0 | 1,9 | 1,6 | 3,2 | 0,0 | 9,5 | 3,7 |
| 20 | 1,7 | 0,0 | 4,5 | 1,1 | 0,6 | 0,0 | 0,0 | 0,5 |
| 21 | 1,0 | 0,0 | - | - | 0,0 | - | - | 0,0 |
| | - | - | 0,0 | 0,0 | 0,0 | - | - | 0,0 |
| | - | - | 0,0 | 0,0 | 4,6 | 6,0 | 5,3 | 4,9 |
| Média | 5,1 | 7,0 | 6,2 | 5,6 | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 12

*Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade
1990 - Brasil Metropolitano*

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | Total |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| | | | | 9,9 | 6,1 | 13,8 | 4,9 | 6,2 |
| 10-14 | 11,0 | 5,7 | 9,5 | 12,0 | 10,7 | 12,3 | 11,9 | 11,3 |
| 15-19 | 12,9 | 15,5 | 10,4 | 9,1 | 8,9 | 11,2 | 9,0 | 5,5 |
| 20-24 | 8,1 | 12,7 | 10,0 | 6,5 | 5,2 | 8,1 | 5,7 | 4,0 |
| 25-29 | 6,1 | 7,5 | 6,9 | 4,5 | 3,2 | 6,6 | 4,9 | 3,0 |
| 30-34 | 3,9 | 6,1 | 5,3 | 3,5 | 2,9 | 2,3 | 3,2 | 1,5 |
| 35-39 | 3,3 | 3,8 | 3,8 | 3,3 | 1,3 | 1,4 | 2,0 | 0,7 |
| 40-44 | 3,6 | 3,6 | 2,8 | 2,1 | 0,6 | 4,1 | 0,1 | 0,5 |
| 45-49 | 1,7 | 2,0 | 3,0 | 3,4 | 0,8 | 0,6 | 0,0 | 0,5 |
| 50-54 | 1,7 | 2,0 | 4,2 | 3,4 | 0,7 | 0,0 | 0,3 | 0,7 |
| 55-59 | 3,1 | 3,9 | 2,2 | 2,0 | 0,9 | 0,0 | 0,6 | 0,0 |
| 60-64 | 2,1 | 0,0 | 1,1 | 0,9 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 0,9 | 0,0 | 2,2 | 1,2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 1,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Média | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 4,6 | 6,0 | 5,6 | 4,9 |
| | 5,1 | 7,0 | 6,2 | 5,6 | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, *Tabulações Especiais*

TABELA 13
Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade,
1990 - Belém

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | Total |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 0,0 | 0,0 | 2,9 | 2,3 | 0,0 | - | 4,8 | 3,3 |
| 15-19 | 5,0 | 0,0 | 11,2 | 9,7 | 7,4 | - | 9,7 | 8,8 |
| 20-24 | 9,6 | 0,0 | 9,7 | 9,3 | 10,0 | - | 9,3 | 9,3 |
| 25-29 | 4,9 | 13,4 | 6,4 | 6,3 | 13,8 | - | 3,1 | 5,5 |
| 30-34 | 1,1 | 0,0 | 2,4 | 2,0 | 3,4 | - | 4,2 | 3,8 |
| 35-39 | 0,0 | 0,0 | 3,5 | 2,4 | 1,7 | - | 2,7 | 2,3 |
| 40-44 | 4,6 | 0,0 | 1,6 | 2,5 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 45-49 | 0,0 | 0,0 | 0,8 | 0,6 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 50-54 | 0,0 | 0,0 | 1,6 | 1,0 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 55-59 | 0,0 | 0,0 | 1,7 | 1,1 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 60-64 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | - | 4,1 | 4,1 |
| Média | 3,1 | 2,9 | 5,0 | 4,4 | 4,9 | - | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

TABELA 14
Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade,
1990 - Brasília

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 0,0 | 0,0 | 7,7 | 5,6 | 0,0 | 0,0 | 33,3 | 6,7 |
| 15-19 | 11,9 | 0,0 | 6,7 | 8,5 | 13,0 | 0,0 | 10,3 | 11,3 |
| 20-24 | 4,9 | 0,0 | 13,6 | 9,9 | 7,7 | 0,0 | 5,2 | 6,1 |
| 25-29 | 2,8 | 0,0 | 3,9 | 3,2 | 0,9 | 0,0 | 4,1 | 2,5 |
| 30-34 | 1,2 | 25,0 | 5,6 | 4,6 | 3,5 | 0,0 | 1,2 | 2,3 |
| 35-39 | 5,3 | 0,0 | 2,9 | 4,0 | 1,1 | 0,0 | 3,6 | 2,3 |
| 40-44 | 0,0 | 0,0 | 3,7 | 1,7 | 1,7 | 0,0 | 3,2 | 2,4 |
| 45-49 | 0,0 | 0,0 | 1,6 | 0,9 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 50-54 | 0,0 | 0,0 | 2,3 | 2,2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-59 | 2,2 | 0,0 | 5,0 | 1,7 | 7,2 | 0,0 | 0,0 | 4,4 |
| 60-64 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Média | 3,2 | 4,0 | 5,9 | 4,6 | 3,7 | 0,0 | 4,0 | 3,7 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

TABELA 15

Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade,
1990 - Fortaleza

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 0,0 | 0,0 | 9,1 | 6,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 15-19 | 7,8 | 33,3 | 8,6 | 8,7 | 9,0 | 0,0 | 10,8 | 10,1 |
| 20-24 | 8,8 | 0,0 | 12,2 | 10,9 | 7,6 | 16,7 | 7,2 | 7,5 |
| 25-29 | 6,5 | 0,0 | 5,1 | 5,5 | 10,9 | 0,0 | 5,0 | 7,4 |
| 30-34 | 4,1 | 14,3 | 5,3 | 5,1 | 2,7 | 25,1 | 4,8 | 4,1 |
| 35-39 | 1,1 | 0,0 | 1,5 | 1,3 | 1,2 | 20,0 | 3,9 | 3,3 |
| 40-44 | 0,0 | 50,0 | 5,0 | 3,7 | 0,0 | 0,0 | 4,3 | 2,4 |
| 45-49 | 0,0 | 0,0 | 1,7 | 2,8 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 50-54 | 5,0 | 0,0 | 6,5 | 5,3 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-54 | 3,8 | 0,0 | 4,6 | 4,1 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-59 | 3,3 | 0,0 | 2,9 | 3,5 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 60-64 | 4,3 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Média | 4,5 | 9,1 | 6,2 | 5,7 | 4,3 | 11,1 | 4,9 | 4,8 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

TABELA 16
Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade,
1990 - Recife

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 0,0 | 12,5 | 0,0 | 1,5 | 25,0 | 0,0 | 0,0 | 4,5 |
| 15-19 | 12,3 | 7,1 | 10,0 | 10,2 | 11,1 | 7,1 | 8,5 | 9,3 |
| 20-24 | 10,7 | 17,4 | 10,1 | 10,7 | 13,3 | 0,0 | 9,6 | 10,5 |
| 25-29 | 5,6 | 0,0 | 11,5 | 8,9 | 2,3 | 5,9 | 5,8 | 4,3 |
| 30-34 | 2,3 | 7,1 | 5,1 | 4,3 | 6,0 | 7,7 | 6,0 | 6,0 |
| 35-39 | 2,8 | 0,0 | 1,7 | 2,0 | 0,9 | 14,3 | 0,8 | 1,3 |
| 40-44 | 4,3 | 0,0 | 2,5 | 3,0 | 1,0 | 5,6 | 2,5 | 2,0 |
| 45-49 | 0,0 | 0,0 | 4,7 | 2,8 | 0,0 | 0,0 | 1,6 | 0,8 |
| 50-54 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,7 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-59 | 1,7 | 0,0 | 1,8 | 4,1 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 60-64 | 7,9 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Média | 4,9 | 4,9 | 6,4 | 5,8 | 4,3 | 5,0 | 4,7 | 4,5 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabelações Especiais

TABELA 17
Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade,
1990 - Salvador

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 0,0 | 0,0 | 9,8 | 5,6 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 15-19 | 18,2 | 12,8 | 11,4 | 12,6 | 13,3 | 19,4 | 13,2 | 14,4 |
| 20-24 | 16,7 | 36,2 | 12,4 | 17,2 | 10,0 | 20,3 | 20,4 | 18,5 |
| 25-29 | 16,7 | 36,2 | 12,4 | 11,6 | 4,7 | 18,0 | 10,2 | 9,9 |
| 30-34 | 8,1 | 11,0 | 13,3 | 8,5 | 4,2 | 9,3 | 6,0 | 6,0 |
| 35-39 | 3,9 | 14,6 | 8,8 | 6,7 | 1,8 | 4,8 | 4,7 | 4,4 |
| 40-44 | 6,3 | 7,9 | 6,6 | 4,1 | 5,4 | 3,7 | 1,7 | 3,0 |
| 45-49 | 0,0 | 6,3 | 5,7 | 3,5 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 50-54 | 3,4 | 0,0 | 4,3 | 5,7 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-59 | 5,9 | 13,3 | 3,5 | 5,5 | 0,0 | 0,0 | 3,6 | 2,1 |
| 60-64 | 4,2 | 0,0 | 8,6 | 1,6 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 3,6 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Média | 6,6 | 12,8 | 9,1 | 9,1 | 4,7 | 11,0 | 8,7 | 8,2 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

TABELA 18

Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade,
1990 - Belo Horizonte

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 7,1 | 14,3 | 7,3 | 7,9 | 0,0 | 25,0 | 13,0 | 8,3 |
| 15-19 | 12,7 | 9,1 | 18,9 | 16,4 | 6,4 | 0,0 | 8,1 | 6,9 |
| 20-24 | 5,6 | 10,4 | 8,3 | 7,2 | 6,0 | 2,5 | 8,8 | 7,0 |
| 25-29 | 6,6 | 16,0 | 7,0 | 7,5 | 4,5 | 0,0 | 4,4 | 4,1 |
| 30-34 | 5,9 | 2,4 | 5,4 | 5,5 | 1,0 | 6,1 | 5,8 | 3,5 |
| 35-39 | 4,4 | 6,1 | 3,9 | 4,3 | 2,2 | 0,0 | 4,1 | 2,9 |
| 40-44 | 1,1 | 4,3 | 2,9 | 2,0 | 0,7 | 4,3 | 1,1 | 1,2 |
| 45-49 | 2,7 | 5,6 | 3,6 | 3,3 | 0,9 | 5,6 | 0,0 | 1,0 |
| 50-54 | 1,7 | 18,8 | 4,7 | 4,1 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-59 | 1,7 | 1,8 | 1,8 | 2,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 60-64 | 2,5 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 5,9 | 3,1 |
| 65-69 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Média | 5,1 | 8,0 | 7,4 | 6,4 | 3,0 | 2,5 | 5,2 | 3,9 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

TABELA 19

**Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade,
1990 - São Paulo Metropolitano**

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 16,4 | 0,0 | 15,8 | 15,4 | 7,1 | 50,0 | 6,7 | 9,4 |
| 15-19 | 16,1 | 25,0 | 11,0 | 14,7 | 11,8 | 13,3 | 12,1 | 12,0 |
| 20-24 | 8,1 | 6,9 | 9,8 | 8,4 | 10,2 | 11,1 | 3,4 | 8,7 |
| 25-29 | 7,3 | 11,8 | 6,1 | 7,1 | 6,2 | 8,0 | 5,7 | 6,0 |
| 30-34 | 5,2 | 3,8 | 4,6 | 4,8 | 3,2 | 10,0 | 4,4 | 3,8 |
| 35-39 | 5,2 | 3,8 | 4,6 | 4,8 | 3,2 | 0,0 | 4,3 | 3,3 |
| 40-44 | 4,3 | 4,8 | 3,2 | 4,0 | 2,0 | 0,0 | 3,4 | 2,1 |
| 45-49 | 5,7 | 5,6 | 3,4 | 4,9 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 50-54 | 1,2 | 0,0 | 2,9 | 1,5 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-54 | 4,1 | 0,0 | 6,5 | 4,2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-59 | 3,3 | 0,0 | 2,9 | 2,9 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 60-64 | 3,3 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 60-64 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 5,6 | 6,4 | 5,1 | 5,3 |
| Média | 6,4 | 7,3 | 6,3 | 6,3 | 5,6 | 6,4 | 5,1 | 5,3 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

TABELA 20

*Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade,
1990 - Curitiba*

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| 10-14 | 17,5 | 0,0 | 8,3 | 15,4 | 9,1 | 0,0 | 20,0 | 10,7 |
| 15-19 | 8,9 | 12,5 | 5,3 | 8,3 | 6,9 | 16,6 | 14,3 | 8,7 |
| 20-24 | 7,4 | 7,7 | 11,5 | 8,0 | 5,8 | 0,0 | 9,1 | 6,1 |
| 25-29 | 2,0 | 2,5 | 1,9 | 2,3 | 3,6 | 0,0 | 7,7 | 4,0 |
| 30-34 | 0,7 | 0,0 | 8,0 | 1,9 | 4,2 | 0,0 | 4,0 | 4,1 |
| 35-39 | 1,4 | 0,0 | 2,2 | 1,5 | 3,1 | 0,0 | 0,0 | 2,6 |
| 40-44 | 1,7 | 0,0 | 5,0 | 2,0 | 0,9 | 0,0 | 6,2 | 1,5 |
| 45-49 | 0,7 | 16,7 | 0,0 | 1,1 | 1,3 | 0,0 | 0,0 | 1,2 |
| 50-54 | 0,7 | 16,7 | 0,0 | 3,2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-54 | 2,9 | 0,0 | 6,7 | 3,2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-59 | 1,4 | 0,0 | 20,0 | 2,4 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 60-64 | 3,8 | - | 0,0 | 3,1 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Média | 3,6 | 8,7 | 5,6 | 4,0 | 3,7 | 4,0 | 6,8 | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabelações Especiais

TABELA 21

*Desemprego (%), por Sexo, Cor e Idade,
1990 - Porto Alegre*

| Idade | Homens | | | | Mulheres | | | |
|-------|--------|-------|-------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | Cor | | | Total | Cor | | | Total |
| | Branco | Preto | Pardo | | Branca | Preta | Parda | |
| | | | | 4,5 | 18,2 | 0,0 | 0,0 | 16,7 |
| 10-14 | 3,4 | 0,0 | 12,5 | 4,5 | 12,7 | 8,3 | 20,0 | 13,1 |
| 15-19 | 7,7 | 19,4 | 3,4 | 8,4 | 6,7 | 8,0 | 11,1 | 7,0 |
| 20-24 | 5,2 | 16,7 | 13,2 | 6,6 | 2,7 | 2,6 | 5,9 | 2,8 |
| 25-29 | 7,1 | 0,0 | 5,0 | 6,4 | 3,1 | 0,0 | 0,0 | 2,7 |
| 30-34 | 3,2 | 3,2 | 3,3 | 3,2 | 1,7 | 0,0 | 0,0 | 1,5 |
| 35-39 | 2,3 | 2,7 | 4,2 | 2,4 | 2,8 | 5,0 | 0,0 | 2,7 |
| 40-44 | 1,8 | 0,0 | 0,0 | 1,6 | 1,9 | 0,0 | 0,0 | 1,6 |
| 45-49 | 3,4 | 0,0 | 4,4 | 3,3 | 0,9 | 8,3 | 0,0 | 1,5 |
| 50-54 | 1,1 | 0,0 | 9,1 | 1,5 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 55-59 | 1,7 | 0,0 | 0,0 | 1,6 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 60-64 | 1,4 | 0,0 | 0,0 | 1,3 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 65-69 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 70-74 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| 75-79 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Média | 4,0 | 6,0 | 5,7 | 4,2 | 4,1 | 3,0 | 4,6 | 4,1 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 22
Pessoas Economicamente Ocupadas por sexo e cor
BRASIL RURAL - 1990

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | | |
|--|--------|---------|--------|--------|----------|---------|--------|--------|-------|
| | TOTAL | | | | Total | Branças | Pretas | Pardas | Total |
| | | Branços | Pretos | Pardos | | | | | |
| Prof. Liberais | 0,0 | 0,0 | - | 0,0 | 0,0 | - | - | 0,0 | 0,0 |
| Prof. Liberais Empregados | 0,0 | 0,1 | - | 0,0 | 0,5 | 0,5 | 0,3 | 0,3 | 0,4 |
| Dignitários e Administradores | 0,5 | 0,7 | 0,3 | 0,4 | 0,1 | 0,8 | 0,9 | 0,2 | 0,5 |
| Outros Prof. Liberais | 0,2 | 0,2 | 0,0 | 0,1 | 0,3 | 0,4 | 0,1 | 0,3 | 0,4 |
| Funções Administ. Execução | 0,3 | 1,4 | 0,3 | 0,1 | 0,0 | 2,2 | 1,4 | 1,3 | 1,8 |
| Não-manual Rotina | 1,7 | 1,1 | 1,2 | 0,7 | 1,0 | 0,4 | 0,4 | 0,3 | 0,4 |
| Propri. Empregadores | 9,8 | 1,2 | 0,2 | 1,0 | 1,0 | 1,5 | 0,0 | 2,0 | 1,7 |
| Empresário Conta Própria | 1,0 | 1,7 | 0,4 | 1,0 | 1,0 | 6,6 | 3,0 | 5,7 | 6,1 |
| Téc. Artista, Supervisor de Trab. Manual | 2,5 | 1,5 | 0,5 | 0,7 | 1,0 | 0,2 | - | 0,1 | 0,1 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 1,4 | 1,0 | 1,0 | 1,3 | 2,0 | 0,2 | 0,4 | 10,4 | 10,7 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 9,0 | 8,4 | 11,5 | 7,8 | 8,3 | 11,0 | 11 | 16 | 47 |
| Classe Trab. Serviços | 3,6 | 3,8 | 2,0 | 2,6 | 3,2 | 4,8 | 4,4 | 1,3 | 1,5 |
| Trab. Man. Cont. Prop. | 0,7 | 0,9 | 0,2 | 0,0 | 0,7 | 1,7 | - | 1,5 | 16,7 |
| Trab. Serv. Doméstico | 0,0 | 2,5 | 3,1 | 2,2 | 2,4 | 14,3 | 29,4 | 1,5 | 1,2 |
| Vendedor Ambulante | 0,8 | 0,0 | 1,1 | 0,8 | 0,7 | 0,8 | 2,0 | 0,2 | 0,3 |
| Propri. Agropecuária | 2,3 | 4,0 | 1,1 | 2,4 | 3,1 | 0,3 | 0,5 | 0,1 | 0,1 |
| Téc. Admin. Agropec. | 1,0 | 3,0 | 2,8 | 2,2 | 2,6 | 0,1 | - | 0,8 | 5,5 |
| Prod. Agric. Autônomo | 20,9 | 30,0 | 19,8 | 25,4 | 27,3 | 3,9 | 7,3 | 0,8 | 48,0 |
| Trab. Manuais Rurais | 45,3 | 37,2 | 52,7 | 50,3 | 44,2 | 49,5 | 42,0 | 47,0 | 48,0 |

Fonte: PNAD do ano, Tabulações Especiais

Tabela 23
Pessoas Economicamente Ativas por sexo e cor
BRASIL URBANO NÃO-METROPOLITANO - 1990

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | | |
|---|--------|---------|--------|--------|----------|---------|--------|--------|-------|
| | TOTAL | HOMENS | | | Total | Branças | Pretas | Pardas | Total |
| | | Branços | Pretos | Pardos | | | | | |
| | | | | | 0,4 | 0,3 | - | 0,0 | 0,2 |
| Prof. Liberais | 0,3 | 0,7 | 0,1 | 0,1 | 0,7 | 0,7 | - | 0,2 | 0,5 |
| Prof. Liberais Empregados | 0,7 | 1,1 | 0,1 | 0,3 | 3,8 | 3,9 | 0,4 | 1,8 | 3,0 |
| Empregados e Dirigentes e Administradores | 3,5 | 4,8 | 1,1 | 2,2 | 1,5 | 4,4 | 0,8 | 2,2 | 3,4 |
| Outros Prof. Liberais | 2,3 | 1,0 | 0,7 | 0,8 | 2,8 | 3,1 | 0,5 | 1,7 | 2,4 |
| Funções Administrativas | 2,7 | 3,3 | 0,6 | 2,0 | 5,3 | 12,1 | 4,2 | 6,8 | 9,8 |
| Execução | 7,2 | 6,3 | 3,4 | 3,0 | 6,1 | 3,1 | 0,2 | 0,0 | 2,2 |
| Não-manual Roteira | 4,8 | 7,7 | 1,8 | 3,0 | 5,1 | 3,0 | 2,4 | 4,4 | 4,0 |
| Pront. Empregados | | 5,3 | 2,3 | 5,2 | 5,7 | 12,2 | 0,0 | 9,7 | 11,0 |
| Empresário Cont. Propria | | 5,2 | 5,4 | 4,8 | | | | | |
| Tec. Assista. Supervisor de Trab. Manual | 7,0 | | 10,1 | 8,1 | 9,1 | 0,4 | 0,0 | 0,6 | 9,4 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 6,0 | 9,6 | 27,1 | 24,0 | 20,8 | 13,2 | 16,0 | 12,0 | 12,8 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 18,2 | 12,8 | 10,5 | 13,1 | 12,7 | 11,7 | 9,1 | 10,7 | 11,2 |
| Classe Trab. Serviços | 0,8 | 2,8 | 1,1 | 2,7 | 2,7 | 4,1 | 1,0 | 3,8 | 3,0 |
| Trab. Man. Cont. Prop. | 3,2 | 4,5 | 8,9 | 5,5 | 5,0 | 21,3 | 1,9 | 4,0 | 3,1 |
| Trab. Serv. Doméstico | 14,2 | 2,2 | 1,8 | 4,1 | 2,9 | 2,7 | - | 0,1 | 0,2 |
| Vendedor Ambulante | 3,0 | 2,2 | 0,1 | 1,2 | 1,7 | 0,2 | 0,0 | 0,0 | 0,4 |
| Propr. Agropecuária | 1,1 | 2,0 | 0,8 | 0,8 | 3,2 | 0,3 | 0,5 | 0,5 | 0,4 |
| Tec. Admin. Agropec. | 0,7 | 2,7 | 3,7 | 4,1 | | | | | |
| Prod. Agric. Autônomo | 2,2 | | 19,4 | 13,3 | 9,5 | 2,3 | 7,1 | 4,0 | 3,1 |
| Trab. Manuais Rurais | 7,2 | 0,5 | | | | | | | |

Tabela 24
Pessoas Economicamente Ocupadas por sexo e cor
BRASIL METROPOLITANO - 1990

| | TOTAL | HOMENS | | | MULHERES | | | | |
|--|--------------|--------------|--------------|--------------|------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 0,5 | 0,8 | 0,4 | 0,1 | 0,6 | 0,5 | 0,0 | 0,1 | 0,3 |
| Prof. Liberais Empregados | 1,7 | 2,0 | 0,4 | 0,3 | 2,0 | 1,8 | - | 0,3 | 1,2 |
| Empregados | 5,3 | 8,2 | 2,4 | 3,0 | 6,2 | 5,3 | 0,9 | 2,2 | 4,0 |
| Dirigentes e Administradores | 3,3 | 3,3 | 0,6 | 1,3 | 2,5 | 6,1 | 1,1 | 1,7 | 4,4 |
| Outros Prof. Liberais | 4,4 | 5,1 | 2,1 | 2,3 | 4,2 | 4,0 | 1,3 | 2,3 | 3,9 |
| Funções Administr. Execução | 10,5 | 8,3 | 5,6 | 7,8 | 7,9 | 17,5 | 7,5 | 10,5 | 14,5 |
| Não-manual conta própria | 4,4 | 7,5 | 2,1 | 2,8 | 3,6 | 3,1 | 3,1 | 3,6 | 3,2 |
| Empresário Conta Própria | 3,0 | 4,1 | 0,9 | 7,8 | 8,5 | 11,0 | 8,5 | 7,0 | 10,0 |
| Téc. Artista, Supervisor do Trab. Manual | 9,1 | 9,0 | 14,0 | 13,0 | 12,2 | 1,0 | 1,2 | 1,0 | 1,0 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 7,7 | 11,0 | 26,0 | 24,4 | 18,1 | 11,0 | 10,0 | 14,8 | 12,8 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 10,0 | 14,1 | 17,1 | 16,5 | 15,2 | 11,4 | 9,4 | 12,7 | 11,0 |
| Classe Trab. Serviços | 15,7 | 14,4 | 1,2 | 1,7 | 2,2 | 2,0 | 1,5 | 3,3 | 2,8 |
| Trab. Man. Cont. Prop. | 2,5 | 2,0 | 12,0 | 9,2 | 6,9 | 15,4 | 50,1 | 34,5 | 24,0 |
| Trab. Serv. Doméstico | 13,7 | 5,3 | 3,9 | 3,8 | 2,0 | 3,6 | 3,4 | 3,9 | 3,7 |
| Vendedor Ambulante | 3,2 | 2,2 | 1,7 | 2,6 | 1,4 | 0,1 | 0,3 | 0,2 | 0,1 |
| Ocupações Rurais | 0,8 | 1,0 | 100,0 | 100,0 | 100 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| TOTAL | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Tabela 25
PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR SEXO E COR 1990
Região Metropolitana de Belém

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|--|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Pretas | Pardas | Total |
| | | | 0.4 | 0.6 | 0.3 | - | 0.1 | 0.2 |
| Prof. Liberais | 1.1 | 1.0 | 1.4 | 1.9 | 4.2 | - | 1.3 | 2.0 |
| Prof. Liberais Empregados | 3.3 | - | 3.2 | 5.0 | 5.0 | - | 2.2 | 3.0 |
| Dirigentes e Administradores | 9.6 | - | 1.7 | 2.4 | 6.2 | - | 9.7 | 4.3 |
| Outros Prof. Liberais | 4.2 | 1.7 | 3.7 | 4.0 | 7.4 | 2.5 | 3.9 | 4.7 |
| Funções Administ. Execução | 5.4 | - | 8.0 | 7.8 | 12.8 | 5.0 | 9.8 | 10.5 |
| Não-manual Rotina | 6.8 | 10.0 | 4.7 | 6.4 | 2.7 | - | 1.7 | 1.9 |
| Propr. Empregadores | 10.0 | 5.0 | 6.6 | 5.9 | 7.4 | 5.0 | 5.3 | 5.8 |
| Empresário Conta Própria | 4.8 | 3.4 | 8.3 | 8.2 | 14.0 | 7.5 | 9.1 | 10.3 |
| Tec, Artista, Supervisor do Trab. Manual | 8.5 | 5.0 | 9.7 | 8.8 | - | - | 0.1 | 0.1 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 6.8 | 6.6 | 16.2 | 14.3 | 11 | 15.0 | 8.2 | 9.1 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 9.4 | 19.9 | 17.4 | 16.5 | 7.7 | 2.5 | 10.6 | 9.6 |
| Classe Trab. Serviços | 13.1 | 25.0 | 3.1 | 3.2 | 4.5 | - | 5.3 | 4.9 |
| Trab. Man. Cont. Prop. | 3.3 | 3.3 | 7.0 | 7.1 | 13.4 | 57.5 | 32.0 | 28.0 |
| Trab. Serv. Doméstico | 7.0 | 10.0 | 6.5 | 6.0 | 3.6 | 5.0 | 6.3 | 5.5 |
| Vendedor Ambulante | 4.8 | 6.7 | 2.0 | 2.0 | - | - | 0.3 | 0.3 |
| Ocupações Rurais | 1.8 | 1.7 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 0 | 0 | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 26
PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR SEXO E COR, 1990
Região Metropolitana de Brasília

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|---|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 0.8 | - | - | 0.4 | 0.7 | - | - | 0.3 |
| Prof. Liberais Empregados | 4.8 | - | 0.6 | 2.6 | 3.1 | - | 0.9 | 1.9 |
| Direntes e Administradores | 9.6 | 4.5 | 5.1 | 7.2 | 7.7 | - | 3.0 | 5.1 |
| Outros Prof. Liberais | 7.0 | - | 2.7 | 4.6 | 7.3 | - | 3.9 | 5.3 |
| Funções Administ. Execução | 7.8 | 6.7 | 4.2 | 6.0 | 8.1 | 2.6 | 5.9 | 6.9 |
| Não-manual Rotina | 9.8 | 11.1 | 8.8 | 9.3 | 15.4 | 5.1 | 13.9 | 14.3 |
| Proprietários Empregadores | 8.1 | 2.2 | 4.9 | 6.3 | 3.1 | 2.6 | 1.4 | 2.3 |
| Empresário Conta Própria | 2.0 | 2.2 | 3.2 | 2.6 | 3.1 | 2.6 | 2.1 | 2.6 |
| Tec., Artista, Supervisor de Trab. Manual | 13.0 | 13.3 | 12.5 | 12.8 | 12.6 | 10.2 | 8.5 | 10.5 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 4.4 | 8.9 | 7.0 | 5.9 | 0.2 | - | 0.5 | 0.4 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 8.6 | 22.2 | 16.4 | 13.0 | 4.3 | - | 6.8 | 5.4 |
| Classe Trab. Serviços | 11.5 | 11.1 | - | 14.0 | 8.3 | 10.3 | 12.0 | 10.1 |
| Trab. Man. Cont. Próp. | 2.3 | - | 18.1 | 1.9 | 1.4 | - | 1.6 | 1.4 |
| Trab. Serv. Doméstico | 5.5 | 15.6 | 10.3 | 8.2 | 21.7 | 66.7 | 35.5 | 30.0 |
| Vendedor Ambulante | 2.7 | - | 3.5 | 3.0 | 3.1 | - | 4.0 | 3.4 |
| Ocupações Rurais | 2.1 | 2.2 | 2.6 | 2.3 | - | - | 0.2 | 0.1 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNAD do Ano. Tabulações Especiais

Tabela 27
PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR SEXO E COR, 1990
Região Metropolitana de Fortaleza

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|--|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 1.0 | - | - | 0.3 | 0.3 | - | 0.1 | 0.2 |
| Prof. Liberais Empregados | 2.8 | 4.0 | 0.2 | 1.2 | 1.9 | - | 0.2 | 0.9 |
| Dirigentes e Administradores | 8.0 | - | 3.5 | 5.0 | 3.2 | - | 1.8 | 2.3 |
| Outros Prof. Liberais | 4.0 | 4.0 | 1.4 | 2.3 | 7.9 | - | - | - |
| Funções Administ. Execução | 4.4 | - | 1.6 | 2.6 | 9.0 | - | 0.7 | 3.6 |
| Não-manual Rotina | 7.7 | - | 5.5 | 6.2 | 13.1 | 4.2 | 2.3 | 5.1 |
| Proprietários Empregadores | 9.0 | - | 3.3 | 5.3 | 2.2 | 4.2 | 5.6 | 8.7 |
| Empresário Conta Própria | 8.9 | - | 5.9 | 6.8 | 4.4 | - | 1.7 | 1.9 |
| Tec, Artista, Supervisor do Trab. Manual | 7.9 | 4.0 | 5.7 | 6.4 | 13.1 | 8.3 | 5.5 | 5.1 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 5.7 | 8.0 | 9.6 | 7.9 | - | 4.2 | 6.8 | 9.4 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 11.1 | 12.0 | 24.8 | 19.9 | 15.6 | 8.3 | 28.1 | 22.8 |
| Classe Trab. Serviços | 14.5 | 20.0 | 14.9 | 14.8 | 7.6 | - | 8.5 | 8.0 |
| Trab. Man. Cont. Prop. | 2.7 | - | 1.8 | 2.1 | 3.2 | - | 4.1 | 3.7 |
| Trab. Serv. Doméstico | 5.1 | 16.0 | 10.0 | 8.4 | 14.9 | 54.2 | 30.0 | 24.2 |
| Vendedor Ambulante | 4.6 | - | 5.7 | 5.3 | 3.3 | 8.3 | 3.9 | 3.7 |
| Ocupações Rurais | 2.7 | 32.0 | 6.5 | 5.4 | 0.2 | 4.2 | 0.6 | 0.6 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 28
PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR SEXO E COR, 1990
 Região Metropolitana de Recife

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|---|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| | | | 0.1 | 0.4 | 1.0 | - | - | 0.4 |
| Prof. Liberais | 0.9 | - | 0.3 | 1.2 | 2.3 | - | 0.2 | 1.1 |
| Prof. Liberais Empregados | 2.8 | - | 3.9 | 5.9 | 3.9 | 1.1 | 2.3 | 2.9 |
| Dirigentes e Administradores | 10.1 | 1.3 | 2.1 | 5.1 | 2.1 | 2.4 | 3.4 | |
| Ouvros Prof. Liberais | 3.1 | 0.6 | 3.2 | 5.5 | 2.1 | - | 3.8 | |
| Funções Administ. Execução | 4.6 | 4.5 | 5.9 | 13.6 | 3.2 | 11.3 | 11.9 | |
| Não-manual Rotina | 6.1 | 2.6 | 4.4 | 2.6 | 1.1 | 1.6 | 2.0 | |
| Propr. Empregadores | 7.5 | - | 5.0 | 6.1 | 2.1 | 5.6 | 5.6 | |
| Empresário Conta Própria | 5.1 | 0.6 | 6.9 | 13.7 | 12.7 | 8.8 | 11.1 | |
| Tec., Artista, Supervisor do Trab. Manual | 6.5 | 3.8 | 7.5 | 10.9 | - | 2.2 | 0.4 | 0.3 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 8.1 | 10.9 | 12.4 | 18.8 | 8.4 | 5.3 | 12.1 | 10.1 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 13.2 | 29.4 | 20.8 | 14.6 | 9.2 | 6.3 | 9.6 | 9.2 |
| Classe Trab. Serviços | 14.5 | 11.5 | 2.2 | 2.4 | 4.2 | 1.1 | 5.3 | 4.6 |
| Trab. Man. Cont. Próp. | 2.9 | 0.6 | 9.7 | 20.2 | 59.0 | 32.1 | 28.6 | |
| Trab. Serv. Doméstico | 7.2 | 21.8 | 6.6 | 6.3 | 4.2 | 1.1 | 5.4 | 4.6 |
| Vendedor Ambulante | 5.5 | 7.1 | 2.6 | 2.1 | - | - | 0.2 | 0.2 |
| Ocupações Rurais | 1.0 | 3.8 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 0 | | | | |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 29
PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR SEXO E COR 1990
Região Metropolitana de Salvador

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|--|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 1.1 | - | 0.10 | 0.3 | 0.7 | - | - | 0.2 |
| Prof. Liberais Empregados | 6.2 | - | 0.2 | 1.7 | 3.7 | - | 0.2 | 1.0 |
| Dirigentes e Administradores | 13.0 | 2.4 | 3.6 | 5.8 | 8.1 | 1.7 | 3.2 | 4.2 |
| Outros Prof. Liberais | 5.7 | 1.5 | 1.5 | 2.5 | 9.5 | 1.7 | 2.2 | 3.9 |
| Funções Administ. Execução | 5.3 | 2.9 | 2.9 | 3.3 | 5.1 | 2.1 | 3.9 | 3.9 |
| Não-manual Rotina | 7.3 | 7.6 | 7.6 | 7.4 | 19.5 | 3.8 | 11.8 | 12.5 |
| Propr. Empregadores | 10.7 | 4.5 | 4.5 | 5.8 | 6.7 | 1.4 | 2.2 | 3.2 |
| Empresário Conta Própria | 3.8 | 4.1 | 4.1 | 3.9 | 4.4 | 6.6 | 5.5 | 5.5 |
| Tec, Artista, Supervisor do Trab. Manual | 12.0 | 1.0 | 1.0 | 9.3 | 10.0 | 8.8 | 11.1 | 10.6 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 5.0 | 12.2 | 12.20 | 10.0 | - | 0.7 | 0.1 | 0.3 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 5.3 | 19.4 | 19.4 | 16.8 | 4.4 | 4.8 | 9.1 | 7.2 |
| Classe Trab. Serviços | 10.9 | 16.9 | 16.9 | 15.0 | 9.5 | 10.5 | 12.6 | 11.5 |
| Trab. Man. Cont. Prop. | 2.8 | 2.1 | 2.1 | 2.3 | 1.6 | 2.8 | 3.9 | 3.1 |
| Trab. Serv. Doméstico | 4.9 | 9.6 | 9.6 | 9.0 | 13.5 | 50.7 | 29.1 | 28.7 |
| Vendedor Ambulante | 3.2 | 4.7 | 4.7 | 5.1 | 3.2 | 3.5 | 4.8 | 4.2 |
| Ocupações Rurais | 2.9 | 1.5 | 1.5 | 1.8 | - | 0.8 | 0.3 | 0.3 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 30
PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR SEXO E COR. 1990
Região Metropolitana de Belo Horizonte

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|--|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 1.2 | - | 0.1 | 0.6 | 0.8 | - | - | 0.4 |
| Prof. Liberais Empregados | 3.2 | 0.4 | 0.2 | 1.7 | 1.8 | - | 0.2 | 1.0 |
| Dirigentes e Administradores | 9.3 | 0.9 | 3.4 | 6.2 | 4.9 | - | 1.6 | 3.1 |
| Outros Prof. Liberais | 3.5 | 0.0 | 1.1 | 2.2 | 6.7 | 0.0 | 1.5 | 3.9 |
| Funções Administ. Execução | 6.8 | 2.5 | 3.2 | 4.9 | 3.6 | 1.3 | 1.7 | 2.6 |
| Não-manual Rotina | 8.6 | 3.4 | 6.2 | 7.2 | 18.7 | 2.6 | 10.5 | 13.8 |
| Propr. Empregadores | 9.1 | 4.3 | 4.8 | 6.9 | 3.9 | 0.4 | 1.5 | 2.6 |
| Empresário Conta Própria | 3.5 | 2.6 | 2.6 | 3.0 | 3.3 | 2.6 | 3.4 | 3.3 |
| Jec. Artista. Supervisor do Trab. Manual | 8.7 | 6.9 | 7.4 | 8.1 | 12.6 | 7.4 | 7.7 | 9.5 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 9.8 | 11.2 | 14.3 | 11.8 | 0.4 | 0.0 | 0.8 | 0.5 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 12.8 | 31.4 | 26.1 | 19.7 | 10.4 | 9.6 | 11.3 | 10.7 |
| Classe Trab. Serviços | 13.9 | 15.9 | 17.2 | 15.5 | 10.8 | 14.3 | 16.1 | 13.4 |
| Trab. Man. Cont. Próp. | 2.7 | 2.1 | 1.7 | 2.2 | 2.3 | 1.3 | 3.1 | 2.5 |
| Trab. Serv. Doméstico | 4.4 | 14.2 | 8.1 | 6.6 | 16.5 | 56.5 | 37.7 | 29.0 |
| Vendedor Ambulante | 1.4 | 1.7 | 2.2 | 1.8 | 3.1 | 3.5 | 2.5 | 2.8 |
| Ocupações Rurais | 1.0 | 2.5 | 1.4 | 1.2 | 0.2 | 0.4 | 0.5 | 0.3 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 31
PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR SEXO E COR 1990
Região Metropolitana do Rio de Janeiro

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|---|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 0.9 | 0.3 | 0.1 | 0.6 | 0.7 | 0.0 | 0.3 | 0.5 |
| Prof. Liberais Empregados | 3.7 | 0.5 | 0.2 | 2.3 | 2.5 | 0.0 | 0.3 | 1.5 |
| Dirigentes e Administradores | 7.2 | 1.6 | 2.5 | 5.1 | 4.4 | 0.7 | 1.8 | 3.1 |
| Outros Prof. Liberais | 3.8 | 0.3 | 1.1 | 2.6 | 6.1 | 0.1 | 1.5 | 4.1 |
| Funções Administ. Execução | 6.4 | 1.1 | 2.4 | 4.5 | 6.5 | 1.1 | 1.0 | 4.2 |
| Não-manual Rotina | 8.9 | 4.9 | 8.8 | 8.5 | 16.8 | 5.9 | 11.4 | 13.9 |
| Proprietários Empregadores | 8.0 | 1.4 | 2.3 | 5.5 | 2.7 | 0.7 | 0.8 | 1.9 |
| Empresário Conta Própria | 3.9 | 2.5 | 1.2 | 2.9 | 2.5 | 2.2 | 2.9 | 2.6 |
| Téc., Artista, Supervisor do Trab. Manual | 9.7 | 9.0 | 9.5 | 9.6 | 13.1 | 6.7 | 6.9 | 10.4 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 7.8 | 13.4 | 14.6 | 10.5 | 0.6 | 1.1 | 0.6 | 0.7 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 10.7 | 26.7 | 23.4 | 16.4 | 10.9 | 11.5 | 14.1 | 12.0 |
| Classe Trab. Serviços | 16.4 | 18.0 | 16.7 | 16.6 | 11.3 | 6.3 | 14.3 | 11.7 |
| Trab. Man. Cont. Prop. | 12.3 | 1.1 | 1.4 | 1.9 | 2.2 | 2.2 | 3.1 | 2.5 |
| Trab. Serv. Doméstico | 6.2 | 13.9 | 10.8 | 8.4 | 13.9 | 57.4 | 36.6 | 25.8 |
| Vendedor Ambulante | 2.6 | 4.1 | 3.3 | 3.0 | 5.6 | 2.6 | 4.4 | 4.9 |
| Ocupações Rurais | 1.3 | 1.4 | 1.8 | 1.5 | 0.2 | 0.4 | 0.1 | 0.1 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNAD do Ano. Tabulações Especiais

Tabela 32
PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR SEXO E COR, 1990
Região Metropolitana de São Paulo

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|--|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 0.6 | 1.3 | 0.0 | 0.5 | 0.2 | 0.0 | 0.2 | 0.2 |
| Prof. Liberais Empregados | 2.5 | 0.6 | 0.2 | 2.0 | 1.3 | 0.0 | 0.2 | 1.1 |
| Dirigentes e Administradores | 8.6 | 4.4 | 2.3 | 6.9 | 6.2 | 1.4 | 2.2 | 5.2 |
| Outros Prof. Liberais | 2.7 | 0.6 | 1.1 | 2.3 | 6.1 | 0.7 | 1.3 | 4.9 |
| Funções Administ. Execução | 4.7 | 3.2 | 1.6 | 3.8 | 4.0 | 0.7 | 1.5 | 3.3 |
| Não-manual Rotina | 8.2 | 6.3 | 8.3 | 8.0 | 19.3 | 14.5 | 9.4 | 16.7 |
| Proprietários Empregadores | 6.9 | 2.5 | 1.7 | 5.8 | 2.9 | 0.0 | 1.2 | 2.6 |
| Empresário Conta Própria | 4.1 | 3.2 | 1.6 | 3.4 | 2.9 | 3.6 | 2.7 | 2.8 |
| Téc. Artista, Supervisor do Trab. Manual | 9.1 | 3.2 | 5.9 | 8.0 | 10.4 | 10.9 | 5.0 | 9.3 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 13.7 | 20.3 | 18.0 | 15.1 | 1.6 | 2.2 | 2.8 | 1.7 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 15.0 | 25.9 | 29.0 | 18.5 | 13.0 | 15.2 | 19.3 | 14.6 |
| Classe Trab. Serviços | 14.3 | 19.0 | 17.3 | 15.0 | 12.2 | 10.9 | 12.2 | 12.0 |
| Trab. Man. Cont. Próp. | 2.5 | 0.6 | 1.6 | 2.3 | 2.4 | 0.7 | 2.7 | 2.6 |
| Trab. Serv. Doméstico | 5.0 | 6.3 | 7.6 | 3.6 | 14.1 | 33.3 | 35.5 | 19.7 |
| Vendedor Ambulante | 1.9 | 1.9 | 2.9 | 2.3 | 3.1 | 5.8 | 2.8 | 3.1 |
| Ocupações Rurais | 0.1 | 0.6 | 0.7 | 0.3 | 0.1 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNAD do Ano. Tabulações Especiais

Tabela 33
PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR SEXO E COR. 1990
Região Metropolitana de Curitiba

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|--|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branca | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 1.1 | - | 0.7 | 1.0 | 0.5 | - | - | 0.4 |
| Prof. Liberais Empregados | 2.2 | - | - | 1.9 | 1.2 | - | 0.6 | 1.3 |
| Dirigentes e Administradores | 7.3 | - | 3.3 | 6.5 | 4.4 | - | 2.5 | 4.3 |
| Outros Prof. Liberais | 3.0 | 5.4 | 0.3 | 2.6 | 5.2 | 8.3 | - | - |
| Funções Administ. Execução | 3.9 | 5.4 | 1.0 | 3.5 | 3.4 | - | 1.2 | 3.3 |
| Não-manual Rotina | 7.9 | 13.5 | 8.3 | 8.0 | 15.0 | 4.2 | 11.0 | 14.2 |
| Proprietários | 5.9 | - | 1.3 | 5.3 | 3.3 | - | - | 2.7 |
| Empresário Conta Própria | 4.6 | 2.7 | 2.3 | 4.3 | 3.6 | - | 2.5 | 3.3 |
| Tec, Artista, Supervisor do Trab. Manual | 8.2 | 8.1 | 6.9 | 8.1 | 12.5 | 4.2 | 7.4 | 11.7 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 10.1 | 13.5 | 13.5 | 10.7 | 1.0 | - | - | - |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 19.9 | 24.3 | 3.2 | 21.7 | 10.4 | 8.3 | 10.4 | 10.3 |
| Classe Trab. Serviços | 14.0 | - | 12.9 | 13.8 | 12.5 | 20.8 | 3.7 | 3.7 |
| Trab. Man. Cont. Próp. | 3.5 | 10.8 | 4.7 | 3.0 | 3.8 | - | 39.3 | 22.8 |
| Trab. Serv. Doméstico | 4.7 | 10.8 | 9.9 | 5.5 | 19.9 | 54.2 | 17.8 | 13.2 |
| Vendedor Ambulante | 1.2 | 2.7 | 3.6 | 1.5 | 2.6 | - | 2.5 | 2.5 |
| Ocupações Rurais | 2.5 | 2.7 | 2.9 | 2.7 | 1.0 | - | 0.6 | 0.9 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais

Tabela 34
PESSOAS ECONOMICAMENTE OCUPADAS POR SEXO E COR, 1990
Região Metropolitana de Porto Alegre

| | HOMENS | | | | MULHERES | | | |
|--|--------|--------|--------|-------|----------|--------|--------|-------|
| | Branco | Pretos | Pardos | Total | Branco | Pretas | Pardas | Total |
| Prof. Liberais | 0.8 | - | 1.1 | 0.8 | 0.6 | 0.5 | - | 0.6 |
| Prof. Liberais Empregados | 2.0 | - | 0.5 | 1.8 | 1.4 | - | 0.7 | 1.3 |
| Dirigentes e Administradores | 6.8 | 3.0 | 3.2 | 6.4 | 4.5 | 0.5 | 2.9 | 4.1 |
| Outros Prof. Liberais | 3.2 | 0.5 | 0.5 | 2.9 | 5.5 | 2.2 | 0.7 | 4.9 |
| Funções Administ. Execução | 5.9 | 2.0 | 3.1 | 5.5 | 3.8 | 2.2 | 2.2 | 3.5 |
| Não-manual Rotina | 8.0 | 9.0 | 7.9 | 8.0 | 15.8 | 8.1 | 13.2 | 15.0 |
| Proprietários Empregadores | 7.3 | 3.5 | 2.1 | 6.8 | 3.0 | - | 0.7 | 2.6 |
| Empresário Conta Própria | 3.6 | 0.5 | 3.2 | 3.4 | 2.4 | - | 0.7 | 2.1 |
| Téc. Artista, Supervisor do Trab. Manual | 7.4 | 1.0 | 6.3 | 7.5 | 9.8 | 9.2 | 6.6 | 9.6 |
| Classe Trab. Ind. Mod. | 13.1 | 13.0 | 14.2 | 13.1 | 1.4 | 0.5 | 1.5 | 1.1 |
| Classe Trab. Ind. Trad. | 20.4 | 29.5 | 33.1 | 21.6 | 16.8 | 9.8 | 21.3 | 16.5 |
| Classe Trab. Serviços | 11.8 | 16.5 | 13.2 | 12.1 | 11.8 | 12.5 | 13.2 | 11.9 |
| Trab. Man. Cont. Próp. | 2.4 | 1.5 | - | 2.3 | 3.6 | 0.5 | 0.7 | 3.2 |
| Trab. Serv. Doméstico | 4.8 | 8.0 | 8.4 | 5.2 | 17.0 | 52.7 | 33.1 | 20.8 |
| Vendedor Ambulante | 1.4 | 2.5 | 0.5 | 1.4 | 2.5 | 1.1 | 2.2 | 2.4 |
| Ocupações Rurais | 1.1 | 0.5 | 2.6 | 1.2 | 0.3 | - | - | 0.1 |
| TOTAL | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Fonte: PNAD do Ano, Tabulações Especiais